

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

Luciana Vargas Ronsani

**A NOÇÃO DE REFERÊNCIA EM BENVENISTE: EMPREGO DAS
FORMAS E EMPREGO DA LÍNGUA**

**Santa Maria, RS
2019**

Luciana Vargas Ronsani

**A NOÇÃO DE REFERÊNCIA EM BENVENISTE: EMPREGO DAS FORMAS E
EMPREGO DA LÍNGUA**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração de Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Doutora em Letras**.

Prof.^a Dr.^a. Eliana Rosa Sturza

**Santa Maria, RS
2019**

Ronsani, Luciana Vargas

A noção de referência em Benveniste: emprego das formas e emprego da língua / Luciana Vargas Ronsani.- 2019.

157 p.; 30 cm

Orientador: Eliana Rosa Sturza

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, RS, 2019

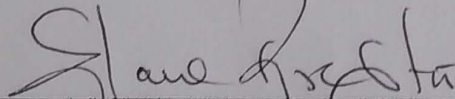
1. Émile Benveniste 2. Enunciação 3. Referência 4. Língua I. Rosa Sturza, Eliana II. Título.

Luciana Vargas Ronsani

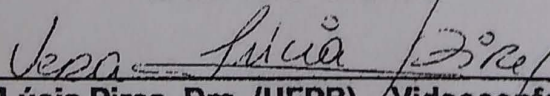
**A NOÇÃO DE REFERÊNCIA EM BENVENISTE: EMPREGO DAS FORMAS E
EMPREGO DA LÍNGUA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração de Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Doutora em Letras**.

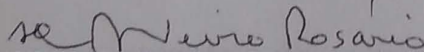
Aprovado em 28 de agosto de 2019:



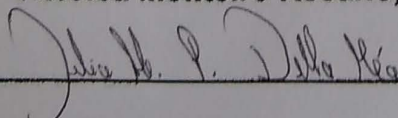
Eliana Rosa Sturza, Dra. (UFSM)
Presidente/Orientadora



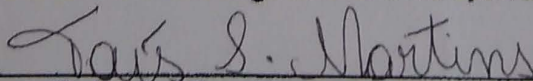
Vera Lúcia Pires, Dra. (UFPB) – Videoconferência



Heloísa Monteiro Rosário, Dra. (UFRGS)



Célia Helena de Pelegrini Della Mea, Dra. (UFSM)



Taís da Silva Martins, Dra. (UFSM)

Para meu pai, José Luiz, fonte de luz e amor.

Para o ar que respiro, meu querido e amado, Luís Otávio.

AGRADECIMENTOS

É difícil agradecer sem olhar nos olhos e utilizando somente duas páginas. Enquanto penso no que escrever, as lágrimas não cessam. Achei que seria fácil...

Professora Eliana, minha orientadora, há quase 10 anos estamos nesta vida compartilhando conhecimento e amizade. Obrigada por confiar em mim. Obrigada por me fazer professora.

Aos amigos e professores que a UFSM me trouxe, simplesmente vocês foram/são o alicerce da minha trajetória acadêmica, sem vocês seria incompleta. Obrigada pelo carinho e por entenderem meus devaneios.

Obrigada aos professores e às professoras que desde a qualificação de tese estão sendo gentis em contribuir para o andamento coerente deste trabalho.

Graças à UFSM, hoje estou exercendo com qualidade a profissão que tanto me é nobre. Agradeço, imensamente ao IFSC, campus Canoinhas, lugar onde o ensino, a pesquisa e a extensão me constituem, por permitir, via edital, a minha saída para a conclusão do doutorado.

Aos amigos de longa data, obrigada por serem vocês nas suas singularidades.

Por fim, e mais importante, agradeço à minha família:

Paula e Eliane, minhas queridas irmãs, sem vocês eu nada seria.

Jonas, meu padrasto, obrigada pelo carinho e suporte em todos os momentos.

Lucas e família, obrigada por permitirem a minha presença. Não imaginam o quanto sou feliz ao lado de vocês.

Aos padrinhos e madrinhas do Luís Otávio, saibam que nada nesta vida é por acaso. Vocês são os meus exemplos nesta jornada terrena.

Filho, amado filho, quem diria que você chegaria num momento de escrita e reflexão de tese. Você é o melhor de mim. Sou outra mulher com a sua presença. Obrigada por ser minha luz, quando tudo estava escuro. Te amo infinitamente.

Mãe, Tina, como gosta de ser chamada. Esta tese só está sendo defendida graças a senhora. Obrigada por ser uma mulher tão guerreira, tão amável, tão mãe e avó. Obrigada por me ensinar o caminho correto. Obrigada por não desistir de nós. Você segurou todas as pontas e me orgulho em dizer que sou sua filha.

Luciana...fruto da união de uma empregada doméstica com um soldador, ambos sem o ensino fundamental completo, a primeira da família a entrar numa universidade pública e a defender uma tese de doutorado.

“Gracias a la vida que me ha dado tanto” (Mercedes Sosa).

RESUMO

A NOÇÃO DE REFERÊNCIA EM BENVENISTE: EMPREGO DAS FORMAS E EMPREGO DA LÍNGUA

AUTORA: LUCIANA VARGAS RONSANI
ORIENTADORA: ELIANA ROSA STURZA

O presente trabalho tem como objetivo compreender, analisar e interpretar como Émile Benveniste, em sua obra, emprega a palavra *referência* e a significa. Para alcançá-lo, evidenciamos, primeiramente, o lugar do autor nos estudos sobre a linguagem e, conseqüentemente, os efeitos de suas ideias linguísticas para esta investigação. Selecionamos um *corpus* textual que se constituiu de alguns enunciados que compareciam nos livros Problemas de Linguística Geral I e II (BENVENISTE, 2005-2006). Pela metodologia disposta em *Os níveis da análise linguística* (BENVENISTE, 2005), compreendemos que Benveniste sugere analisar a linguagem por dois vieses: o do semiótico e do semântico. Para responder o questionamento entorno do objeto recortado, a *referência*, sondamos o *corpus* textual, conforme elemento localizador, e evidenciamos, pela noção de *conjunto de formas*, a distribuição de alguns signos linguísticos que poderiam ser substituíveis da forma *referência*. Nesta perspectiva, adentramos no nível semiótico da língua para compreender as relações entre esses elementos que se significam por suas relações de proximidades e/ou oposição a outros signos do sistema da língua. Após este procedimento, baseamo-nos na definição de *conjunto de enunciados* para analisar os elementos selecionados empregados em um nível superior, o do enunciado. Esta análise, no nível semântico, permitiu interpretar como estes signos linguísticos integram a frase e produzem sentidos únicos e irrepetíveis na enunciação de Benveniste. Com nossas análises, sugerimos para o campo do conhecimento sobre a linguagem, algumas ideias linguísticas que permitem um ponto de vista acerca do que Benveniste considera por *referência*. A palavra *referência* significa, nos enunciados que constituem o *corpus* textual desta pesquisa, o sistema da língua do falante. Definimos isso, uma vez que estes *objetos concretos, sobre alguma coisa, sobre alguém, elementos da realidade, etc.*, são na verdade os signos convencionados pelo corpo social. Já estão na cultura na qual nasce o falante. Além disso, nos textos do autor que tem como tema a subjetividade na linguagem, os pronomes, estrutura verbal, percebemos outra forma de empregar a palavra *referência*: enquanto categoria de não-pessoa. Por fim, como consideramos o enunciado como resultado da língua em ação, podemos dizer que ele é constituído de *elementos variáveis, de um verdadeiro plural de sentidos, etc.* Nessa ótica, entendemos que a *referência* no seu sentido global, não poderia substituir o enunciado, já que, para nós, ela é a língua, enquanto sistema de signos.

Palavras-chave: Émile Benveniste; enunciação; referência; língua.

RESUMEN

LA NOCIÓN DE REFERENCIA EN BENVENISTE: EMPLEO DE LAS FORMAS Y EMPLEO DE LA LENGUA

AUTORA: LUCIANA VARGAS RONSANI
DIRECTORA: ELIANA ROSA STURZA

El presente trabajo tiene como objetivo comprender, analizar e interpretar cómo Émile Benveniste enuncia la palabra *referencia* y la significa en su obra. Para cumplirlo, evidenciamos, primeramente, el lugar del autor en los estudios sobre el lenguaje y, consecuentemente, los efectos de sus ideas lingüísticas para esta investigación. Seleccionamos un *corpus* textual que se constituyó de algunos enunciados que comparecían en los libros Problemas de Lingüística General I e II (BENVENISTE, 2005-2006). Por la metodología disponible en *Los niveles de análisis lingüística*, comprendemos que Benveniste sugiere analizar el lenguaje por dos vieses: el del semiótico y del semántico. Para responder el cuestionamiento entorno del objeto recortado, la *referencia*, sondamos el *corpus* textual, según elemento localizador, y evidenciamos, por la noción de *conjunto de formas*, a distribución de algunos signos lingüísticos que podrían ser sustituibles de la forma *referencia*. En esta perspectiva, adentramos en el nivel semiótico de la lengua para comprender las relaciones entre esos elementos que se significan por sus relaciones de cercamiento y/u oposición a otros signos del sistema de la lengua. Después de este procedimiento, nos basamos en la definición de *conjunto de enunciados* para analizar los elementos seleccionados empleados en un nivel superior, el del enunciado. Este análisis, en el nivel semántico, permitió interpretar cómo estos signos lingüísticos integran la frase y producen sentidos únicos e irrepetibles en la enunciación de Benveniste. Con nuestros análisis, sugerimos al campo del conocimiento sobre el lenguaje, algunas ideas lingüísticas que permiten un punto de vista acerca de lo que Benveniste considera por *referencia*. La palabra *referencia* significa, en los enunciados que constituyen el *corpus* textual, el sistema de la lengua del hablante. Definimos eso, una vez que estos *objetos concretos, sobre alguna cosa, sobre alguien, elementos da realidad, etc.*, son en la verdad los signos convencionales por la sociedad. Ya están en la cultura en la cual nace el hablante. Además, en los textos del autor que tienen como temática la subjetividad en el lenguaje, los pronombres, estructura verbal, percibimos otra forma de enunciar la palabra *referencia*: como categoría de no-persona. Por fin, como consideramos el enunciado como resultado de la lengua en acción, podemos decir que él es constituido de elementos variables, de un verdadero plural de sentidos, etc. En esta óptica, entendemos que la *referencia* en su sentido global, no podría sustituir el enunciado, ya que, ella es la lengua como sistema de signos.

Palabras-clave: Émile Benveniste; enunciación; referencia; lengua.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Desenvolvimento da linguística.....	40
Quadro 2 - <i>Corpus</i> textual do PLG I (BENVENISTE, 2005).....	79
Quadro 3 - <i>Corpus</i> textual do PLG II (BENVENISTE, 2006).....	79
Quadro 4 - Referencial teórico – metodologia.....	81
Quadro 5 - Processo de substituição e distribuição de SO.....	120
Quadro 6 - Processo de substituição e distribuição de E1.....	121
Quadro 7 - Processo de substituição e distribuição de E2.....	121
Quadro 8 - Processo de substituição e distribuição de E3.....	122
Quadro 9 - Processo de substituição e distribuição de E4.....	122
Quadro 10 - Processo de substituição e distribuição de E5.....	122
Quadro 11 - Processo de substituição e distribuição de E6.....	123
Quadro 12 - Processo de substituição e distribuição de E7.....	123
Quadro 13 - Processo de substituição e distribuição de E8.....	124
Quadro 14 - Processo de substituição e distribuição de E9.....	124
Quadro 15 - Processo de substituição e distribuição de E10.....	124
Quadro 16 - Processo de substituição e distribuição de E11.....	125

SUMÁRIO

1 EU, SUJEITO	20
1.1 Trajetória Acadêmica	21
1.2 Problemática atual de pesquisa	26
1.3 Hipótese	27
1.4 Objetivos.....	28
1.4.1 Objetivo Geral	28
1.4.2 Objetivos Específicos.....	28
2 ÉMILE BENVENISTE, LINGUISTA	30
2.1 Émile Benveniste: uma breve apresentação	30
2.2 Tendências recentes em linguística geral (BENVENISTE, 2005)	33
2.2.1 Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística	37
2.2.2 A língua, objeto científico	40
2.2.2.1 A língua: sistema de signos linguísticos.....	41
2.2.2.1.1 O signo linguístico: unidade da língua.....	41
2.2.2.1.2 A noção de valor	44
2.2.2.1.1 Efeitos das ideias de Saussure para o desenvolvimento da linguística.....	47
2.3 Benveniste, linguista.....	48
2.3.1 O efeito das ideias linguísticas de Saussure nas de Benveniste.....	49
2.3.1.1 Sobre a “Natureza do signo linguístico” (BENVENISTE, 2005)	49
2.3.1.2 Sobre “A forma e o sentido na linguagem” (BENVENISTE, 2006)	51
2.3.1.2.1 O domínio semiótico.....	52
2.3.1.2.2 O domínio semântico	53
2.3.2 A linguagem não diz, nem oculta, mas ela significa	56
2.3.2.1 O mundo da significação: a cultura	56
2.3.2.2 A enunciação	59
2.3.2.2.1 A instância de discurso	60
2.3.2.2.2 A subjetividade na linguagem	64
2.4 O efeito Benveniste.....	66
3 DO EMPREGO DAS FORMAS AO EMPREGO DA LÍNGUA: A CONSTITUIÇÃO DE UM MODELO DE ANÁLISE.....	70
3.1 Algumas questões	74
3.1.1 Do recorte do objeto.....	74
3.1.1.1 A sondagem	74
3.1.1.2 Referenciação.....	75
3.2 Corpus textual	77

3.3 Algumas definições.....	79
3.3.1 Compreender e interpretar os objetivos desta tese	79
3.3.2 O sentido da forma linguística	79
3.4 Algumas ideias linguísticas.....	80
3.4.1 “Os níveis da análise linguística” (BENVENISTE, 2005).....	81
3.4.1.1 As duas articulações da linguagem: substituição e segmentação	82
3.4.1.2 A palavra.....	83
3.4.2 “A forma e o sentido na linguagem” (BENVENISTE, 2006).....	83
3.4.2.1 O domínio semiótico	83
3.4.1.3 Relações distribucionais.....	84
3.4.1.4 A frase	84
3.4.1.5 Relação integrativa.....	85
3.4.2.2 Domínio semântico.....	86
3.5 Conjunto de formas linguísticas	88
3.6 Conjunto de enunciados.....	91
3.7 Noção	93
.....	96
4 CONJUNTOS DE FORMAS LINGUÍSTICAS.....	96
4.1 Textos sondados	97
4.2 Operação por substituição (OS).....	118
5 CONJUNTOS DE ENUNCIADOS.....	126
5.1 Língua-discurso: uma análise via noção de conjunto de enunciados	127
6 EM BUSCA DA NOÇÃO DE REFERÊNCIA NA OBRA DE BENVENISTE	146
6.1 A noção de referência em Benveniste	147
6.2 O que não faz parte da noção de referência: produto da enunciação.....	150
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	152

1 EU, SUJEITO¹

*Inspiro, significo.
Expiro, semantizo.*

Aproprio-me do aparelho formal² da enunciação³ e coloco em funcionamento a linguagem. Este processo é instigante, aparentemente, tão natural, pois me faz pensar que há um signo livre que pode ser de qualquer um, porém quando o necessito, sempre volta para mim. Parece até uma metáfora da respiração.

Dizem que quando inspiramos disponibilizamos às células oxigênio. Há todo um processo dentro do nosso corpo que faz liberar o gás carbônico, o que chamamos de expiração. Ao expirar, o ar fica novamente livre, para mim, ou para outro se apropriar dele e, com isso, inspirá-lo. O movimento é único, irrepitível, fundante, significante... É como a linguagem humana.

Como diz Benveniste “a linguagem está na natureza dos homens, que não a fabricou. [...] Não atingimos nunca o homem⁴ separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a” (2005, p. 285). Nessa perspectiva, quando falo produzo um efeito singular no espaço o qual ocupo enquanto ser de linguagem.

O homem, a linguagem e a respiração, então, surgem juntos. Eu, sujeito⁵, coloco-me em relação com o meu semelhante graças a linguagem. Ela é o único meio de atingir o outro homem, de lhe transmitir e de receber uma mensagem. É a partir deste momento que surge a sociedade (BENVENISTE, 2006).

¹Algumas reflexões apresentadas nesta pesquisa estão baseadas na minha dissertação de mestrado (RONSANI, 2015).

²“Dispositivo que permite ao locutor transformar a língua em discurso” (FLORES et al, 2009, p. 48).

³ “A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização (BENVENISTE, 2006, p.82).

⁴ Nossa visão acerca da palavra homem não está no âmbito da relação de gênero, porém na enunciação de Émile Benveniste (2005) acerca da subjetividade na linguagem.

⁵ “Constituição do homem na linguagem e pela linguagem (FLORES et al, 2009, p. 220).

Ao me colocar e me situar na e pela linguagem, tenho, na experiência humana, algumas formas que sintagmatizam o meu “significar o mundo”. A linguagem é o que há de mais paradoxal no mundo e infelizes daqueles que não a veem. Assim, quanto mais penetrarmos no mecanismo da significação, melhor enxergaremos que as coisas não significam em razão do seu *serem-isso* substancial, mas sim em virtude de traços formais que as distinguem das outras coisas da mesma classe (BENVENISTE, 2005).

Compreendemos que a oposição entre as coisas faz com que linguagem signifique. Conforme Benveniste,

tal é o seu caráter primordial, sua vocação original que transcende e explica todas as funções no meio humano. Quais são estas funções? Tentemos enumerá-las? Elas são tão diversas e tão numerosas que enumerá-las levaria a citar todas as atividades de fala, de pensamento, de ação, todas as realizações individuais e coletivas que estão ligadas ao exercício do discurso: para resumi-las em uma palavra, eu diria que, bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para *viver*. Se nós colocamos que à falta de linguagem não haveria nem possibilidade de sociedade, nem possibilidade de humanidade, é precisamente porque o próprio da linguagem é, antes de tudo, significar (2006, p. 222).

Se a linguagem serve para viver e é próprio dela é significar, minhas experiências envolvendo-a me significam enquanto ser no mundo. É como o ato de respirar. Único e significante. “Não há língua que possa ser concebida como tal sem apresentar a possibilidade de que nela, em seu interior, o homem possa se singularizar. Essa experiência central é o que determina a possibilidade do discurso” (FLORES, 2013, p. 108).

Efetivamente, desde que uma atividade é concebida como representação de alguma coisa, como significando qualquer coisa, é se tentado apelar para a linguagem (BENVENISTE, 2006). Nessa ótica, uso a linguagem para significar o meu processo de singularização.

1.1 Trajetória Acadêmica

As experiências envolvendo a epistemologia que tem como objeto a linguagem, iniciaram no período da graduação. No Projeto Entrelínguas⁶, onde são discutidas

⁶Laboratório vinculado ao Departamento de Letras Estrangeiras Modernas, situado na Universidade Federal de Santa Maria – Sala 3312 – Centro de Educação.

questões referentes às “línguas de fronteira”, investigamos como funcionava o “ir” e “vir” (STURZA, 2005) dos sujeitos nas zonas fronteiriças entre Brasil e Uruguai, nas pesquisas de iniciação científica.

Essas pesquisas na fronteira ganharam mais visibilidade na monografia de graduação, onde buscávamos o porquê de os sujeitos, pertencentes à comunidade rural de Cerro Pelado (Rivera), localizada na região norte do Uruguai, fronteira com região sul do Brasil, falarem na escola, durante o período do recreio, um “Dialecto” (ELIZAINCÍN et al., 1987) do Português, e na sala de aula, a língua espanhola. Nesse trabalho, considerando o Decreto-Lei implementado em 1943, no Uruguai, o qual defendia a prática de uma só língua: a espanhola, concluímos que ele teve efeitos político-linguísticos, sobretudo no sistema escolar uruguaio. Desde aquela época, as escolas começaram a produzir seus efeitos sobre a diversidade linguística no país, neste caso, com o silenciamento da língua portuguesa, presente de maneira significativa no norte do Uruguai, fronteira com Brasil.

Sabemos disso, pois, ao interpretar o Decreto-Lei uruguaio (1943) percebemos a não aceitação da interferência da língua portuguesa nos processos que buscavam consolidar a formação da identidade nacional, dada pela negação da existência de situações de bilinguismo português – espanhol. Entre essas situações a presença dos “Dialectos Portugueses Del Uruguay” – DPUs, na Comunidade de Cerro Pelado e, para alguns estudiosos como Luis Behares, situação de diglossia pela diferença de espaços onde cada língua é falada.

Posteriormente, no trabalho final da Especialização em Gestão Educacional, o tema da pesquisa foi decorrência de outra experiência vivenciada em relação à linguagem. Essa pesquisa tratava da situação do uso das línguas alemã e portuguesa por sujeitos moradores na região de colonização alemã denominada Vila Santa Catarina, em Salvador das Missões/Rio Grande do Sul (RS).

Nessa pesquisa, entendemos, que a prática da língua alemã e a portuguesa dava-se em contextos diferentes. A alemã, como a língua do meio familiar; e a portuguesa, como língua social. Que, neste caso, ainda coincidindo seu status de nacional com de oficial, sobretudo pelo modo como seu ensino é considerado na escola.

Com efeito, nesse trabalho monográfico, para compreender a prática dessas duas línguas, nos situamos em dois campos: gestão educacional⁷ e política linguística⁸, a fim de entender o espaço de enunciação⁹ constituído por sujeitos falantes de língua alemã e portuguesa.

No estudo descrito acima, interpretamos que a gestão educacional tinha a incumbência de manter a língua portuguesa, visto que era a língua oficial, portanto a língua que devia ser usada no processo de alfabetização. Tal fato foi assegurado na escola através de políticas linguísticas que promoviam e asseguravam o ensino em língua portuguesa, e que, conseqüentemente, silenciavam outras línguas (a língua alemã, por exemplo), inclusive por não serem essas línguas oficiais ou cooficiais.

Assim, foi possível, na investigação supracitada, entender a relação das línguas, dos sujeitos com a linguagem e também desses com a escola, no caso, a partir dos estudos sobre sujeitos pertencentes a uma comunidade de descendentes de imigrantes alemães, os de Vila Santa Catarina/RS. Isso possibilitou problematizar uma questão de pesquisa sobre a circulação de duas línguas (alemã e portuguesa), em especial, os efeitos de sentido de uma política linguística, implementada na Era Vargas, sobre os falantes, perdurando até hoje no modo como se distribuem as línguas no espaço de falantes que vivem entre línguas.

Também discutimos os efeitos do silenciamento¹⁰ da língua materna sobre esses sujeitos, silenciamento decorrente da intervenção linguística na escola que impôs a alfabetização exclusiva em língua portuguesa, respondendo a um projeto nacionalista do governo Vargas.

Desse modo, as pesquisas realizadas nessa época delinearão o objetivo principal da dissertação de mestrado, que foi o de compreender como o processo de

⁷ Gestão educacional é, assim, uma prática que transforma ideia em ação, é um “processo político-administrativo contextualizado e historicamente situado, através do qual a prática social da educação é organizada, orientada e viabilizada” (GRACINDO; KENSKI, 2001).

⁸ Calvet (2007) afirma que políticas linguísticas são iniciativas do Estado ou de uma entidade que disponha no seio do estado de certa autonomia política. A intervenção humana na língua ou nas situações linguísticas não é algo novo: também, desde sempre, o poder político tem privilegiado tal ou qual língua, tem escolhido governar o Estado em uma língua ou impor à maioria a língua de uma minoria. Mas a política linguística, determinação das grandes opções em matéria de relações entre as línguas e a sociedade, e a sua colocação em prática, a planificação linguística, são conceitos recentes que recobrem só em parte estas práticas antigas (tradução nossa).

⁹ “São espaços de funcionamento de línguas, que se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam por uma disputa incessante” (GUIMARÃES, 2003, p. 18).

¹⁰ Falar de silêncio é considerá-lo como objeto simbólico que produz sentidos. Nessa ótica, cabe-nos compreender o “silêncio como horizonte, como iminência do sentido” (ORLANDI, 2007, p. 13). O silêncio é fundante, à medida que atravessa as palavras, que existe entre elas ou que indica que o sentido pode sempre ser outro (ORLANDI, 2007).

intervenção linguística, resultante de uma política linguística do Estado Novo (1937 a 1945), modificou a relação de alguns sujeitos, pertencentes àquele lugar, com uso alternado das línguas alemã e portuguesa.

Também, no trabalho referido, interpretamos como se configurou a situação discursiva que continha as categorias de pessoa *eu/tu* e não-pessoa *ele*, conforme definição benvenistiana, que, a nosso ver, estava atravessada pelos efeitos de sentido do discurso oficial constituído no Decreto-Lei nº 406¹¹, de 4 de Maio de 1938. A fim de cumprir com aquele objetivo, selecionamos algumas entrevistas realizadas com quatro sujeitos, descendentes de imigrantes alemães, com idade entre 24 a 90, que residiam na comunidade da Vila Santa Catarina, localizada em Salvador das Missões/RS. O recorte das sequências enunciativas, as quais compunham o *corpus*¹² de análise, foi feito com o intuito de analisar e interpretar a produção de sentidos no silenciamento da língua alemã.

Para a realização dessa investigação, no âmbito do mestrado, consideramos as concepções de alguns teóricos, como Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste. Mais ainda, dialogamos com vários autores, entre eles, Eduardo Guimarães, que discute sobre o espaço de enunciação e a cena enunciativa¹³, com o propósito de compreender como algumas políticas de línguas modificam a relação do sujeito com a (s) língua (s), conseqüentemente, esta discussão implicou compreender como as línguas praticadas pelos sujeitos funcionam enquanto língua materna (LM) e língua nacional (LN).

Através das análises, evidenciamos que, na conjuntura do Estado Novo, a língua portuguesa, tendo a escola como aparelho ideológico do Estado, circulou de

¹¹ Art. 85. Em todas as escolas rurais do país, o ensino de qualquer matéria será ministrado em português, sem prejuízo do eventual emprego do método direto no ensino das línguas vivas.

§ 1º As escolas a que se refere este artigo serão sempre regidas por brasileiros natos.

§ 2º Nelas não se ensinará idioma estrangeiro a menores de quatorze (14) anos.

§ 3º Os livros destinados ao ensino primário serão exclusivamente escritos em língua portuguesa.

§ 4º Nos programas do curso primário e secundário é obrigatório o ensino da história e da geografia do Brasil.

§ 5º Nas escolas para estrangeiros adultos serão ensinadas noções sobre as instituições políticas do país.

Art. 86. Nas zonas rurais do país não será permitida a publicação de livros, revistas ou jornais em línguas estrangeira, sem permissão do Conselho de Imigração e Colonização.

Art. 87. A publicação de quaisquer livros, folhetos, revistas, jornais e boletins em língua estrangeira fica sujeita à autorização e registro prévio no Ministério da Justiça.

¹² *Corpus* define-se por ser um conjunto, tão variado quanto possível, de enunciados efetivamente emitidos por usuários da referida língua em determinada época (DUCROT e TODOROV, 2001).

¹³ “Se caracteriza por constituir modos específicos de acesso à palavra dadas as relações entre as figuras da enunciação e as formas linguísticas” (GUIMARÃES, 2005, p. 23).

modo obrigatório nos espaços escolares que, por sua vez, produziu efeitos no modo como se constituiu e se constitui ainda hoje os espaços de enunciação quando sujeitos descendentes de imigrantes alemães são divididos pelas duas línguas e se significam por esta divisão.

Vejam no exemplo 1¹⁴ os efeitos da interdição linguística:

E1: Meu marido tinha 18/19 anos, ele estava em um baile em São João, quando falou em alemão. Então veio este Minote e gritou: **tudo preso!! E ENTÃO VEIO ESTE PORTUGUÊS, SEMPRE MAIS... SEMPRE MAIS...** Depois **as professoras tem que ensinar em português**, assim que foi...

E0: **e nas ruas, todos falavam em alemão?**

E1: **sempre, mas isso parou!** Não podia mais... **podia ir preso...**

E0: a senhora vivenciou alguma experiência assim?

E1: eu só sabia do meu cunhado... eu estava junto quando ele falou em alemão. E alguém gritou: **VOCÊS FALARAM EM ALEMÃO!**

E0: e o que aconteceu com seu cunhado?

E1: tiraram do cavalo, e podia ir junto à praça; um dia eles ficaram **presos na praça** em Cerro Largo.

E0: só porque ele falou em alemão?

E1: não só ele, **mas todos os homens**, as mulheres podiam ir para casa. E eu fui junto neste dia. Eu me lembro. Eu tinha 14/15 anos. E também nós tínhamos que ir todos na missa no domingo.

E0: e **na missa**, como era? Falavam em português ou em alemão?

E1: **começou tudo em português...**

E0: até a missa?

E1: SIM!!!

E0: e a senhora entendia?

E1: **sempre um pouquinho mais, sempre um pouquinho mais...**

Um dos resultados encontrados nas análises se baseava nos efeitos da interdição linguística, como a proibição da língua alemã, que se materializavam (**grifos**) quando o sujeito silenciava sua língua materna e enunciava em língua portuguesa.

O exemplo 2¹⁵ (RONSANI, 2015) evidencia alguns substitutos da *não-pessoa*, referência objetiva faladas pela entrevistada E2:

¹⁴ A cena enunciativa 1 é constituída por um falante de português E0, quem entrevista, do sexo feminino, com 28 anos, e um falante de língua alemã e portuguesa E1, do sexo feminino, com 84 anos. A pergunta era sobre eles falarem português, quando começou a ter na escola (RONSANI, 2015).

¹⁵ A cena enunciativa 2 é constituída por um falante de português E0, quem entrevista, do sexo feminino, com 28 anos, e um falante de língua alemã e portuguesa E2, do sexo feminino, com 56 anos. A pergunta era sobre eles falarem em alemão na escola (RONSANI, 2015).

E0: Mas por que vocês não poderiam falar alemão?
 E2: o porquê eu não sei dizer... mas nós não devia falar o alemão e quem falava **tinha que escrever no caderno 100 vezes: "não devo falar em alemão"**.
 Entrevistadora: mas isso a professora que pedia?
 E2: **a professora.**
 [...]
 E0: a senhora em casa sempre falou em alemão e quando a senhora foi para a escola?
 E2: sim!! Quando eu comecei **a ir para a escola que nós tínhamos que falar o português**. E muitas vezes tu deixava até de pedir uma coisa, uma questão que tu não entendia. Ai, eu não vou pedir porque se eu falar mal o português vão rir de mim, ou não sei, né!
 E0: mas todos os seus colegas falavam em alemão?
 E2: sim! **Todos falavam.**
 E0: e a professora em português?
 E2: em português.
 E0: ela não deixava nem realizar tarefas?
 Entrevistada 2: **não! Não!**
 E1: **dava castigo! Dava castigo!**
 E2: eu tinha colegas que os irmãos mais velhos eles sabiam falar o português. Então, eles já vinham para o colégio sabendo o português. E como nós, dai eu sempre ficava com minha prima, porque **ela sabia falar melhor o português e eu ficava mais perto dela**. Ela era uma mãe para mim, né!

Nesse sentido, nas considerações finais da dissertação, compreendemos que quando o *eu* enunciava em língua portuguesa eram materializadas as referências objetivas a *ele*, instaurando, no espaço de enunciação constituído pela fala dos moradores da Vila Santa Catarina/RS, sujeitos daquela pesquisa, a divisão desigual das línguas, significando o silenciamento da língua alemã.

Os efeitos do silenciamento da língua alemã foram analisados via organogramas, quando compareceram as referências objetivas: professora, colégio, língua portuguesa, etc., pois estas eram atualizadas quando os sujeitos entrevistados usavam a língua portuguesa significando os efeitos da política linguística do Estado Novo no discurso dos entrevistados.

1.2 Problemática atual de pesquisa

Como percebem, a pouca experiência enquanto pesquisadora acadêmica sempre me aproximou dos estudos acerca da linguagem em funcionamento, mais precisamente de problemáticas que a envolvem. Nessa ótica, os problemas atuais que

guiam esta tese são efeitos da minha posição teórica adotada na dissertação de mestrado.

Ao ler alguns textos de Émile Benveniste, os quais integram Problemas de Linguística Geral I (PLG I) (2005) e Problemas de Linguística Geral II (PLG II) (2006), fui surpreendida com diferentes sentidos da definição da forma linguística *e/e*.

Quando analisei as cenas enunciativas, recortadas para compor o *corpus* textual da dissertação, havia uma aparente dicotomia, na teoria da enunciação de Benveniste, entre as formas que indicavam a subjetividade na linguagem – categoria de pessoa - *eu/tu* (falantes de língua alemã e portuguesa), e a objetividade, marcada pela não-pessoa *e/e* (falante de língua portuguesa).

Na mesma pesquisa, todavia em outras análises, o espectador da cena *e/e* (não-pessoa), quem não se apropriava da língua alemã, tornava-se o *eu* na enunciação, uma vez que os outros participantes da cena falavam também português, situação justificada pelo silenciamento descrito anteriormente, marcado pela divisão desigual das línguas. Em última análise, a forma *e/e* aparecia enquanto referência objetiva, ou seja, aquilo que os falantes designavam.

1.3 Hipótese

Sobre estas questões elencadas, as quais surgiram a partir de uma reflexão secundária na dissertação, nossa hipótese, neste trabalho de tese, é de que a noção *de referência*, na teoria da enunciação de Émile Benveniste (PLG I e PLG II), formase progressivamente, de maneira não metódica, como referência objetiva, enquanto categoria de não-pessoa e como produto da enunciação.

Nesse sentido, conduzir uma investigação em torno desta problemática que se apresenta nos textos do autor, sugere-nos interpretar e delinear se há uma noção que ainda não foi constituída, no que diz respeito à *referência* e que, à primeira vista, encontra-se em fase embrionária na teoria benvenistiana.

1.4 Objetivos

1.4.1 Objetivo Geral

O objetivo principal deste trabalho é compreender, analisar e interpretar como Émile Benveniste, nos textos que constituem os PLG I e II, emprega a palavra *referência* e a significa em sua obra. A partir disso, constituiremos uma noção de uma das problemáticas linguísticas benvenistiana.

1.4.2 Objetivos Específicos

Com o intuito de alcançar o objetivo principal, enumeramos os específicos:

- Compreender o lugar de Émile Benveniste na História das Ideias Linguísticas;
- Evidenciar a perspectiva adotada para a fundamentação teórica e metodológica;
- Analisar o emprego da forma *referência* nos enunciados de Émile Benveniste, que constituem as obras PLG I e PLG II (textos de 1939 a 1970), tendo como procedimentos metodológico e analítico: os níveis da análise linguística (BENVENISTE, 2005) e a noção de *conjuntos de formas linguísticas* (RONSANI, 2019);
- Analisar como Benveniste emprega a forma *referência* em um nível mais alto: o da frase, e evidenciar pelos *conjuntos de enunciados* o seu funcionamento semântico;
- Conduzir um sentido em construção acerca da palavra *referência*, determinando conjuntos de enunciados possíveis para a constituição de uma noção.

Nesta tese, a busca pela noção da palavra *referência*, no dizer de Benveniste, divide-se em duas partes. Cada uma das partes é composta por uma tríade.

A primeira parte:

- Engloba a introdução, na qual, descrevi o meu lugar singelo nos estudos sobre a linguagem. Referenciei sobre minha trajetória acadêmica, o gosto pela teoria benvenistiana, além da problemática e os objetivos desta tese.

- Movimentamos algumas ideias que circulam em relação à linguagem, com foco na concepção enunciativa que Émile Benveniste propôs. Interessa-nos refletir sobre o lugar que este linguista ocupa e os sentidos que este “homem na língua” produz na História das Ideias Linguísticas.
- Evidenciamos o método teórico para analisar as formas linguísticas e os enunciados. Baseamo-nos nos níveis da análise linguística (BENVENISTE, 2005) e nas noções de *conjuntos de formas* e *conjuntos de enunciados* (RONSANI, 2019);

Na segunda parte da tríade:

- Analisamos a ocorrência da palavra *referência* e as que podem substituí-la nos textos de Benveniste (2005-2006). Nosso intuito é evidenciar como ela se relaciona e se divide em pertencer ou não pertencer a uma noção via conjuntos de formas;
- Interpretamos de que maneira as formas selecionadas integram um nível superior e entram em relação sintagmática na frase/enunciado;
- O último tópico, o qual encerra esta tese, respondemos a nossa hipótese e propomos a constituição de uma noção acerca do objeto estudado.

2 ÉMILE BENVENISTE, LINGUISTA

*Lemos outros linguistas (afinal é preciso),
mas gostamos de Benveniste (BARTHES, 1984, p.183).*

Como já mencionamos, o objetivo geral desta tese é analisar e interpretar como Émile Benveniste emprega a palavra *referência* e a *significa* em sua obra. Nesse sentido, é importante refletir sobre o lugar que este linguista ocupa nos estudos sobre a linguagem e de que maneira suas problemáticas inspiram o nosso caminho de pesquisa. Para tanto, neste capítulo, seguiremos o seguinte percurso de reflexão:

- Rápida biografia de Émile Benveniste;
- Através da perspectiva da História das Ideias Linguísticas (HIL), apresentar o nosso referencial no campo epistemológico sobre a linguagem;
- Compreender os estudos de Ferdinand de Saussure sobre a língua e sobre o signo linguístico;
- Reconhecer a influência das ideias de Saussure para a constituição das problemáticas linguísticas que Benveniste elenca em sua obra (PLG I e PLG II);
- Recortar as ideias de Benveniste sobre a linguagem as quais servirão para a composição teórica, metodológica e analítica desta tese.

2.1 Émile Benveniste: uma breve apresentação

Nascido em Alep, Síria, em 1902, Émile Benveniste, aos 11 anos, migrou para Paris e naturalizou-se, em 1924, francês. Em 1913, passou a frequentar a Escola

Prática de Altos Estudos¹⁶. Aos 16 anos de idade, assistiu a um curso de Antonie Mailliet, importante linguista francês (RODRIGUES, 2016). Como fruto deste curso, em 1935, Benveniste publica o livro *Origem da Formação dos Nomes em Indo-europeu*. Em 1937, entrou para o Collège de France, como professor de gramática comparativa. A partir deste lugar, Benveniste começa a introduzir um conjunto de questões concernentes a uma linguística diferenciada do seu tempo (FLORES et al, 2009).

É importante destacar que sua bibliografia recobre 50 anos (1922 a 1972). Das publicações: cinco livros publicados em vida e um póstumo (entre eles PLG I e PLG II), 291 artigos e contribuições de vários tipos a 300 revistas (RODRIGUES, 2016).

Com efeito, Benveniste, por tamanha produção abrangendo o estudo comparativo das línguas indo-europeias e, conseqüentemente, das problemáticas que as envolvem, pode ser considerado um dos mais importantes linguistas nascido no século XX (BRAIT, 2006).

Nessa direção, o interesse neste capítulo não é referenciar o autor numa perspectiva restritamente teórica, uma vez que, como veremos, seus estudos não trazem uma visão unificada, que se auto definem. Optamos pelo termo ideias sobre a linguagem e a língua, já que ele apresenta uma vantagem “de ser menos comprometido epistemologicamente, ou que se reporta a um engajamento diferente, menos prescritivo, e mais respeitoso com a diversidade das formas que podem assumir o conhecimento na história ou em outras culturas” (COLOMBAT; FOURNIER; PUECH; 2017, p. 40).

Para tanto, destacamos a importância da perspectiva da História das Ideias Linguísticas¹⁷ (HIL) para esta parte. Esse enfoque possui uma pluralidade disciplinar e conceitual que se estabelece, gradualmente, a partir do prisma de que é “imperioso passar-se da concepção representacional à operacional da significação, ou seja, da noção de ideia à de signo, uma vez que se trata de ‘processos’ e não de ‘entidades” (FALCON, 1997, p.146).

¹⁶É um grande estabelecimento de ensino superior, localizado na França. Site: <https://www.ephe.fr/> (acesso em 18/05/2019).

¹⁷ No Brasil, a História das Ideias Linguísticas teve início por meio de uma colaboração entre a Universidade Estadual de Campinas e a Universidade Paris 7, na França. Em Campinas, um grupo coordenado por Eni Orlandi, no interior de um projeto denominado “Discurso, Significação Brasilidade”, iniciado em 1987, já estudava os discursos sobre a língua no Brasil, considerando diversos materiais, dentre os quais relatos de viajantes e missionários, gramáticas e outros artefatos elaborados pelos missionários, e também materiais de outra natureza concernentes a outras épocas. Com a cooperação entre a equipe brasileira e a equipe francesa, coordenada por Sylvain Auroux, teve início o Projeto de História das Ideias Linguísticas no Brasil (NUNES, 2008, p. 3).

Orlandi (2001) destaca que estudar uma ideia está ligado a um processo que difunde estudos sistemáticos, os quais tocam a questão da história do conhecimento linguístico e da história da língua, articuladamente, explorando novas tecnologias de pesquisas.

Com efeito, para entender o lugar de Émile Benveniste na HIL baseamo-nos no *horizonte de retrospecção*. Para Auroux (2008), quando se propõe a resolver um problema, faz-se necessário dispor, igualmente, de conhecimentos. Pois bem, estes conhecimentos foram produzidos antes da atividade cognitiva em questão. Nesta ótica, o *horizonte de retrospecção* é o conjunto destes conhecimentos.

Esse horizonte atesta que o conhecimento tem necessariamente relação com o tempo, uma vez que não há conhecimento instantâneo, o que não significa que o objeto do conhecimento ou o seu valor sejam temporais, mas que é necessário tempo para saber (AUROUX, 2008).

Isso quer dizer que o “*horizonte de retrospecção* é estruturado sem que a temporalidade afete os conhecimentos; eles estão co-presentes de tal modo que são oferecidos à refutação, à discussão, em suma, ao diálogo” (AUROUX, 2008, p. 141).

Constatamos que o próprio Benveniste em seus textos *Tendências recentes em linguística geral* e *Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística* (BENVENISTE, 2005), evidencia um horizonte de retrospecção sobre os estudos da linguagem, dialogando e se posicionando frente ao saber linguístico que é produzido entre os séculos XIX e XX (tópico 2.2).

Sendo assim, no próximo tópico, traremos à baila algumas dessas ideias linguísticas que antecedem as problemáticas¹⁸ desenvolvidas por Benveniste em *Problemas de Linguística Geral I (PLG I)* (2005) e *Problemas de Linguística Geral II (PLG II)* (2006).

Em tempo, salientamos que esta empreitada em estudar Benveniste por si mesmo, deixa-nos sem criatividade para elaborar subtítulos. Talvez pelo fato de adentrarmos na obra por completo, já que tudo “é claro em seu livro, tudo nele pode ser imediatamente reconhecido como verdade; e, no entanto, tudo também nele não faz mais do que começar” (BARTHES, 1984, p. 181).

¹⁸ Lembramos que há um recorte das problemáticas que são importantes, a nosso ver, para fundamentar esta tese.

2.2 Tendências recentes em linguística geral (BENVENISTE, 2005)

Caso fôssemos realizar uma varredura dos estudos sobre a linguagem, certamente, este capítulo seria insuficiente. Por esse motivo, seremos breves, assim como foi Benveniste no texto que escolhemos para fundamentar este tópico.

Benveniste, no texto *Tendências recentes em linguística geral*, discorre sobre o que a linguística¹⁹ fez até a metade do século XX e, para isso, realiza um *horizonte de retrospectão*.

A partir do século XIX, não faltam trabalhos consagrados à história do conhecimento linguístico, principalmente no que diz respeito à uma linguística de caráter histórico-comparativo (BENVENISTE, 2005).

Alguns trabalhos sublinham a “história como perspectiva necessária e a sucessividade como princípio de explicação, a divisão da língua em elementos isolados, e a pesquisa de leis de evolução própria a cada um deles” (BENVENISTE, 2005, p. 5).

Entre os trabalhos desenvolvidos na época, podemos elencar: o aumento considerado de atlas linguísticos e dicionários; uma descrição da linguagem infantil em quatro volumes (W.F. Leopold); uma descrição do francês em sete volumes (Damourette e Pichon); estudos das línguas indígenas na América; pesquisas que enriquecem o inventário das formas linguísticas, principalmente na África, na Austrália, na Oceania; a reconstituição do protochinês, do malaio-polinésio comum, do malaio-polinésio comum, de certos protótipos ameríndios permitindo, talvez, novos agrupamentos genéticos; volumes inteiros dedicados à simples noção de ‘fonema’ (BENVENISTE, 2005).

Todavia, muitos destes estudos apresentam-se de maneira desigual, principalmente quando se trata de semelhança metodológica e no que concerne à noção que os próprios linguistas têm sobre o seu objeto de investigação e sobre o sentido que assumem suas ações (BENVENISTE, 2005).

¹⁹Acreditamos que a linguística, enquanto ciência, não é essencialmente um sistema de propostas verdadeiras, é um fenômeno social, o qual se pode atribuir três componentes: o teórico, o prático e o sociológico (AUROUX, 2008).

Através do Curso de Linguística Geral (CLG)²⁰, Saussure²¹ (2003) tomou consciência de que

a linguagem em si mesma não comporta nenhuma outra dimensão histórica, de que é sincrônica e estrutura, e de que só funciona em virtude da sua natureza simbólica. Não é tanto a consideração histórica que se condena aí, mas uma forma de “atomizar” a língua e de mecanizar a história. O tempo não é fator da evolução, mas tão-somente o seu quadro. A razão da mudança que atinge esse elemento da língua está, de um lado, na natureza dos elementos que a compõem em um determinado momento, de outro lado nas relações de estrutura entre esses elementos. [...] Reestabelece-se então a diacronia na sua legitimidade, enquanto sucessão de sincronias. Isso ressalta, já, a importância primordial da noção de sistema e da solidariedade restaurada entre todos os elementos da língua (BENVENISTE, 2005, p. 5).

Nesse sentido, o ponto de vista de Saussure sobre o objeto, a língua, e o recorte de análise sincrônico, marca o início de uma linguística designada como *ciência*, pela sua coerência, autonomia e os objetivos que lhe atribuem (BENVENISTE, 2005).

Entendemos que a linguística é

uma forma de saber e de prática teórica nascida no século XIX em um contexto determinado, que possui objetos determinados (o parentesco genético das línguas, a explicação histórica, as línguas nelas e por elas mesmas). Trata-se pois de uma forma de estruturação do saber eminentemente transitória, que está provavelmente em vias de desaparecer sob os nossos olhos (é por isso que recorreremos cada vez mais à expressão plural “ciências da linguagem”). [...] *Seja a linguagem humana, tal como ela se realizou na diversidade das línguas; saberes se constituíram a seu respeito; este é o nosso objeto* (AUROUX, 1992, p. 12-13) (grifos do autor).

Vale lembrar que o “novo” saber linguístico produzido por Saussure não destrói seu passado, todavia o organiza, o escolhe, o esquece, o idealiza, do mesmo modo que antecipa o seu futuro. Não há saber sem memória e sem projeto (AUROUX, 1992).

²⁰ Não entraremos no mérito de discutir qual é a autoria do CLG, já que não é um assunto relevante para se colocar em pauta na discussão dessa síntese.

²¹ Mesmo que uma ciência necessite, em princípio, de um precursor, que comece (ou continue, como Saussure), em um momento a pesquisar o mundo científico de um determinado ponto de vista, criando seu objeto. No trabalho do autor desde os estudos de tradição comparativa até os cursos de linguística geral, estava a curiosidade sobre os parâmetros de cientificidade de um campo de estudos, seu objeto, método, conceitos e fundamentos. Assim, tudo o que estava sendo pensado (ou gestado) durante os Cursos vai se transformar na obra de maior importância para o surgimento de uma nova ciência, a linguística (GIACOMELLI, 2007).

Com efeito, esse acontecimento alargou o horizonte dos linguistas, já que todos os tipos de línguas alcançam direitos iguais de representar a linguagem (BENVENISTE, 2005).

Desse modo, ao designar a linguística enquanto científica, Benveniste (2005) defende que seu papel não é somente insistir sobre a necessidade de rigor, porém de uma mudança de atitude em relação ao objeto e sua formalização.

Sob esta perspectiva, o autor reconhece a influência de dois linguistas: Ferdinand de Saussure, na Europa, e Leonard Bloomfield²², na América. Assim como Saussure, Bloomfield também considerou a língua como único e verdadeiro objeto da linguística (BENVENISTE, 2005).

Embora de escolas distintas, ambos os linguistas buscavam sistematizar os seus processos. Dentre as suas preocupações formulam-se três questões fundamentais (BENVENISTE, 2005, p. 8):

- Qual a tarefa do linguista, a que ponto quer ele chegar, e o que descreverá sob o nome da língua?
- Como se descreverá este objeto?
- A linguagem tem como função "dizer alguma coisa". O que é exatamente essa "coisa" em vista da qual se articula língua, e como é possível delimitá-la em relação à própria linguagem?

Entendemos que, a partir das concepções acima, a tarefa do linguista é definir o objeto de investigação, forjando instrumentos que permitam apreender o conjunto dos traços de uma língua dentro do conjunto das línguas manifestadas e descrevê-los em termos idênticos. Todavia, faz-se necessário ir além disso: a análise precisa levar em conta a significação, tomada como um problema da linguagem pouco discutido nos estudos linguísticos (BENVENISTE, 2005).

O problema da significação elencado por Benveniste (2005) não pode repousar na ideia de que ela é apenas uma condição linguística. As exigências de rigor científico

²² Leonard Bloomfield, numa visão bastante parecida, aplicou a teoria estruturalista de Saussure nos Estados Unidos de modo muito particular, privilegiando a descrição das leis do sistema linguístico. De Saussure, ele herdou basicamente o fazer linguístico sincrônico. Dos linguistas americanos que o antecederam, Bloomfield recebeu a influência de um estudo voltado especialmente para as línguas ameríndias. Ele utilizou a teoria behaviorista e analisou a língua como um sistema em que os elementos se organizam por um certo comportamento geral (BERTUCCI, 2008, p. 2).

impostas ao processo de análise, normalmente, abstêm-se da significação e prendem-se unicamente a definição e à distribuição de elementos.

Benveniste (2005) ressalta que não há nenhuma técnica (pelo menos nas pesquisas da época) para analisar o campo semântico, visto que este está subordinado à cultura local.

Não se imagina, por exemplo, numa análise, segmentar a cultura em elementos discretos. Assim como na língua, na cultura há um conjunto de símbolos cujas relações faz-se necessário definir.

Benveniste (2005) ressalta que as pesquisas de Peirce²³ sobre os símbolos não foram retomadas. “É do progresso na análise dos símbolos que se poderia esperar principalmente uma compreensão melhor dos complexos processos da significação da língua e provavelmente também fora dela” (BENVENISTE, 2005, p. 13).

Benveniste (2005) projeta aí uma problemática linguística que se constitui em descobrir a base comum à língua e à sociedade, os princípios que às regem, definindo-se primeiro as unidades que, numa e noutra, se prestariam à comparação, ressaltando-se-lhes a interdependência.

O que percebemos, nas tendências recentes em linguística geral, é um esforço para submetê-la a métodos rigorosos para afastar, ou quase, as construções subjetivas, o apriorismo filosófico. Vale destacar que os linguistas descobrem que a língua é um complexo de propriedades específicas que devem ser descritas por métodos (BENVENISTE, 2005).

Contudo, “são tão particulares as condições próprias da linguagem que se pode estabelecer como um fato que não há apenas uma, porém várias estruturas da língua, cada uma das quais possibilitaria uma linguística completa” (BENVENISTE, 2005, p. 17).

A linguagem, segundo Benveniste (2005), tem antes de tudo algo de distinto: ela se estabelece sempre em dois planos, significante e significado (discorreremos mais sobre no tópico 2.3). O simples estudo desta dupla “propriedade constitutiva da

²³ Nascido em Cambridge, Massachussetts, em 1839, Charles Sanders Peirce foi um filósofo, cientista e matemático. Em seus trabalhos refletiu sobre aquilo que viria ser a máxima pragmática - um princípio regulador de lógica, ou uma ferramenta de definição de conceitos. Peirce é tido como fundador da Semiótica americana, a partir da tríade “objeto, interpretante e representante”. Site: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/5745-apresentacao-peirce> Acesso em: 19/06/2019.

linguagem e das relações de regularidade ou de desarmonia que acarreta, das tensões e transformações que daí resultam em toda língua particular, poderia servir de fundamento a uma linguística” (BENVENISTE, 2005, p. 17).

A partir dessa definição, Benveniste (2005) abre caminho para se pensar na linguagem como um fato humano, sendo no homem o ponto de interação da vida mental e da vida cultural. Projeta, assim, uma linguística que poderia se estabelecer através do trinômio: língua, cultura e personalidade²⁴ (BENVENISTE, 2005, p. 17).

Relativo a isso, temos agora a missão de, através do nosso ponto de vista, desvendar quais saberes embasaram as ideias de Benveniste para se constituir o trinômio supracitado. Começemos pela língua.

2.2.1 Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística

Vislumbramos acima, a partir da ótica benvenistiana, um *horizonte de retrospectção* de algumas pesquisas produzidas nos séculos XIX e XX sobre a linguagem. Entre elas, destacamos a que Saussure desenvolveu sobre a língua.

Sabemos que o linguista ao estudar a língua por ela mesma, efeito de um recorte contrário à época (quando se analisavam as línguas pelo método histórico-comparativo), rearranja os estudos linguísticos no período supracitado.

No entanto, frisamos que “Saussure recusava quase tudo o que se fazia no seu tempo. Ele achava que as noções correntes não tinham base, que tudo repousava sobre pressupostos não verificados, e sobretudo que o linguista não sabia o que fazia” (BENVENISTE, 2006, p. 14).

Nessa ótica, consideramos a linguística unificante de Saussure e de seus herdeiros, que faz da língua um objeto abstrato ideal e a consagra como sistema sincrônico homogêneo, colocando de lado suas manifestações (a fala) individuais, como precursora de um objetivismo abstrato, no qual favorece arbitrariamente a unicidade (BAKHTIN, 2014).

Um dos efeitos disso é a impressão de que para certos linguistas contemporâneos os fatos da linguagem se convertem em abstrações, “se tornam nos materiais inumanos de construções algébricas ou servem de argumentos a

²⁴ Enfatizamos que a palavra personalidade diz respeito ao campo linguístico (categoria de pessoa) e não a um termo técnico da psicologia.

discussões áridas sobre método, e de que a linguística se afasta das realidades da linguagem e se isola das outras ciências humanas” (BENVENISTE, 2005, p. 19).

Contudo, para Benveniste (2005), o impacto do ponto de vista saussuriano é exatamente o contrário:

Comprova-se ao mesmo tempo, que esses métodos novos da linguística assumem o valor de exemplo e mesmo de modelo para outras disciplinas, que os problemas da linguagem interessam agora a especialidades muito diversas e cada vez numerosas e que uma corrente de pesquisas leva as ciências do homem a trabalhar dentro do mesmo espírito que anima os linguistas (BENVENISTE, 2005, p. 19-20).

Conforme o autor, este novo olhar em torno da ciência linguística é efeito de discussões primordiais. Começa-se por observar que a linguística tem um duplo objeto: é ciência da linguagem e ciência das línguas. A linguagem, faculdade humana, característica universal e imutável do homem. As línguas, sempre particulares e variáveis, nas quais se realiza. Essas duas vias se entrelaçam com frequência e se confundem, pois os problemas diversos das línguas põem sempre a questão da linguagem (BENVENISTE, 2005).

A linguagem é um objeto difícil e a análise do dado linguístico se faz por árduos caminhos. Refletir sobre ela só produz frutos quando se apoia, primeiramente, nas línguas reais. Nessa ótica, estudar as línguas, organismos empíricos e históricos, permanece o único acesso possível à compreensão dos mecanismos gerais e do funcionamento da linguagem (BENVENISTE, 2005).

De acordo com Benveniste (2005, p. 20-21), há um conjunto de saberes sobre as línguas reais, os quais antecedem a ideia de Saussure (2003). Vejamos no quadro 1 (grifos nossos).

Quadro 1 – Desenvolvimento da linguística

Até o século XVIII	Interesse que os gregos tiveram pela língua era exclusivamente filosófico. Raciocinavam sobre sua condição original (a linguagem é natural ou convencional) e as categorias que instauraram (nome, verbo) repousam sempre sobre a lógica ou a filosofia.
Início do século XIX	Marcado pela descoberta do sânscrito e que existe uma relação de parentesco entre as línguas a partir das indo-europeias . Figura uma linguística com métodos cada vez mais rigorosos dentro da perspectiva da gramática comparada. Em sua essência está o estudo da evolução das formas linguísticas.
Final do século XIX	Os linguistas começaram a se interessar pelas línguas não escritas e sem história, como é o caso das línguas indígenas da América. Perceberam que os quadros tradicionais empregados para as línguas indo-europeias não se aplicavam a esta realidade linguística.
Século XX	Com o advento do CLG (Saussure, 2003) inicia um novo saber sobre a língua. Os linguistas passam a descrever a língua por meio de técnica adequada, não misturar nenhum pressuposto teórico ou histórico (que deveria ser sincrônico) e analisar a língua nos seus elementos formais próprios .

A partir do panorama singelo construído por Benveniste (2005), compreendemos que analisar a linguagem não é uma tarefa fácil. Vimos que os linguistas, por não ter um objeto bem definido, faziam a história das línguas e, por conseguinte, não a estudavam pelo viés do seu funcionamento, enquanto sistema linguístico.

É Saussure, como bem diz Benveniste (2005, p. 21), quem determina uma “nova noção de língua”. Analisar a língua por si mesma e por ela mesma instaura um princípio fundamental da linguística moderna: a língua forma um sistema.

2.2.2 A língua, objeto científico

A língua forma um sistema, e isso é uma condição de qualquer língua, qualquer cultura onde se use, em qualquer estado histórico que se analise-a. Desde os sons, até as complexas formas de expressão, ela, a língua, é um arranjo sistemático de partes (BENVENISTE, 2005).

A partir daí, surge outro termo da linguística: a estrutura. Já que a língua se constitui de elementos formais, estes são articulados em combinações variáveis conforme certos princípios de estruturas. Esses elementos constituem a base da língua em número reduzido, porém eles prestam-se a grande número de combinações. Esta restrição indica certas configurações específicas, variáveis, segundo os sistemas linguísticos encarados. Essa é a característica fundamental da estrutura (BENVENISTE, 2005).

Benveniste (2005, p. 22-23) explica que

cada uma das unidades de um sistema define-se assim pelo conjunto das *relações* que mantém com as outras unidades e pelas *oposições* em que entra: é uma entidade relativa e opositiva, dizia Saussure. Abandona-se pois a ideia de que todos os dados da língua valem por si mesmos e são “fatos” objetivos, grandezas absolutas, susceptíveis de se considerarem isoladamente. Na realidade, as entidades linguísticas não se deixam determinar senão no interior do sistema que se organiza e as domina, e umas em razão das outras. Não têm valor a não ser como elementos de estrutura (grifos do autor).

Em tempo, esclarecemos que a noção de estrutura não é usada aqui como forma de qualificar a linguística (enquanto estrutural), mas na condição de ser a língua um sistema de signos linguísticos que se relacionam e, assim, integram uma estrutura. A nosso ver, a definição de estrutura confere aos elementos a sua significação.

A ideia que Saussure tem da língua, determinando cada elemento como parte de um conjunto sincrônico e não diacrônico, como se realizava nos estudos da época, permite ao genebrino colocar-se no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem. Somente a língua parece ser suscetível de uma definição autônoma (SAUSSURE, 2003).

Para refletir sobre as ideias de Saussure em relação a língua e, conseqüentemente, sobre o signo linguístico e suas implicações, um dos assuntos que nos interessa para embasar a metodologia e as análises, movimentaremos algumas noções.

2.2.2.1 A língua: sistema de signos linguísticos

A língua é, para Saussure (2003), diferente da fala, mas que juntas são essenciais para a constituição da linguagem. “A linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro” (SAUSSURE, 2003, p. 16).

O lado individual que ele menciona refere-se à fala, que é heteróclita; é a utilização da língua e, por isso, ele a considera subordinada a esta. A língua é entendida como um sistema de signos que não é uma parte do dado, mas que representa um aspecto privilegiado dos fenômenos (NORMAND, 2009).

A língua é ao mesmo tempo um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias que permitem ao corpo social o seu exercício (SAUSSURE, 2003). Ou seja, é algo adquirido e convencional.

As perguntas que nos cabem aqui é de que forma o corpo social adquire a língua e como, a partir disso, as unidades passam a se relacionar no interior do sistema para formar estruturas²⁵. Para tanto, recorreremos a algumas definições.

2.2.2.1.1 O signo linguístico: unidade da língua

Saussure (2003) explica que a língua está subordinada a fala. A língua seria o produto que o indivíduo registra passivamente. Através do circuito da fala que os fatos da consciência, os conceitos, se acham associados às representações dos signos linguísticos, os quais servem para exprimi-los.

Com a finalidade de analisar a natureza do signo linguístico, Saussure construiu seu modelo sígnico. Com efeito, é possível elencar alguns aspectos do signo (NÖTH, 1996):

- Estrutura bilateral;
- Concepção mentalista;

²⁵ “A possibilidade do pensamento liga-se à faculdade da linguagem, pois a língua é uma estrutura enformada de significação e pensar é manejar os símbolos da língua (BENVENISTE, 2005, p. 80).

- Exclusão da referência;
- Concepção estrutural da significação;

Estrutura bilateral:

Os termos implicados no signo linguístico são ambos psíquicos e estão unidos na massa mnemônica por um vínculo de associação. O signo linguístico é uma entidade psíquica de duas faces: conceito e a imagem acústica, ambos designados também por significante e significado, respectivamente (SAUSSURE, 2003).

O significante não é o som material ou físico, mas o correlato psíquico deste som, isto é, aquilo que nos evoca um conceito (significado).

“O caráter psíquico de nossas imagens acústicas aparece claramente quando observamos nossa própria linguagem. Sem movermos os lábios nem a língua, podemos falar conosco ou recitar mentalmente um poema” (SAUSSURE, 2003, p. 80). Nessa perspectiva, o signo linguístico é uma entidade psíquica de duas faces.

Saussure (2003) explica que independentemente se buscamos o sentido da palavra *arbor*, ou a palavra “árvore”, somente as vinculações consagradas pela língua nos parecem conformes à realidade. Esta combinação significado mais significante é a essência do signo linguístico.

Concepção mentalista:

Nöth (1996) afirma que, na teoria saussuriana, tanto o significado quanto o significante são entidades mentais e independentes do extralinguístico. Vimos que a definição de imagem acústica vai ao encontro dessa perspectiva.

Contudo, esta visão mentalista não está relacionada a um estudo psicológico, mas sim, porque Saussure considera os signos como instituições sociais. O significado e o significante não são individuais, mas conceitos e imagens acústicas coletivas (NÖTH, 1996).

Nessa ótica, é correto afirmar que a “língua existe na coletividade sob a forma duma soma de sinais em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos” (SAUSSURE, 2003, p. 27).

Exclusão da referência:

Nas palavras de Nöth (1996, p. 31), “o caráter diádico do signo foi enfatizado por Saussure na sua rejeição explícita do objeto de referência como um elemento em sua semiologia”, uma vez que o signo linguístico é constituído por um conceito e uma imagem acústica, e não por uma coisa e uma palavra.

Nada existe (estruturalmente) além de significado e significante. Na teoria sígnica saussuriana tudo opera inteiramente no sistema semiótico, uma vez que somente o sistema semiológico dá estrutura ao mundo que, de outra maneira, seria amorfo, assim o objeto de referência é excluído do semiótico (NÖTH, 1996).

O que explicaria também tal exclusão é uma das características do signo linguístico designada por Saussure (2003): o seu caráter arbitrário.

Em relação ao caráter arbitrário do signo, o laço que une o significante ao significado é arbitrário, ou seja, no sentido de não haver nenhum tipo de relação intrínseca de causalidade necessária entre o significado e o significante (SAUSSURE, 2003).

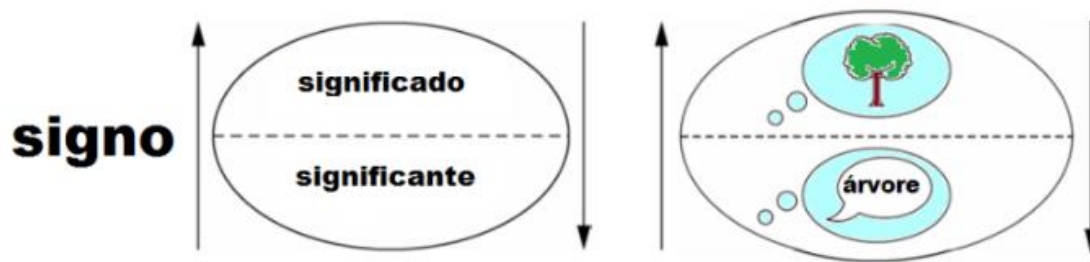
Saussure esclarece com um exemplo: “- A ideia de ‘mar’ não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons m-a-r que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa qual” (SAUSSURE, 2003, p. 81). Assim, esta definição não deve depender da livre escolha do falante, mas sim de algo imotivado – não tem nenhum vínculo natural entre as duas faces.

Nöth relata que

uma das objeções levantadas contra a exclusão do objeto de referência é que o argumento de Saussure da natureza arbitrária dos signos requer necessariamente a referência a características do mundo. Helbig (1974:40) até discute que, a esse respeito, a argumentação de Saussure muda para um modelo sígnico triádico. É verdade que Saussure afirmou que a arbitrariedade é uma relação entre o significante e o significado, e não o objeto (1916d:83). Mas, quando ele argumenta que “o significado da palavra francesa *boeuf* (boi) tem por significante *b-ô-f* de um lado da fronteira franco-germânica, e *o-k-s* (*Ochs*) do outro” (ibid:82), estes significantes francês e alemão não podem ter um e o mesmo significado, pois o significado saussuriano tem a sua existência semiótica só no quadro de um só sistema linguístico. O que as duas palavras de línguas diferentes podem ter em comum tem de ser, enfim, algum objeto cognitivo que se localiza além de um sistema semiótico particular, pois há, no quadro de dois sistemas semióticos, dois significados diferentes envolvidos, já que estes são determinados por seus valores em dois signos arbitrários (NÖTH, 1996, p. 31-32) (grifos e citações do autor).

Em resumo, Saussure não considera, mesmo exemplificando através do exemplo material *árvore* (Imagem 1), o referente, “a coisa designada” no mundo real.

Imagem 1: O signo linguístico²⁶



É importante lembrar que a língua não é nomenclatura para Saussure, haja vista a facilidade que seria a tradução do francês para o português. Existem elementos linguísticos comuns a todas as línguas, veremos mais adiante a discussão realizada por Benveniste (A natureza dos pronomes), mas a singularidade dos artigos definidos, por exemplo, só tem existência na língua. No interior dela e não no seu exterior.

O conceito de arbitrariedade do signo linguístico, na visão de Saussure (2003), repousaria, então, em uma relação plural entre significantes e significados dentro de um sistema fechado e homogêneo, já que uma imagem acústica, antes de se unir ao seu significado, relaciona-se com outras ideias vizinhas que se limitam reciprocamente, justificando o laço arbitrário.

Concepção estrutural da significação:

Para Aurox (1998), há uma definição mínima para signo: ele é alguma coisa, colocada no lugar de outra coisa e que vale por outra coisa, uma vez que é próprio de um signo possuir uma significação. Temos aí a noção de valor (Saussure, 2003) que, para nós, é a impulsionadora da significação no nível semiótico.

2.2.2.1.2 A noção de valor

Para Saussure, “na língua há apenas diferenças **sem termos positivos**” (grifo do autor) (2003, p.139). Nesse sentido, no sistema da língua, “todas as palavras que

²⁶ Fonte: <https://ensaiosnotas.com/2016/01/10/saussure-e-seus-signos/>

exprimem ideias vizinhas se limitam reciprocamente: sinônimos como recear, temer, ter medo só têm valor próprio pela oposição. [...] Assim, o valor de qualquer termo que seja está determinado por aquilo que o rodeia” (SAUSSURE, 2003, p.135).

Essas diferenças entre os signos linguísticos passam a refletir aquilo que é a essência da língua: uma unidade linguística significa. Ou seja, uma unidade sígnica não tem como finalidade portar um significado único que será destinado a algum objeto em especial (a língua não é nomenclatura), mas essa unidade se reveste da significação que lhe é atribuída nas relações sistêmicas e negativas da língua (SILVA, 2008).

Dessa forma, o papel da língua frente ao pensamento não é criar um meio fônico material para a expressão das ideias, mas servir de intermédio entre o pensamento e o som. Poderia chamar a língua o domínio das articulações, então cada termo linguístico é um *articulus* em que uma ideia se fixa num som e em que o som se torna signo de uma ideia (SAUSSURE, 2003). Conforme Fiorin,

cada elemento linguístico deve ser diferente dos outros elementos com os quais contrai relação. Por isso, é preciso considerar o signo não mais em sua composição, mas em seus contornos, dados por suas relações com os outros signos. Por isso, Saussure cria a noção de valor. Com ela, dá-se uma definição negativa do signo: um signo é o que os outros não são (2002, p. 58-99).

Sendo assim, o valor constitui em elemento da significação, que é tudo o que se passa entre a imagem acústica e o conceito, nos limites da palavra, considerada como um domínio fechado existente por si próprio (SAUSSURE, 2003).

O valor linguístico tomado em seu aspecto conceitual constitui um elemento da significação. A língua é um sistema em que todos os termos/palavras são solidários e o valor de um resulta da presença simultânea de outro (SAUSSURE, 2003).

Quando o autor cita que os valores correspondem a conceitos, subtende-se que são puramente diferenciais, definidos não positivamente pelo seu conteúdo, mas negativamente por sua relação com os outros termos do sistema: é ser o que os outros não são (SAUSSURE, 2003).

Nessa ótica, todos os valores são constituídos por uma coisa dessemelhante, suscetível de ser trocada por outra cujo valor resta determinar; por coisas semelhantes que se podem comparar com aquela cujo valor está em causa (SAUSSURE, 2003).

Nas palavras de Saussure, “é impossível que o som, elemento material, pertença por si à língua. Ele não é, para ela, mais que uma coisa secundária, matéria que põe em jogo” (SAUSSURE, 2003, p.137). Todos os valores convencionais apresentam esse caráter de não se confundir com o elemento tangível que lhes serve de suporte. O meio de produção do signo é indiferente²⁷, pois não importa ao sistema.

Quer se considere o significado, quer o significante, a língua, conforme o autor, não comporta nem ideias nem sons preexistentes ao sistema linguístico, mas somente diferenças conceituais e diferenças fônicas resultantes deste sistema. Conquanto o significado e o significante sejam considerados, cada qual à parte, puramente diferenciais e negativos, sua combinação é um fato positivo, é mesmo a única espécie de fatos que a língua comporta, uma vez que o próprio da instituição linguística é justamente manter o paralelismo entre essas duas ordens de diferenças (SAUSSURE, 2003).

Nesse sentido, Silva (2008b) explica que o signo existe e se configura justamente *pelas/nas* relações sistêmicas. Ele se reveste de valor pelas relações negativas e diferenciais com os demais signos da língua.

Bouquet e Engler também retratam que Saussure não estabelece

[...] nenhuma diferença séria entre os termos valor, sentido, significação, função ou emprego de uma forma, nem mesmo com a ideia e como conteúdo de uma forma; esses termos são sinônimos. Entretanto é preciso reconhecer que valor exprime, melhor do que qualquer outra palavra, a essência do fato, que é também a essência da língua, a saber, que uma forma não significa, mas ela vale: esse é o ponto cardeal. Ela vale, por conseguinte, ela implica a existência de outros valores (2004, p. 30).

Bouquet (2002) afirma que o fato semântico só pode ocorrer porque os signos são providos de valor incorpóreo e porque eles se relacionam enquanto valores no sistema linguístico, propiciando que a manifestação sintagmática seja também fruto de valores combinados.

Sendo assim, o valor provém da situação recíproca dos signos na língua, pois importa menos o que existe de conceito e de matéria fônica num signo do que o que há ao seu redor (SAUSSURE, 2003).

A significação é, então, uma diferença entre um signo e outro signo, porque o que existe na língua são a produção e a interpretação de diferenças. Com o conceito

²⁷ Parece remeter-se à fala.

de valor, Saussure mostra que o que importa na língua são as diferenças existentes entre conceitos e sons (FIORIN, 2002).

Contudo, frisamos que o que caracteriza o signo linguístico não é só a ligação entre significante e significado, mas sim o fato de que o signo nunca existe isolado, ele constitui um sistema na sua relação (AUROUX, 1998).

Em conformidade com Silva (2008b), o raciocínio de Saussure sobre a “incorporeidade” do valor e sobre a “operacionalidade” desse conceito é sustentado pela arbitrariedade absoluta do signo. Se a ligação entre significado e significante fosse de outra natureza que não a imotivada, o valor conteria um elemento imposto de fora, ou seja, o valor conseqüentemente também seria motivado por algo que estaria fora da relação estritamente linguística.

Em resumo, a língua só é língua, pois está vinculada ao social e porque se constitui de um sistema linguístico engendrado pela noção de valor.

2.2.1.1 Efeitos das ideias de Saussure para o desenvolvimento da linguística

A partir do ponto de vista em relação ao objeto, a língua, afirmamos que foi Saussure quem alterou drasticamente o fio condutor dos estudos sobre a linguagem na década de 1880. Ele “buscou fundar a ciência linguística ancorando-se em uma nova forma de produzir conhecimento e, assim, forjou novas dimensões” (GREGOLIN, 2004, p. 20).

Benveniste (2005) afirma que não há uma só teoria geral que não mencione o nome de Saussure. “Algum mistério envolve sua vida humana, que cedo se retirou para o silêncio. É da obra que trataremos. A uma tal obra convém o elogio que a explica na sua gênese e faz compreender seu brilho” (BENVENISTE, 2005, /p.34).

Nessa perspectiva, a linguística, que se tornou numa importante ciência entre as que se ocupam do homem e da sociedade, tem sua origem em Saussure. Ele pertence para sempre à história do pensamento europeu, pois foi o precursor das doutrinas que transformaram a teoria da linguagem (BENVENISTE, 2005).

Nessa ótica, Saussure abre caminhos para outros analistas da linguagem, os quais começaram a encarar a língua como princípio fundamental da linguística. Um destes caminhos foi trilhado por Émile Benveniste, o autor por nós escolhido para fundamentar esta tese. Contudo, não o consideramos como um discípulo assíduo de Saussure, mas sim como um problematizador de sua obra, principalmente no que diz respeito ao seu objeto de estudo.

2.3 Benveniste, linguista

“É difícil ler Benveniste” (FLORES, 2013, p. 19). Todavia, qualquer releitura que realizamos de sua obra consideramos sempre um processo instigante. Dizemos isso, pois a cada artigo que analisamos, a cada problematização que compreendemos em torno da ideia que ele tem sobre a linguagem, nos vemos, genuinamente, analistas da linguagem.

Acrescentamos que “a língua de que se apropria Benveniste (pois que tal é a sua definição de enunciação) não é *exatamente* aquela dos cientistas comuns, e esse leve deslocamento basta para constituir uma escritura²⁸” (BARTHES, 1984, p. 183).

A escritura de Benveniste é quase neutra. Ela apresenta uma mescla sutil de dispêndio e de reserva que fundamenta o texto. Ao trabalhar com ele, com os seus textos – que nunca são simples artigos – se reconhece sempre a generosidade de um homem que parece escutar o leitor e emprestar-lhe alguma coisa de sua inteligência (BARTHES, 1984).

Antes de qualquer reflexão, faz-se necessário e pertinente nos perguntar: por que escolher as problematizações de Émile Benveniste? Seguramente, porque ele “produziu um pensamento absolutamente singular, cuja complexidade está por ser avaliada, uma vez que só poderia ser contemplada em um estudo epistemológico exaustivo” (FLORES, 2013, p. 22).

Talvez Benveniste seja o primeiro linguista, a partir do quadro saussuriano, a desenvolver um modelo de análise da língua especificamente voltado à enunciação. Com efeito, a ligação epistemológica de Benveniste a Saussure vai muito além de um avanço teórico na área da linguagem.

Ambos possuem “afinidades teóricas e objetivos comuns” (BALDINI, 2005, p. 55), e seus trabalhos são constantemente retomados, interpretados dentro de uma grande área do conhecimento que é a Linguística. Isso propõe uma abordagem que os vinculam a uma “comunidade de conhecimento”, uma vez que, conforme Auroux (2008, p. 129), tem uma função social geral de validação e de legitimação pelo

²⁸A escritura é um conjunto de signos. Ora, a semiocrítica (conjunção da literatura e da linguística) não se pode confundir com a estilística, trata-se de uma perspectiva de amplitude muito maior, cujo objetivo não pode constituir-se de simples acidentes de forma, mas sim das próprias relações entre o escritor e a língua (BARTHES, 1984).

reconhecimento dos pares. Tal comunidade é norteadada por uma responsabilidade teórico-analítica em relação ao conhecimento, respeitando os limites da interpretação.

Nesta ótica, Normand (2006) considera que Benveniste encontrou Saussure naquilo que ele pôde conhecer de seus escritos. Todavia, nem um nem outro transgrediu com a tradição comparatista, eles simplesmente a abalaram e, dependendo do caso, alteraram-na.

Nessa perspectiva, Benveniste é, de um lado, estritamente saussuriano e, de outro, busca romper a barreira do fechamento do sistema pelo estudo da significação e pelo estudo da subjetividade na língua (GUIMARÃES, 2005). Sobre o lado saussuriano:

2.3.1 O efeito das ideias linguísticas de Saussure nas de Benveniste

Acreditamos que Benveniste não transitou de um saber a outro, mas de um problema²⁹ a outro (DESSONS³⁰, 2006). Conforme Chiss e Puech (apud ONO³¹, 2007), o estilo benvenistiano é, com certeza, o da problematização. Ele busca novas perspectivas, relaciona questões, define pontos de vista. Vejamos.

2.3.1.1 Sobre a “Natureza do signo linguístico” (BENVENISTE, 2005)

Como vimos, a língua, para Saussure (2003), é um sistema de signos linguísticos e a relação do significante com o significado é arbitrária. Nessa ótica, toda a essência da linguagem começa por enunciar o caráter arbitrário do signo linguístico. “Este princípio tem tal alcance que uma reflexão que verse sobre qualquer parte da linguística o encontra necessariamente (BENVENISTE, 2005, p. 53).

No entanto, Benveniste vê a língua como um sistema de signos linguísticos cujas relações entre eles são necessárias. “Opostos conservam-se em mútua relação de necessidade” (BENVENISTE, 2005, p. 59), ou seja, ao contrário de Saussure (2006), Benveniste propunha que o laço que une o significante ao significado é

²⁹ É um modo de pensar, uma atitude heurística. Tomar o problema como um modo de pensar indica complexificar questões linguísticas e, ao problematizá-las. A configuração problemática se transforma a partir da atividade do pensamento, atingindo sua dimensão crítica. [...] É por isso que nas ciências humanas o importante não são as respostas, mas as perguntas, as maneiras de formulá-las. A pergunta, se é um problema, não é entendida apenas como uma interrogação, ela é - *quaesio* – uma investigação (DESSONS, 2006, p.11).

³⁰ A tradução do livro foi realizada por nós.

³¹ A tradução do livro foi realizada por nós.

necessário e não arbitrário. “O arbitrário é que um signo, mas não outro, se aplica a determinado elemento da realidade, mas não outro” (FLORES, 2013, p. 53).

Fruto disso, evidenciamos a primeira problemática encontrada no PLG I.

Primeiro problema: o laço que une o significante ao significado não é arbitrário e sim necessário.

Benveniste (2005) questiona se esta conclusão da arbitrariedade do signo é coerente. “Decidir se o mesmo signo linguístico é arbitrário porque o mesmo animal se chama *boi* num país, *Ochs*, noutra, equivale a dizer que a noção de luto é “arbitrária” porque tem por símbolo o preto na Europa, o branco na China” (BENVENISTE, 2005, p. 55).

Assim, o laço arbitrário é em relação ao signo e ao objeto. É, melhor dizendo, a motivação objetiva da designação que se submete à ação de vários fatores históricos (BENVENISTE, 2005).

“Ora, se Saussure esforça-se sempre para explicar que a relação significante/significado é imotivada, não deixa de causar estranheza, aos olhos de Benveniste, exemplificar tal raciocínio supondo que *b-ö-f* e *o-k-s* se aplicam à mesma realidade” (FLORES, 2013, p. 52). Somamos: à mesma ideia, ao mesmo significado.

Contudo, a arbitrariedade em si, sob a ótica saussuriana, é fundada na necessidade da coexistência das duas faces do signo. O que postula Benveniste é de que a ligação de necessidade é aquela que une os diferentes termos apontados como formas no cerne do sistema, todavia, neste caso, o elo arbitrário não é de forma com forma, e sim articula uma forma linguística (significante ou significado) à substância (fônica ou psicológica) que este elemento se sustenta (BOUQUET, 2002).

Nessa ótica, notamos que a arbitrariedade, em Saussure, alude à ideia de que a imagem acústica *b-ö-f* poderia ser qualquer outra, *o-k-s*, por exemplo. Este significante poderia reclamar no sistema da língua qualquer significado que não *boi*. Isso, pela lógica, depende do que foi convencionalizado por quem usa a língua e, conseqüentemente, a arbitrariedade estaria somente no nível semiótico, intralinguístico.

Um passo a menos, supomos assim, do que pensa Benveniste sobre o laço necessário. O laço necessário pensado por Benveniste, conforme interpretação nossa, é do signo já constituído na massa mnemônica virtual do falante. Nesta perspectiva, sim, o laço que une o significante ao significado é necessário. Porém,

antes de ser signo linguístico, pela noção de valor, o significante e o significado de *boi* se relacionam com outros significantes e outros significados que tem algo em comum dentro do sistema linguístico, justificando o laço ser arbitrário.

Efeitos das ideias de Saussure e Benveniste acerca do signo em nossa pesquisa

O que nos interessa para a análise é esse olhar de Benveniste em relação ao signo já integrado pelo elo necessário. Benveniste parte do signo já constituído e define que a relação que ele tem com outros signos no sistema da língua é que constitui sua significação. Em síntese, é preciso entender como uma forma linguística já constituída, entra em relação com outras formas e significa no sistema da língua.

2.3.1.2 Sobre “A forma e o sentido na linguagem” (BENVENISTE, 2006)

A língua é o instrumento de comunicação que é e deve ser comum a todos os membros da sociedade. Isso se justifica porque ela está revestida de propriedades semânticas e porque ela funciona como uma máquina de produzir sentidos (BENVENISTE, 2006).

Dessa forma, compreendemos que linguagem significa e essa essência explica todas as funções que ela assegura ao meio humano. Antes de servir para comunicar, ela serve para viver (BENVENISTE, 2006).

Este encadeamento circular que se estabelece entre a ação de viver e a de significar define a natureza irredutivelmente antropológica da linguagem, sugerindo que a linguagem humana possui em si a capacidade de definir um pelo outro, a vida e o sentido (DESSONS, 2006).

Com efeito, a língua tem como função mediar relações entre homem e homem, entre o homem e o mundo, entre o espírito e as coisas, transmitir informações, comunicar a experiência, suscitar respostas, ser um instrumento da descrição e do raciocínio. Ela, pelo seu funcionamento semântico, permite a integração da sociedade e a adequação ao mundo e, por consequência, a normatização do pensamento e o desenvolvimento da consciência (BENVENISTE, 2006).

Há duas propriedades conjuntas e inseparáveis no funcionamento da língua: a forma e o sentido. Elas já estavam presentes nas ideias linguísticas de Saussure, o qual se valia da metáfora da folha de papel para ressaltar a inseparabilidade do som

e do pensamento, os dois lados da folha, um dos quais não pode ser cortado sem que se corte o outro também (DESSONS, 2006).

Compreendemos que Benveniste (2006) realiza um movimento para evidenciar como forma e sentido funcionam inseparavelmente na língua. Apoia-se na definição de signo linguístico saussuriano e adentra no sistema da língua para estudar a forma e o sentido.

Conforme Dessons (2006), a língua é um sistema significante por excelência. Há uma singularidade dela no conjunto dos sistemas semiológicos, pois apenas ela tem uma dupla significância: a dos signos (domínio semiótico) e a da enunciação (domínio semântico). Por exemplo, pode-se estudar a significação sem a enunciação (gestos de polidez), porém não há enunciação sem significação.

Benveniste (2005) acrescenta que a significação não é qualquer coisa que seja dada à língua por acréscimo, é de sua própria natureza; e se não fosse assim, não seria nada.

Este “ir além” no estudo da significação, faz com que Benveniste não abandone a língua na sua matéria significante, em suas estruturas comuns, no seu aparelho “semiótico”, mas concilia o gesto saussuriano com a singularidade subjetiva, com a comunicação sempre situada, com o “acontecimento inebriante” que é todo enunciado. Analisar “o semântico”, eis a proposta de Benveniste (NORMAND, 2006).

2.3.1.2.1 O domínio semiótico

O domínio semiótico da língua está ligado ao sistema de signos cuja significação se estabelece pela relação destes signos uns com os outros, mediante distinção, como já resenhado. A unidade semiótica é o signo e ela precisa ser analisada por dois pontos de vista: o da forma e o do sentido.

Conforme o autor, no semiótico, o aspecto formal da entidade chamada signo designa-se por significante. Os fonemas, que fazem parte do inventário da língua, unidades obtidas por procedimentos e técnicas adequadas, e aqueles que, simples ou combinados, caracterizam a estrutura formal do significante e preenchem uma função distintiva no interior desta estrutura (BENVENISTE, 2006).

O sentido diz respeito às relações de oposições com outros signos da língua (relações paradigmáticas). Para Benveniste,

o signo é dotado de significação na comunidade daqueles que fazem uso de uma língua, e a totalidade destes signos forma a totalidade da língua. Em semiologia, o que o signo significa não dá para ser definido. Para que um

signo exista, é suficiente e necessário que ele seja aceito e que se relacione de uma maneira ou de outra com os demais signos. A entidade considerada significa? A resposta é sim, ou não. Se é sim, tudo está dito e registra-se; se é não, rejeitamos-la e tudo está dito também. “Chapéu” existe? Sim. “Chámeu” existe? Não (BENVENISTE, 2006, p. 227).

É no plano da língua que uma unidade semiótica constitui sentido, tudo o que for externo à língua não existe. Tudo o que é do domínio do semiótico tem por critério necessário e suficiente que se possa identificá-lo no interior e no uso da língua. Cada unidade entra numa rede de relações e de oposições com os outros signos que o delimitam no interior da língua (BENVENISTE, 2006).

Benveniste (2006) considera que o signo, dentro do sistema, é necessariamente uma unidade, mas nem toda a unidade é um signo. Gomes (2006) reflete que considerado como unidade, o signo é idêntico a si mesmo, mas pura alteridade em relação a qualquer outra base significante da língua, material necessário da enunciação. Ainda confirma que

justamente por esse último aspecto, Benveniste avança e dirige a discussão para a abertura de uma nova dimensão de significância do signo, a do discurso, que passa a denominar de semântica. Com a dimensão semântica entramos no modo de significar que é engendrado pelo discurso (a língua considerada atividade, a língua em funcionamento). E aqui, segundo o próprio Benveniste, os problemas que se colocam são relativos à função da língua como produtora de mensagens (GOMES, 2006, p. 164).

Se no semiótico a unidade, definida por uma relação paradigmática, é o signo, no domínio semântico a frase ganha este *status*. Todavia, do semiótico ao semântico há uma mudança radical de perspectiva: todas as noções já tratadas entram em relações novas. A semiótica caracteriza-se como uma propriedade da língua; a semântica resulta de uma atividade do locutor que coloca a língua em prática (BENVENISTE, 2006).

2.3.1.2.2 O domínio semântico

O modo semântico está ligado à atividade do locutor e implica a construção de referência no agenciamento sintagmático (BENVENISTE, 2006).

A unidade do semântico é a palavra. Benveniste (2006) apresenta a palavra em sua versão natural, como unidade mínima da mensagem e como unidade necessária da codificação do pensamento.

É possível entender que nos dois modos (semiótico e semântico) referidos há forma e sentido, mas em tudo que diz respeito ao signo. “As frases são signos, os textos são signos, qualquer produção humana dotada de sentido é um signo” (FIORIN, 2002, p.60).

Barbisan (2006) afirma que a frase se define por seus constituintes e não pode integrar nenhuma unidade mais alta e o merisma só se define como integrante, não podendo ser segmentado em constituintes.

As unidades linguísticas admitem relação com elementos de mesmo nível (relações distribucionais) e com elementos de níveis diferentes (relações integrativas). Esses dois tipos de relação são justificados pelo fato de que um signo é função dos elementos que o constituem e o único meio de definir esses elementos como constitutivos é pela função integrativa (NORMAND, 2009) (trataremos mais sobre estas relações no próximo capítulo).

Há um nível intermediário, o do signo, que pode conter constituintes e funciona como integrante de um nível mais alto. Essa distinção entre constituinte e integrante é fundamental porque, a partir dela, compreende-se a relação entre forma e sentido. A dissociação constitui a forma, a integração cria unidades significantes. Então, para Benveniste, a forma é a capacidade que tem o sistema de se dissociar em constituintes de nível inferior; o sentido é sua capacidade de integrar unidades de nível superior (BARBISAN, 2006).

Coquet e Fenoglio (2014) destacam que

entre os pontos considerados por Benveniste em suas notas preparatórias para o curso do Collège De France de 1969-1970, juntas às do simpósio, está o das duas sintaxes, que ele define uma com relação a outra: “a sintaxe das línguas” depende da “sintaxe da linguagem”. Algo análogo fez com o semiótico e o semântico: não há semiótica sem semântica. Em outras palavras: a “significação” semiótica, o sentido léxico, **resulta da intenção semântica, do que se quer dizer**. “O discurso, na língua em prática, em repetição, em recorrência (...) termina por fixar signos (por passar das palavras aos signos), por incrementar o repertório, por diversifica-lo, e desse modo cria os conceitos correspondentes (p. 60) (tradução nossa) (grifo nosso).

A significação resulta da intenção semântica, do que se quer dizer. Sob este ponto de vista, a língua, um sistema complexo, é um processo que compreende apropriação, atualização, sintagmatização, o último item engloba os demais, pois semantização resume todo o trabalho com a língua: a conversão da língua em discurso” (FLORES et al., 2009).

Segundo problema: A noção de sentido nos dois domínios da língua.

Benveniste (2006) avança na teoria saussuriana quando destaca que as unidades da linguagem são elementos de base em número limitado, cada um diferente do outro, e suas unidades se agrupam para formar novas unidades e assim sucessivamente. Normand (2009) explica que a *língua* compreende diferentes níveis hierarquicamente constituídos, os fonemas, seus traços distintivos, a palavra, a frase, tornando-se o *sentido* a condição fundamental para que uma unidade de qualquer nível tenha *status* linguístico.

Por esta via, o linguista mantém-se teoricamente ligado a Saussure, em relação à definição de sistema linguístico, como fechado em si, porém tem paradigmas próprios para a constituição da subjetividade.

O que notamos é que a única questão que interessa a Benveniste é a da existência do signo no sistema da língua. Ele existe/ ele não existe (*chámeu* existe?). Um campo de pura distintividade (GUIMARÃES, 2005). O sentido no domínio semiótico é imediato, fechado sobre si mesmo e contido de algum modo em si mesmo (BENVENISTE, 2006).

O modo semântico diz respeito à língua enquanto produtora de mensagens. Se trata de considerar o sentido globalmente. Entra no semântico a consideração da referência, excluída no nível semiótico por Saussure. A ordem semântica se identifica ao mundo da enunciação e ao universo do discurso (BENVENISTE, 2006)

Para o semiótico trata-se de reconhecer as unidades. Para o semântico trata-se de compreendê-las no discurso.

Nessa ótica, o sentido semântico é global, na medida que é “resultante do encadeamento, da apropriação pela circunstância e da adaptação dos diferentes signos entre eles” (BENVENISTE, 2006, p. 21).

Efeitos da ideia de Benveniste (2006) sobre os modos semiótico e semântico em nossa pesquisa

Partindo do pressuposto de que há duas maneiras de ser língua: na forma e no sentido, e o nosso objeto de estudo é o signo *referência*, precisamos analisar o seu funcionamento na/pela língua nos dois domínios: semiótico e semântico respectivamente. No semiótico, escolhemos o nível da palavra, enquanto elemento constituinte do sistema da língua e que significa na sua relação paradigmática com

outros elementos. No semântico, analisamos como a palavra integra um nível superior, o da frase, e significa no agenciamento sintagmático realizado pelo linguista Benveniste. Do semiótico: a forma. Do semântico: a ideia, que é sempre particular e depende do agenciamento daquele que usa a língua.

2.3.2 A linguagem não diz³², nem oculta, mas ela significa³³

Neste tópico de discussão, evidenciamos o lugar de Émile Benveniste na história das ideias linguísticas. Todo o movimento que realizamos até o momento foi desvendar no que Benveniste avança nas ideias de Saussure. Se considerarmos que o segundo definiu a língua como um sistema linguístico fechado, cuja a significação se constitui na relação entre significantes e significados num eixo paradigmático; o primeiro manteve este pensamento e se questionou como seria possível este signo significar um nível mais alto.

Se Saussure parte da fala para se chegar à língua, Benveniste faz o caminho inverso. “A língua fornece o instrumento de um discurso no qual a personalidade do sujeito se liberta e se cria, atinge o outro e se faz reconhecer por ele” (BENVENISTE, 2005, p. 84). Nessa direção, destacamos que “é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem” (BENVENISTE, 2005, p. 285).

Na medida em que a língua combina os seus dois modos de significância (semiótico e semântico), ela permite a proeza fundadora pela qual o singular, o específico e o particular próprios de um locutor se articulam com o geral e o comum das significações reconhecidas pela sua sociedade (MICHON, 2010) (tradução nossa).

2.3.2.1 O mundo da significação: a cultura

A estas significações reconhecidas denominamos cultura. Ela é também um sistema que difere o que tem sentido e o que não tem, assim como a linguagem em uso. Recordemos do exemplo da palavra *chaméu*. Ela não tem sentido na língua portuguesa, todavia *chapéu* sim. Também, a questão do uso da cor branca, que para

³² “Do dizer jorra a linguagem e essa potência humana ultrapassa o indivíduo” (SILVA, 2015b, p. 88).

³³ Referencia-se a fala de Heráclito, citada por Benveniste (2006, p.234).

nós ocidentais significa paz, juventude, luz, porém, na China, é considerada a cor do luto.

Essa é uma forma de interpretar o sentido no seio da cultura. “[...] uma articulação entre uma certa cor e um certo comportamento e, finalmente, um valor inerente à vida social. Tudo isto se integra numa rede de diferenças: o branco, o preto não valem na cultura ocidental como na cultura do extremo oriente” (BENVENISTE, 2006, p. 22). Dessa maneira, tudo o que é do domínio da cultura deriva de sistemas de valores e eles se imprimem na língua.

Benveniste (2006, p. 23-24) afirma que o “homem não nasce na natureza, mas na cultura. [...] toda a criança e em todas as épocas, na pré-história a mais recuada como hoje, aprende necessariamente com a língua os rudimentos de uma cultura. Nenhuma língua é separável de uma função cultural”.

Nas palavras de Benveniste,

[...] o que uma criança adquire, aprendendo, como se diz, a falar, é o mundo no qual ela vive na realidade, que a **linguagem lhe dá** e sobre o qual ela aprende a agir. Aprendendo o **nome de uma coisa**, ela adquire o **meio de obter esta coisa**. Empregando a **palavra**, ela age, pois, sobre o mundo se dá conta obscuramente muito cedo. É o poder **da ação, de transformação, de adaptação**, que é a chave da relação humana entre língua e a cultura, uma relação de integração necessária (2006, p.24) (grifos nossos).

Como sabemos a linguagem serve para viver e quando adentramos no processo de significação, temos a língua como mediadora, que organiza a vida do homem. O homem nasce numa cultura, aprende primeiro o nome de uma coisa (justificativa da relação necessária que Benveniste deu ao signo), emprega-a, age, transforma o mundo do qual faz parte. Os dois modos de ser língua: semiótico e semântico permitem a integração dos homens “e a adequação ao mundo, e por consequência a normalização do pensamento e o desenvolvimento da consciência” (BENVENISTE, 2006, p. 229).

Sobre a integração dos homens, Benveniste (2005) afirma que é dentro da e pela língua que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente.

[...] A sociedade não é possível a não ser pela língua; e, pela língua, também o indivíduo. Diante disso, Benveniste questiona qual a fonte desse poder misterioso que reside na língua e por que o indivíduo e a sociedade juntos e por igual necessidade fundam-se na língua. E responde que a linguagem representa a mais alta forma de uma faculdade que é inerente a condição humana, a faculdade de simbolizar (BENVENISTE, 2005, p. 27).

Nessa direção, o que é que atribui à língua esta posição de interpretante? Benveniste (2014) problematiza esta relação de interpretação em suas últimas aulas. Para ele, as estruturas linguísticas são “anisomorfas”, isto é, faz-se necessário abandonar a ideia de que a língua reflete a sociedade. Entre os dois sistemas, linguístico e social, não há correlação estrutural. A relação só pode ser semiológica, ou seja, uma relação de interpretante com interpretado, que exclui toda a relação genética. Nessa ótica, a língua contém a sociedade.

Flores (2013) explica que para a língua ser interpretante da sociedade, ela deve preencher duas condições diante dela: é a língua não ser homóloga à sociedade, isto é, elas não podem nem ser mutuamente interpretantes uma da outra, nem ser *convertíveis* uma na outra. O autor explica que a língua está investida de uma dupla propriedade: uma, *constitutiva de sua natureza*, é ser formada de unidades significantes (os signos); outra, *constitutiva de seu emprego*, é arranjar essas unidades de maneira significativa.

Com efeito, as duas propriedades da língua estão ligadas pela propriedade sintagmática, isto é, a de combiná-las em certas regras de consecução e somente de certa maneira. Segundo Benveniste (2006), a língua é necessariamente o instrumento próprio para descrever, para conceitualizar, para interpretar tanto a natureza quanto a experiência, portanto este composto se chama sociedade.

A língua é, portanto, sempre o interpretante. Na medida em que ela é formada de unidades significantes (propriedade constitutiva de sua natureza, propriedade absoluta). Também, a língua pode organizar essas unidades significantes de uma maneira significativa, porque desempenha, diante de todos os outros sistemas, o papel de interpretante semiológico, um modelo que serve para definir os termos e suas relações. A língua é sempre o primeiro sistema dentre todos os outros (BENVENISTE, 2014).

Flores (2013) localiza a interpretância da língua em três pontos:

- **O vocabulário:** conserva testemunhos insubstituíveis sobre as formas e as fases da organização social, sobre os regimes políticos, sobre os modos de produção que foram sucessiva ou simultaneamente empregados, etc. (BENVENISTE, 2006, p. 100).
- **A referência:** o testemunho e a condição do emprego que devemos fazer das formas

(BENVENISTE, 2006, p. 100).

- **O fato de que cada um fala a partir de si:** para cada falante o falar emana dele e retorna a ele, cada um se determina como sujeito com respeito ao (BENVENISTE, 2006, p. 101).

Sobre o último ponto, Benveniste (2006) argumenta que a língua é ao mesmo tempo uma realidade supraindividual e coextensiva à toda a coletividade. Para ele, é esta coincidência entre a língua como realidade objetivável, supraindividual, e a produção individual do falar que fundamenta a situação paradoxal da língua com respeito à sociedade. Com efeito, a língua fornece ao falante a estrutura formal de base que permite o exercício da fala, viabilizando o instrumento linguístico que assegura o duplo funcionamento subjetivo (eu/tu) e referencial (eu/tu – ele) do discurso.

Nesse sentido, surge uma nova configuração de língua: é a inclusão do falante em seu discurso. Desta vez o homem se situa e se inclui em relação à sociedade e à natureza e ele se situa necessariamente em uma classe, seja de autoridade ou de produção (BENVENISTE, 2006).

2.3.2.2 A enunciação³⁴

Até o momento, discorreremos sobre o sistema semiológico que permite o homem assimilar a cultura, a perpetuá-la ou transformá-la e, conseqüentemente, significar-se no mundo. A partir dessa base, Benveniste pensa em um dispositivo formal da enunciação, o qual permite ao homem transformar a língua em discurso (FLORES et al, 2009).

Na nossa perspectiva, o aparelho se constitui por uma tríade: A língua, já discutida, a instância de discurso e a relação intersubjetiva³⁵.

³⁴ Estamos cientes que há vários estudos sobre a definição de enunciação, como o estudo desenvolvido por Ono (2007). Contudo, o esboço deste tópico é para mostrar que essa noção benvenistiana se forma progressivamente na sua obra. Ela, a noção, também não é o nosso objeto de estudo, mas sim constitui a base referencial.

³⁵ Por aí se reflete na língua a experiência de uma relação primordial, constante, indefinidamente reversível, entre o falante e seu parceiro (BENVENISTE, 2006).

2.3.2.2.1 A instância de discurso

Para entender a conversão da língua em discurso, é necessário refletir sobre o *aparelho formal da enunciação*. Sobre este, Benveniste (2006) diferencia o emprego das formas e o emprego da língua.

O emprego das formas (maneira como analisaremos a palavra *referência* no capítulo designado *Conjuntos de formas linguísticas*) é um conjunto de regras fixando as condições sintáticas que pertencem a um paradigma que arrola as condições possíveis (BENVENISTE, 2006).

Fenoglio (2013) exemplifica através dos manuscritos de Benveniste:

É preciso distinguir bem o que necessário do que não é. O que é necessário, são os instrumentos da apropriação: pronomes pessoais, índice, tempos do verbo. O que não é necessário, são os empregos <elementos> que se poderiam encontrar semelhantes nas estruturas não enunciativas. Ao menos isto é uma aproximação. Na realidade se há níveis ou distinções a observar, são os níveis na percepção que temos do aparelho necessário à enunciação. Na realidade é uma mudança, não, não uma mudança na matéria mesmo da língua. Uma mudança <mais sutil, mais profunda> do fato ~~que ela~~ é posta em movimento, que alguém se apropria e que ela a persegue, a coloca em ação, que esse aparelho que jazia, potencial, mas inerte, consistindo signos de um lado (signos lexicais e outros), em modelos flexionais e sintáticos do outro <se ainda subitamente tornando-se de repente atual> torna de repente existência <se forma em discurso restituindo em torno dele um movimento vivo>; ~~de~~ língua. Alguma coisa nasce no mundo então. Um homem se expressa (lat. *exprimere* “fazer sair pressionado, fazer fluir ao exterior”), ele faz a língua na enunciação (2013, p. 38-39).

Benveniste (2006, p. 81) pontua que “estas regras de emprego são articuladas a regras de formação indicadas antecipadamente, de maneira a estabelecer uma certa correlação entre as variações morfológicas e as latitudes combinatórias dos signos”. Esta perspectiva de analisar o signo no emprego da forma permite criar um inventário limitado e aproximativo do que Benveniste (2006) considera o emprego da língua.

Este último é entendido como um mecanismo total e constante que, de um modo ou de outro, afeta toda a língua. Relacionada com o emprego da língua está a definição de enunciação como sendo a necessidade de referir pelo discurso (BARBISAN, 2006).

Dessa forma, a enunciação é vista como um processo, um ato pelo qual o locutor mobiliza a língua por sua própria conta (BENVENISTE, 2006).

O produto desse ato é o enunciado, cujas características linguísticas são determinadas pelas relações que se estabelecem entre o locutor e a língua.

Citamos algumas diferenças entre o enunciado e a enunciação, sob a ótica de Filinich (1998) (tradução nossa). Em relação ao enunciado, a autora afirma que

em todo enunciado, seja este da natureza e da extensão que for – verbal ou não verbal, uma frase ou um relato – é possível reconhecer sempre dois níveis: o nível do expressado, a informação transmitida, a história contada, isto é, o nível enuncivo, ou bem o enunciado; e o nível enunciativo ou a enunciação, é dizer, o processo subjacente pelo qual o expressado é atribuído a um *eu* que apela a um *tu*. Assim, o enunciado, em uma manifestação discursiva qualquer, reconhecemos o enunciado e a enunciação. [...] O enunciado implica dois níveis, dos quais um é explícito, o enunciado, aquele que é **objeto do discurso**, e o outro, implícito, a enunciação, pressuposta por todo o enunciado na medida em que todo o discurso provém de um *eu* que destina sua alocação a um *tu* (FILINICH, 1998, p.18).

Partindo dessa constatação diferencial, para as análises que compõem o capítulo *Conjuntos de enunciados*, usaremos a noção de enunciado/frase, pois o consideramos a manifestação da enunciação produzida por Émile Benveniste nos textos recortados para as nossas reflexões.

É o ato de apropriação da língua que introduz aquele que fala na sua fala. Isso define a instância de discurso. Dentre suas propriedades essenciais estão:

- o tempo da instância de discurso é o momento sempre presente em que o “eu” fala, mesmo que fale de **acontecimentos passados ou futuros**.
- ela se liga ao momento inicial de produção do enunciado;
- tem papel fundamental na passagem de locutor a sujeito (FLORES et al, 2009).

Com efeito, a enunciação, então, converte a língua em discurso pelo emprego que o locutor faz dela (BENVENISTE, 2006). Ao se apropriar individualmente do aparelho formal da língua, o locutor (*eu*) enuncia sua posição com marcas linguísticas específicas. Como tal, ele instaura o outro (*tu*), o alocutário, diante de si (BARBISAN, 2006).

O aparelho formal da enunciação é o que atualiza a língua em discurso. Sobre discurso, Flores e Endruweit (2009) encontram doze ocorrências da definição do aparelho formal da enunciação na obra de Benveniste, algumas delas, resumidamente (**grifos nossos**):

(1) O discurso, dir-se-á, que é **produzido cada vez que se fala** [...] (PLG II, p. 82).

(2) O mecanismo desta produção é um outro aspecto maior do mesmo problema. **A enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso.** [...] **É a semantização da língua** que está no centro deste aspecto da enunciação, e ela conduz à teoria do signo e à análise da significância (PLG II, p. 83).

(3) [...] **Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso** [...] (PLG II, p. 83-84).

(4) Na enunciação, **a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo.** A condição mesma dessa mobilização e dessa **apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso**[...] (PLG II, p. 84).

(5) [...] **A presença do locutor em sua enunciação faz com que cada instância de discurso constitua um centro de referência interno** (PLG II, p. 84).

(6) **O presente é propriamente a origem do tempo.** [...] **o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o “agora” e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo** (PLG II, p. 85).

(7) Amplas perspectivas **se abrem para a análise das formas complexas do discurso, a partir do quadro formal** esboçado aqui (PLG II, p. 90).

Nas partes recortadas, queremos mostrar um movimento, proposto por Benveniste, do indivíduo se colocando como sujeito. Ele produz sentidos ao dizer, já que o semântico se efetiva a partir da inserção do sujeito no semiótico, na língua (FLORES et al., 2009).

O locutor é quem instaura a instância do discurso e, conseqüentemente, toda a situação referencial, sem ele se apropriar da língua não existe enunciação, tomada como ato único e individual de colocar a língua em funcionamento (FLORES et al., 2009).

Nessa ótica, “a enunciação é como instância de mediação, que assegura a discursivização da língua” (FIORIN, 2006, p. 75). Há na língua signos vazios que permitem o locutor se propor como sujeito: os pronomes pessoais, como já vimos, só existem na instância de discurso.

Cada discursivização da língua constitui um centro de referência interna (BENVENISTE, 2006). Nele emergem marcas de pessoa (relação *eu-tu*), de ostensão (este, aqui), de *espaço e de tempo*³⁶, em que *eu* é o centro da enunciação. No enunciado há também o *ele*, a não-pessoa, **o qualquer um ou qualquer coisa de que se fala no discurso** (BENVENISTE, 2005).

Benveniste (2005) declara que a realidade a que se refere *eu* e *tu* é a realidade do discurso. *Eu* significa a pessoa que enuncia a presente instância de discurso.

³⁶ Neste trabalho não serão analisados espaço e tempo, apenas as categorias de pessoa e não-pessoa.

Quando *eu* enuncia introduz a situação de alocação obtendo um *tu*. Unem-se a *eu-tu* uma série de indicadores.

Nesse sentido, consideramos também a dêixis³⁷ como contemporânea da instância de discurso. Ela é um mecanismo que relaciona a indicação de um objeto através de uma palavra à instância do discurso que as contém (BENVENISTE, 2005).

Dessa forma, a dêixis

contém elementos da língua, na sua modalidade oral ou escrita, que são, muito mais que outros signos, próprios do ato de dizer, no entendimento de que a sua existência e os seus sentidos são promovidos a partir de uma referência interna. Dito de outro modo, a referência ao contexto discursivo em que se apresentam. Além disso, os dêiticos só existem porque um indivíduo no mundo assume-os e o faz pela necessidade que tem de comunicar-se com outros membros de sua comunidade social. Ao tomar essas formas da língua, o sujeito dá-lhes vida, conquistando, simultaneamente, a possibilidade de interação com o outro e a sua realização enquanto sujeito desse mundo, uma vez que ele próprio testemunha sua existência ao proferir EU para um TU (PIRES e WERNER, 2006, p. 146).

São elementos linguísticos que, como vimos, indicam o lugar (aqui) ou o tempo (agora) em que um enunciado é produzido e também indicam os participantes de uma situação do enunciado (*eu-tu*). São dêiticos: os pronomes pessoais que indicam os participantes; os advérbios de lugar, que são marcadores de tempo (agora, hoje, amanhã, etc.); os demonstrativos (aqui, lá, este, esse, aquele, etc.).

Compreendemos que o fato de a língua estar por completo ligada à referência e ao *eu* não significa que a dêixis não tenha um mecanismo próprio. Em relação a isso, Benveniste considera que toda a língua é dêitica, na medida em que precisa ser referida a quem a enuncia para ter sentido (FLORES; TEIXEIRA, 2013).

Para Benveniste (2005), é identificando-se como pessoa única, pronunciando *eu* que cada um dos locutores se propõe alternadamente como sujeito, o *eu* é signo único, mas móvel. Os indicadores *eu-tu* não podem existir como signos virtuais, eles só existem na instância do discurso e concordam formalmente com o verbo. A terceira pessoa *ele* representa de fato uma não-pessoa. É um signo pleno, uma categoria da língua que tem **referência objetiva, pertence ao nível sintático** e seu valor **independe da enunciação**, declarando, portanto **a objetividade** (BENVENISTE, 2005).

³⁷ Dêixis – este termo é de origem grega e designa a ação de mostrar, indicar, assinalar (PIRES e WERNER, 2006).

2.3.2.2.2 A subjetividade na linguagem

Segundo Benveniste (2005), a subjetividade é a capacidade do locutor para se propor como sujeito, como uma unidade psíquica. O fundamento da subjetividade é determinado pelo *status* linguístico da pessoa, ou seja, a linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso, e por isso *eu* propõe outra pessoa: o *tu*; nenhum se concebe sem o outro, são complementares (BENVENISTE, 2005).

Os pronomes pessoais, segundo o autor, não remetem nem a um conceito, nem a um indivíduo, o *eu* se refere ao ato de discurso individual, o locutor se apropria da língua designando-se como sujeito da enunciação. Os pronomes pessoais são os primeiros pontos de apoio para essa revelação da subjetividade na linguagem.

Benveniste explica que a marca temporal do presente só pode ser interior ao discurso, o tempo em que se fala é o tempo em que se está. A terceira pessoa *ele*, como referenciado, é a **forma paradigmática verbal** ou pronominal que não remete a nenhuma pessoa porque se refere **a um objeto colocado fora da alocução**, entretanto, **existe e só se caracteriza** por oposição a pessoa *eu* do locutor que enunciando a situa como não-pessoa.

Benveniste (2005) descreve que

o caráter sistemático da linguagem faz com que a apropriação assinalada por esses indicadores se propague na instância de discurso a todos os elementos suscetíveis de aí “concordar” formalmente; antes de tudo, por processos variáveis segundo o tipo de idioma, com o verbo. Devemos insistir sobre este ponto: a “forma verbal” é solidária da instância individual de discurso quanto ao fato de que é sempre e necessariamente atualizada pelo ato de discurso e em dependência desse ato. Não pode comportar nenhuma forma virtual e “objetiva”. Se o verbo é usualmente representado pelo seu infinitivo como entrada de léxico para inúmeras línguas, isso é pura convenção (p. 281).

Lembremo-nos que as pessoas *eu-tu*, na teoria benvenistiana, só existem na atualização da língua em discurso. A não-pessoa *ele* é **de quem/do que se fala**, pessoas que são definidas para Normand (2009) como sujeitos da enunciação.

Conforme Teixeira (2012), na tese benvenistiana, existe uma tríade natural iminente ao ato de falar. É por essa singular triangulação que a língua se precipita em discurso. Nesse caso, para que haja enunciação, é necessário o *eu/tu/ele*. “*Ele* se refere, portanto, **à ausência**, uma ausência **representada no campo da presença**” (DUFOR, 2000, p.107).

O discurso coloca livremente as formas pessoais do verbo, tanto *eu/tu* como *e/e*. Explícita ou não, a relação de pessoa está presente em toda parte, confirma Benveniste (2005). Ele ainda retrata que “consequentemente a ‘terceira pessoa’ não tem o mesmo valor que na narrativa histórica. Nesta, não intervindo o narrador, a terceira pessoa não se opõe a nenhuma outra; é na verdade uma **ausência de pessoa**” (BENVENISTE, 2005, p. 268).

Para Benveniste (2005), é identificando-se como pessoa única, pronunciando *eu* que cada um dos locutores se propõe alternadamente como sujeito, o *eu* é signo único, mas móvel.

Denomina-se intersubjetividade, esta relação necessária entre *eu-tu*, que transforma/constitui o homem em sujeito, ou seja, sem um *tu* não existiria um *eu*, pois “é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem” (BENVENISTE, 2005, p. 285).

Terceiro problema: a forma linguística *e/e* apresenta designações variáveis

Nos textos selecionados para fundamentar os últimos tópicos, notamos que o emprego da forma linguística *e/e* varia, segundo **grifos nossos**:

- referência objetiva;
- acontecimentos passados ou futuros (do que se fala);
- qualquer um ou qualquer coisa de que se fala no discurso;
- pertence ao nível sintático;
- seu valor independe da enunciação, declarando, portanto, a objetividade;
- forma paradigmática verbal ou pronominal que não remete a nenhuma pessoa porque se refere a um objeto colocado fora da alocução;
- entretanto, existe e só se caracteriza por oposição a pessoa eu do locutor que enunciando a situa como não-pessoa;
- uma ausência representada no campo da presença;
- ausência de pessoa.

Essa problemática de variação de emprego da forma *e/le* na instância de discurso, na qual Benveniste se coloca como sujeito, reafirma a nossa hipótese³⁸ de pesquisa.

2.4 O efeito Benveniste³⁹

O horizonte de retrospectiva sugerido por nós, a partir de alguns textos de Benveniste (2005-2006), permite compreender de que maneira os estudos acerca da linguagem abrem caminho para se constituir uma história das ideias linguísticas que, para o nosso objetivo⁴⁰ de pesquisa, é importante.

Refletimos que frente às pesquisas que tinham como objetivo somente a comparação entre as línguas e a sua descrição, numa perspectiva diacrônica, que excluía a fala e, conseqüentemente, questões problemáticas como o sentido, a referência e o sujeito, Benveniste representa uma mudança, ao não se aliar à redução (GIACOMELLI; PIRES, 2006).

Com efeito, o movimento que realizamos, neste capítulo, evidenciou como a língua se constituiu enquanto objeto científico, aos olhos de Saussure (2003), e de que maneira Benveniste (2005-2006) problematiza o trinômio: língua (avança na definição saussuriana integrando a propriedade semântica), cultura e personalidade.

A nosso ver, a principal contribuição de Benveniste aos estudos que versam sobre a linguagem foi a de criar um dispositivo formal que permitiu evidenciar como a língua, tratada antes como um sistema de signos fechado e homogêneo (Saussure), se semantiza. E enfatizamos que esta passagem da língua para fala se configura pela enunciação.

³⁸ A hipótese desta síntese é de que a noção *e/le*, na obra de Émile Benveniste, forma-se progressivamente, de maneira não metódica, por três vieses: como referência objetiva, enquanto categoria de não pessoa e como produto da enunciação.

³⁹ Parafrazeando *O efeito Saussure*, título do texto de Patrícia Ribeiro, publicado no livro *A palavra de Saussure* (2016).

⁴⁰ O objetivo deste estudo é compreender, analisar e interpretar como Émile Benveniste emprega a palavra *e/le* e a significa em sua obra e, a partir disso, constituir uma noção de uma das problemáticas linguísticas.

Benveniste (2006) postula que na enunciação a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo. A condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua é para quem locuta a necessidade de se referir pelo discurso, e, para o outro, o alocutário, a possibilidade de co-referir identicamente, no consenso pragmático que faz cada locutor com co-locutor, sendo a referência parte integrante da enunciação.

Vimos que esta situação é única e por isso irrepetível e se manifesta por um jogo de formas específicas cuja função é de colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação (BENVENISTE, 2006). Assim, “a enunciação é como instância de mediação, que assegura a discursivização da língua” (FIORIN, 2006, p. 75).

Nesse sentido, Benveniste (2006) ressalta que a língua pode ser encarada no interior da sociedade como um sistema produtivo: ela produz sentido, graças à sua composição que é inteiramente uma composição de significação e graças ao código que condiciona este arranjo. Ela produz também indefinidamente enunciações graças a certas regras de transformação e de expansão formais; ela cria, portanto, formas, esquemas de formação; ela cria objetos linguísticos que são introduzidos no circuito da comunicação.

Explicada a sua importância, compreendemos que a obra de Émile Benveniste é ampla e abarca não só os problemas que permeiam a linguagem, mas também a sua relação com o homem. Trata da língua; dos modos semiótico e semântico; do homem na língua; da enunciação. Conforme Flores e Teixeira (2013), Benveniste é considerado o linguista da enunciação e, conseqüentemente, o principal representante do que convencionou chamar de *teoria da enunciação*.

Benveniste em PLG I (2005) e PLG II (2006) introduz na história das ideias linguísticas a necessidade e a possibilidade de se analisar as implicações da produção de sentido via língua, intersubjetividade (que se caracteriza pela relação dialógica *eu/tu*) e o sujeito que se constitui na e pela linguagem (BRAIT, 2006).

Dessa forma, estudar a linguagem requer uma ótica que leve em conta o sentido, tomando ele como efeito do exercício da língua, na relação de comunicação inter-humana, uma vez que “o homem é ainda e cada vez mais um objeto a ser descoberto na dupla natureza que a linguagem fundamenta e instaura nele” (BENVENISTE, 2006, p. 104).

Nesse sentido, projeta-se uma linguística da enunciação que

visa não somente um fenômeno que não pertence à “fala”, mas justamente um fenômeno cuja existência compromete a própria distinção língua-fala em algumas de suas postulações. Nem da ordem da língua, nem da ordem da fala [...] mas da própria linguagem enquanto atividade regrada (portanto coletiva) linguisticamente: eis o que é revelado sobre a natureza dessa linguística quando se diz que ela não estuda nem os componentes da matéria-linguagem que fazem parte do objeto de outras ciências não propriamente linguísticas (Fisiologia, Física, Psicologia, nem as variações que sofre o sentido dos signos do sistema quando assumido pelo locutor num ato individual de produção, mas a enunciação centro necessário de referência do próprio sentido de certos signos da língua (LAHUD, 1979, p. 97-98).

Mais ainda, se considerarmos a enunciação enquanto objeto de estudo, precisamos ter em mente que “cada enunciação é um ato que serve o propósito direto de unir o ouvinte ao locutor por algum laço de sentimento, social ou de outro tipo. Uma vez mais, a linguagem, nesta função, manifesta-se-nos, não como um instrumento de reflexão mas como um modo de ação” (BENVENISTE, 2006, p. 90).

Assim, é na linguagem e pela língua que temos o intuito de nos unir a Benveniste pelo laço do sentimento. Afinal,

ao trabalhar com ele, com os seus textos (que nunca são simples artigos), reconhecemos sempre a generosidade de um homem que parece escutar o leitor e emprestar-lhe alguma coisa de sua inteligência, mesmo nos assuntos mais particulares, mais improváveis” (BARTHES, 1988, p. 183).

Dentre estes assuntos está o nosso. Tratar da constituição da noção de referência, na obra de Émile Benveniste, com certeza, não nos parece uma tarefa fácil. Para tanto, o próximo capítulo visa evidenciar para o leitor o percurso teórico-metodológico desta tese. Lembramos: é só o nosso ponto de vista teórico diante da grandeza que é estudar o funcionamento do par língua/linguagem.

3 DO EMPREGO DAS FORMAS AO EMPREGO DA LÍNGUA: A CONSTITUIÇÃO DE UM MODELO DE ANÁLISE

Podemos analisar a linguagem pelo viés da descrição, da comparação, da história, da língua por ela mesma, e, após as ideias linguísticas de Benveniste, pela enunciação. Isso não é uma afirmação, mas uma constatação diante do capítulo anterior. Dessa forma, supomos que é possível desenvolver um método de análise que leve em conta a singularidade da enunciação de Benveniste, já que ela é única, fundante, significativa.

Da língua para a enunciação há um caminho para se percorrer que envolve não só uma análise do domínio semiótico, mas também do semântico. O semiótico, constituído por signos linguísticos que se significam nas suas relações, revela-se, no uso da língua, no semântico, através de uma pluralidade de empregos e, conseqüentemente, de significações. Essa variação que sofre o sentido dos signos, justifica-se porque o indivíduo se apropria das formas da língua e se coloca como sujeito da enunciação. Essa ação é sempre singular e irrepetível.

Com efeito, a situação de discurso e a atitude do locutor colocam em cena os elementos que tornam cada enunciação um processo único, uma unicidade que está vinculada a um processo de individuação de um locutor que converte a língua em discurso e acede, assim, à condição de sujeito em um dado espaço e tempo (aqui-agora), para produzir um determinado sentido (DESSONS, 2006).

Logicamente, estudar a dupla propriedade da linguagem requer um método que leve em conta o seu funcionamento indissociável, uma vez que a enunciação, para Benveniste (2006, p. 82), é “este colocar a língua em funcionamento por um ato individual”. Mais ainda, Benveniste, conforme Ricoeur (BENVENISTE, 2006, p. 241) permite compreender que “a linguagem não se constitui no fechamento do mundo dos signos e, no entanto, se ultrapassa até o que eles dizem. Ao mesmo tempo que visa a realidade da frase”. Assim, esses mesmos signos são agenciados em vista de um enunciado particular.

Nessa ótica, é somente na abrangência da “sintagmatização das palavras” em que cada palavra não retém senão uma pequena parte do valor que tem enquanto

signo” (BENVENISTE, 2006, p. 234), que chegamos numa semântica⁴¹ própria via língua -> discurso.

Dessa forma, elaboramos, nesta tese, uma metodologia que permite analisar como a língua passa para o discurso. Isto é, de que maneira o signo linguístico se torna palavra numa “significação intencionada” (BENVENISTE, 2006, p. 234). Inferimos que não é nosso objetivo criar um modelo padrão de análise enunciativa da língua, mas sim, nos basearmos na proposta de análise que Benveniste sugeriu em *Os níveis da análise linguística* (2005).

Nessa direção, considerando que do signo *referência* à palavra *referência* há um processo, este capítulo sintetiza o percurso metodológico delineado, desde o início da tese, com a intenção de compreender, nas análises, os sentidos produzidos por Benveniste nos textos selecionados para compor o *corpus*.

Para refinar nossa metodologia, evidenciamos, via organogramas (que contém temas e não títulos/subtítulos de capítulos), o movimento que idealizamos para elaborar a noção acerca da *referência* em Benveniste que tanto nos inquieta.

Como já retratamos no capítulo introdutório desta investigação, a tese se estrutura em duas partes: A primeira (mostrada a seguir) constitui-se por três capítulos: *Eu, sujeito*; *Benveniste, linguista*; *Do emprego das formas ao emprego da língua: a constituição de um modelo de análise*. E a segunda (mostrada no final deste capítulo), formada por mais uma tríade: *Conjuntos de formas linguísticas*; *Conjuntos de enunciados*; *Em busca da noção de referência na obra de Benveniste*.

Essas partes fundamentam, teoricamente e metodologicamente, nossa reflexão, compreensão e discussão acerca do objeto de estudo.

Com efeito, o início da tríade é marcado por uma breve introdução dessa tese, realizada no capítulo designado como *Eu, sujeito*.

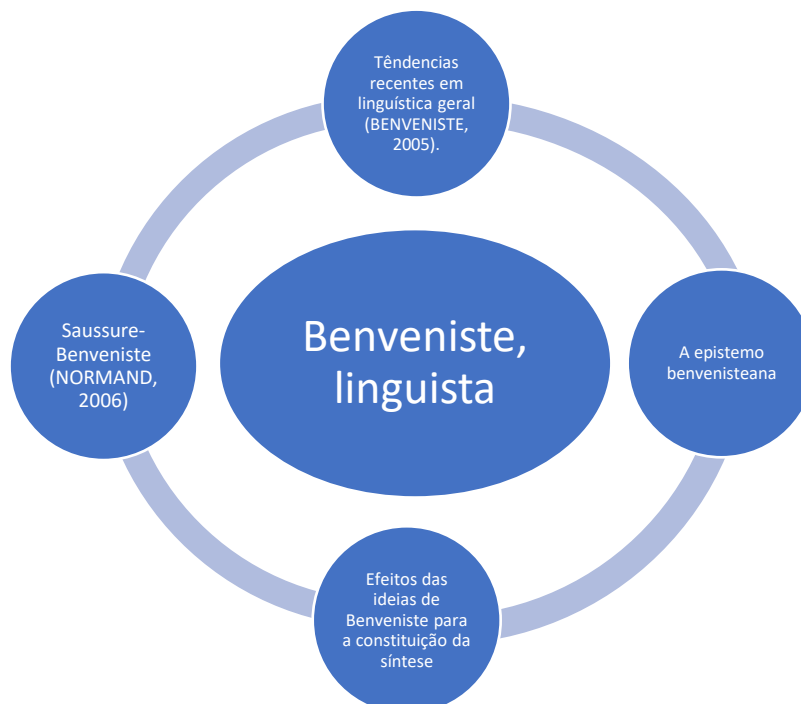
⁴¹ Dessons (2006) afirma que a menção ao semântico como resultado de uma atividade do locutor que coloca a língua em ação põe em relevo “o processo de individuação, que faz com que a frase seja uma globalidade, isto é, um conjunto irreduzível à soma de suas partes” (DESSONS, 2006, p. 63) (tradução nossa).

Organograma 1: Eu, sujeito



No capítulo posterior, *Benveniste, linguista*, articulamos algumas visões epistemológicas da linguagem e seus efeitos nos estudos de Émile Benveniste. Também, discutimos o seu lugar na história das ideias linguísticas e o porquê da escolha de sua teoria como impulsionadora dessa pesquisa.

Organograma 2: Benveniste, linguista



O capítulo *Do emprego das formas ao emprego da língua: a constituição de um modelo de análise* marca o fechamento da primeira tríade.

Organograma 3: Do emprego das formas ao emprego da língua: a constituição de um modelo de análise



Esse último organograma mostra a maneira como desenvolveremos os procedimentos teórico-metodológicos dessa tese, com o intuito de cumprir com o objetivo principal já mencionado.

Antes de evidenciar o *corpus* textual, discutimos algumas questões as quais acreditamos serem importantes para a elaboração de um modelo metodológico de análise enunciativa.

3.1 Algumas questões

3.1.1 Do recorte do objeto

Nas análises feitas no trabalho de mestrado, algumas evidenciadas no primeiro capítulo desta tese, percebemos algumas variações de sentido do emprego da palavra *ele* (Benveniste, 2005-2006): não pessoa; do que se fala ou o que se refere, referência objetiva, etc.

Como nossas leituras (dos PLG I e PLG II) sempre foram realizadas sem o questionamento do porquê da variação de emprego dessas formas (já que não era o nosso objetivo na época), e, conseqüentemente, de sentido, propomo-nos, agora, a compreender e interpretar o funcionamento da palavra *referência* nos enunciados de Émile Benveniste. Alteramos o objeto de pesquisa – da forma *ele* para a forma *referência*, levando em consideração o nosso ponto de vista adotado para a elaboração desta tese.

3.1.1.1 A sondagem

Por *sondagem* iniciamos a seleção do *corpus* textual em busca das palavras⁴² *ele*, categoria de não-pessoa ou referência objetiva nos PLG I e PLG II. A sondagem

se caracteriza por encontrar, por exemplo, um enunciado, em um recorte do acontecimento de enunciação, e explorar este enunciado enquanto elemento deste recorte e assim integrado ao texto que se recorta. [...] A sistematicidade do procedimento de sondagem se caracteriza por ser um modo de “eleger” enunciados decisivos a serem estudados **a partir de uma pergunta**, de uma questão, e em seguida proceder a uma descrição e análise de seu funcionamento...” (GUIMARÃES, 2018, p. 76).

Com efeito, ao realizar a sondagem nos enunciados de Benveniste, em PLG I e PLG II, não estamos buscando a garantia empírica dos dados e dos resultados, não se trata também de criar exemplos com frases e enunciados que podem servir como guia ou mesmo norma. Tratamos de encontrar os elementos primitivos que apresentem uma relevância para se refletir sobre a questão do uso da língua e o seu modo de produzir sentido (GUIMARÃES, 2018).

Destacamos que a sondagem das formas supracitadas se deu via processo de referenciação.

⁴² Tendo em vista a nossa hipótese de que a noção *de referência*, na enunciação de Émile Benveniste (PLG I e PLG II), forma-se progressivamente, de maneira não metódica, como referência objetiva, enquanto categoria de não-pessoa e como impulsionadora da enunciação.

3.1.1.2 Referenciação

Para Franckel (2011, p. 43), a referenciação, na teoria culioliana, “apreende o sentido como inteiramente construído a partir de unidades da língua, de sua organização e arranjo nos enunciados...”. Esclarece que toda a tentativa para estabelecer o papel das formas na construção do sentido precisa levar em conta duas observações fundamentais:

- Cada unidade da língua tem um comportamento, sendo associável a uma rede de valores que lhe é irredutivelmente específica. [...] **as formas só podem ser analisadas uma a uma**, em sua singularidade, e é a partir desta descrição que as regularidades são delineadas (FRANCKEL, 2011, p. 49) (grifo nosso);
- O valor das unidades é variável. Essa **variação resulta de interações**. Isso significa que se **o valor de uma palavra depende do meio textual** no qual se insere (o que decorre de uma observação virtual), nem por isso deixa de ser verdade que o valor do meio textual no qual ela se insere depende da palavra (FRANCKEL, 2011, p. 50) (grifo nosso).

Tomando a forma linguística como primeiro elemento da sondagem (**a serem analisadas uma a uma**) e, posteriormente, o enunciado (**cujo valor de uma palavra depende do meio textual**), compreendemos que toda a operação de referenciação é também uma operação de localização, uma vez que qualquer relação entre elementos pressupõe a remissão a uma referência, ou seja, um elemento sempre localiza-se com respeito a outro elemento, mesmo que esse outro seja ele próprio (CULIOLI apud ZAVAGLIA, 2016).

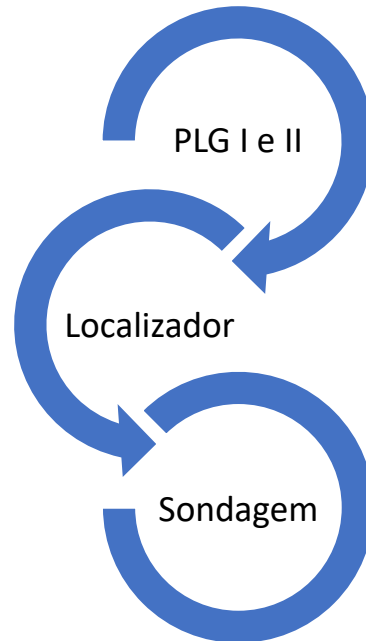
A partir do momento em que o primeiro elemento a ser sondado, por exemplo, *ele*, é localizado, constrói-se um sistema de referência, e a este elemento Culioli (apud ZAVAGLIA, 2016) denomina-o de primitivo, ou elemento 0, que é o seu localizador.

Nesse sentido, se selecionarmos as palavras *ele*, *não-pessoa* e *referência* como elementos primitivos ou localizadores, o processo de sondagem nos permite explorar o *corpus* textual a partir de uma eleição de enunciados, que no caso, são os que compõem os PLG I e PLG II.

Se para iniciar o processo de sondagem em busca do elemento localizador é preciso se questionar acerca do que se quer encontrar, perguntamo-nos: em quais textos Benveniste emprega os elementos *ele*, *não-pessoa* e *referência*, ou alguma palavra que possa substituí-los? O processo de referenciação trata do elemento 0.

Isto é, a partir dele cria-se um localizador, “um rastro” do que definimos como a primeira forma linguística identificada na enunciação de Benveniste.

Nessa lógica, a busca pelo elemento primitivo se constitui da seguinte maneira:



Resumo da sondagem:

- Recorte: todo e qualquer enunciado (nos PLGs I e II) que faça referência aos elementos: *ele*, *não-pessoa* e *referência*, ou seus diversos empregos.
- A partir destes localizadores sondar todos os textos e delimitar os quais podem constituir nosso *corpus* textual.

Sabemos que podemos falhar no que concerne sondar e não encontrar/não perceber o elemento primitivo, devido a vasta e complexa obra selecionada. No entanto, nossa leitura cronológica permitiu uma varredura destes elementos e, com certeza, se houveram descuidos estes ocorreram por passarem despercebidos na leitura transversal ou não serem, para nós, interessantes para as análises.

Em tempo, os processos de sondagem e de referência são usados somente para encontrar os elementos localizadores e não para analisá-los.

Então, a organização dos textos seguindo a metodologia acima se divide em duas partes. A primeira é a sondagem dos textos com o intuito de encontrar os

elementos primitivos e a segunda é verificar se há outras ocorrências que possam significar na enunciação de Benveniste o objeto de nossa pesquisa.

3.2 *Corpus* textual

Como nosso ponto de partida são os enunciados que constituem as obras⁴³: Problemas de Linguística Geral I (BENVENISTE, 1966/2005) e Problemas de Linguística Geral II (BENVENISTE, 1974/2006), elaboramos um quadro que, pelos processos de sondagem e referenciação, evidencia o material linguístico que será o ponto de partida para as análises.

Nessa ótica, na primeira sondagem, selecionamos as formas linguísticas e, conseqüentemente, os enunciados que elas integram. A partir disso, construímos o *corpus* que será analisado pelos vieses do emprego das formas e pelo emprego da língua.

⁴³ Projetam-se de sua obra, no mínimo, três perspectivas: 1) As reflexões linguísticas stricto sensu, incluindo as comparatistas e, em especial, as referências à obra de Ferdinand de Saussure. É esse lado da obra de Benveniste que permite listá-lo junto aos linguistas mais notáveis de seu tempo. Nesse sentido, é possível dizer que o sistema de pensamento benvenistiano configura-se numa epistemologia, ou ainda, que produziu uma epistemologia. 2) Há, também, um fazer interdisciplinar das ciências do homem em que a linguagem tem papel fundamental. É o diálogo teórico posto em prática. Talvez por esse prisma possamos afirmar que Benveniste produz em um terreno limítrofe que lhe permite falar, em uma interdisciplinaridade, de filosofia, antropologia, sociologia, psicanálise, cultura, etc. Finalmente, há a prospecção de uma NOVA Linguística: a Linguística da Enunciação. Conhecido por ser um dos fundadores dessa terceira perspectiva, Émile Benveniste continua sendo até hoje um dos linguistas mais estudados no Brasil. Sua reflexão atualmente é, portanto, bastante difundida tanto na esfera dos Estudos da Linguagem como em áreas afins, como a Antropologia e Psicanálise (FLORES et al, 2009, p. 244)

Quadro 2 – Corpus textual do PLG I (BENVENISTE, 2005)

Corpus textual	Sondagem – elemento 0
A natureza do signo linguístico (1939)	coisa (p. 54)
Estrutura das relações de pessoa no verbo (1946)	ele (p. 250)
Comunicação animal e linguagem humana (1952)	dados objetivos (p. 64)
A natureza dos pronomes (1956)	ele (p. 277)
Da subjetividade na linguagem (1958)	coisa (p. 285)
Os níveis da análise linguística (1962-1964)	objetos (p. 137)
Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística (1963)	Objeto concreto (p. 28)

Quadro 3 – Corpus textual do PLG II (2006)

Corpus textual	Sondagem– elemento 0
A forma e o sentido na linguagem (1967)	coisa (p. 223)
Estrutura da língua e estrutura da sociedade (1970)	não-pessoa (p. 101)
Semiologia da língua (1969)	referência (p. 63)
O aparelho formal da enunciação (1970)	referência (p. 84)

As sondagens realizadas “colocarão, em pauta, enunciados existentes, em textos existentes, e poderão ser relacionadas com outras sondagens que podem confirmar, infirmar, aprofundar, modificar o que se conseguiu com sondagens já realizadas” (GUIMARÃES, 2018, p. 18). Assim, elas mostram um caminho de análise a ser traçado que permite responder a hipótese desta tese.

Com base nisso, mobilizamos algumas definições e ideias linguísticas (inspiradas na *teoria da enunciação* benvenistiana) que permitem constituir a noção de conjuntos de formas e a de conjuntos de enunciados.

3.3 Algumas definições

3.3.1 Compreender e interpretar os objetivos desta tese

Dialogamos com Orlandi (2012) quando a autora define o que é compreender e interpretar. Para ela, compreender “é saber como um objeto simbólico (enunciado, texto, pintura, música, etc.) produz sentidos” (ORLANDI, 2012, p. 26). Também, é saber de que maneira as interpretações funcionam. Interpretar é explicitar como se dão os processos de significação presentes no texto e que permitem que sejam escutados outros sentidos que ali se encontram (ORLANDI, 2012).

3.3.2 O sentido da forma linguística

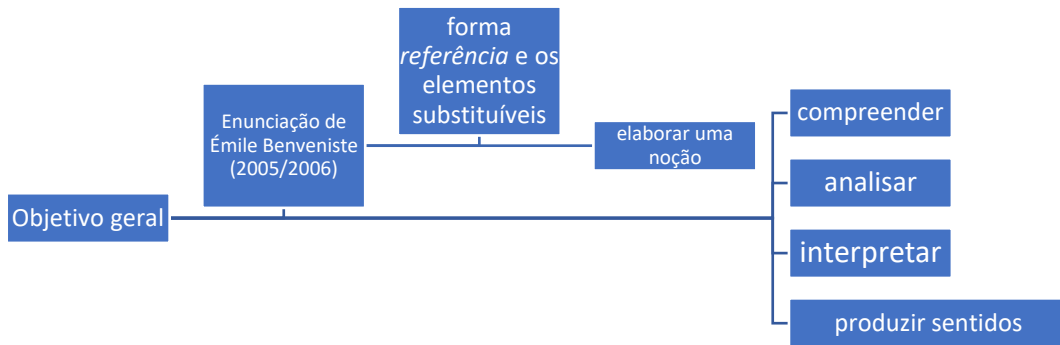
Sobre a definição de sentido, corroboramos com o pensamento de Benveniste (2006). Para o autor, a linguagem

é a atividade significante por excelência, a imagem mesma do que pode ser a significação; todo e qualquer modelo significativo que possamos construir será aceito na medida em que se parecer em tal ou tal aspectos àquele da linguagem. [...] Que a linguagem significa quer dizer que a significação não é qualquer coisa que lhe seja dada por acréscimo ou, numa medida mais ampla, por uma outra atividade; é de sua própria natureza; se ela não fosse assim, não seria nada (BENVENISTE, 2006, 223/224).

Nessa direção, entendemos que a linguagem significa quando alguém a coloca em funcionamento, ou seja, enunciando se produz um sentido possível de interpretação. Assim, ao considerarmos o emprego do signo *referência*, ou dos elementos que o podem substituir, também precisamos compreender de que maneira eles adquirem sentido no uso da língua por um falante.

Em resumo, Zandwais (2011, p. 15) afirma que “as formas somente adquirem sentidos através do ato de enunciação, ato individual que caracteriza o modo como a língua é mobilizada pelo locutor e passa a significar discursivamente”.

Sendo assim, ao considerar que Benveniste, ao enunciar, significa discursivamente o nosso objeto, o percurso para responder a problemática de pesquisa se condensa em:



3.4 Algumas ideias linguísticas

Com o intuito de elaborar um modelo teórico-metodológico de análise, fundamentamos este capítulo com as ideias linguísticas elencadas no Quadro 4. Estas ideias são importantes, pois enfatizam o fato de que esta pesquisa não é empírica, mas sim, se baseia num campo do saber sobre a linguagem, o qual discutimos com mais profundidade teórica no capítulo *Benveniste, linguista*.

Quadro 4: Referencial teórico-metodológico

Ideia linguística	Texto/Autor
operação por segmentação e substituição	“Os níveis da análise linguística” (BENVENISTE, 2005)
palavra	“Os níveis da análise linguística” (BENVENISTE, 2005)
nível semiótico	“A forma e o sentido na linguagem” (BENVENISTE, 2006)
relação distributiva	“Os níveis da análise linguística” (BENVENISTE, 2005)
Frase doravante enunciado	“Os níveis da análise linguística” (BENVENISTE, 2005)
relação integrativa	“Os níveis da análise linguística” (BENVENISTE, 2005)
nível semântico	“A forma e o sentido na linguagem” (BENVENISTE, 2006)
conjuntos de formas linguísticas	(RONSANI, 2019)
conjunto de enunciados	(RONSANI, 2019)
noção	Domínio nocional (CULIOLI apud ZAVAGLIA, 2016)

Fonte: RONSANI, 2019

3.4.1 “Os níveis da análise linguística” (BENVENISTE, 2005)

Sobre o texto acima, Flores (2013) sugere que o leitor tenha um olhar atento a ele, uma vez que Benveniste dialoga com um contexto muito complexo de sua época.

Vimos, no capítulo anterior, a possibilidade de se estudar a língua investigando as regularidades do sistema, prescindindo toda a referência extralinguística. A língua, tomada como estrutura engendrada pela noção de valor, foi o objeto científico muito estudado a partir de Saussure (2003).

Nessa ótica, *Os níveis da análise linguística* pode ser lido pelo viés de uma discussão do alcance e dos limites de uma análise da estrutura da língua (FLORES, 2013), principalmente quando Benveniste trata do domínio semiótico (emprego das formas). Ou também, por uma abordagem que privilegia as operações inter-relacionais das palavras no enunciado para expressar um sentido em uma dada situação enunciativa. Isso decorre emprego da língua (modo semântico) (BENVENISTE, 2006).

Nessa ótica, entendemos que, pelo viés benvenistiano, a linguagem, devido a sua complexidade, precisa ser descrita como uma estrutura formal, com procedimentos e critérios adequados ao objeto: a enunciação⁴⁴. Nesse sentido, Benveniste (2005) coloca a noção de nível, um operador, como fundamental na determinação do procedimento de análise linguística.

O procedimento inteiro da análise

tende a delimitar os *elementos* através das relações que os unem. Essa análise consiste em duas operações que se comandam uma à outra e das quais todas as outras dependem: 1.^a a segmentação; 2.^a a substituição. Seja qual for a extensão do texto considerado, é preciso em primeiro lugar, segmenta-lo em porções cada vez mais reduzidas até os elementos não decomponíveis. Paralelamente, identificam-se esses elementos por meio das substituições que admitem. [...] progressivamente, de um signo a outro, destacam-se a totalidade das substituições possíveis. É esse, em resumo, o método de distribuição (BENVENISTE, 2005, p. 128)

Com efeito, compreendemos que o linguista dá o primeiro passo na delineação de como a linguagem se articula e produz sentidos.

⁴⁴ “O objeto da linguística da enunciação é todo o mecanismo linguístico cuja realização integra o seu próprio sentido e que se autorreferencia no uso. A enunciação é, pois, o que constitui esse processo (FLORES; TEIXEIRA, 2013, p. 106)

3.4.1.1 As duas articulações da linguagem: substituição e segmentação

É possível analisar a linguagem através de dois níveis. Operando via substituição, em que os elementos podem ser mutuamente substituíveis, ou por segmentação, na qual os elementos se relacionam, simultaneamente, com os outros elementos presentes na mesma porção do enunciado (BENVENISTE, 2005).

Todavia, todos os elementos que participam das duas relações devem possuir um *status* linguístico que só se reconhece quando é preenchido de sentido. O sentido, para Benveniste (2005), é uma condição indispensável da análise linguística. Para entender a primeira fase do procedimento, elaboramos alguns segmentos e os interpretamos pela substituição e pela segmentação:

Segmento 1: Carro ([c] [a] [r] [r] [o])

Segmento 2: Jarro ([j] [a] [r] [r] [o])

Segmento 3: Farro [f] [a] [r] [r] [o]

Segmento 4: [a] [r] [r] [o]

Segmento 5: [r] [r] [o]

➤ A substituição:

Quando tratamos da relação paradigmática, podemos, no segmento 1, substituir [c] por [j] – Segmento 2. Esta substituição é admissível. Ao contrário, quando substituímos os fonemas [c] ou [j] por [f] (segmento 3), a nova unidade não tem sentido. As palavras *carro* e *jarro* estão no sistema da língua, contudo não dizemos o mesmo de *farro*. Então, o fonema [f] não faz parte do conjunto de substituições possíveis para [c], mas [j] sim.

➤ A segmentação:

Seja qual for a extensão do segmento 1, é preciso, primeiramente, segmentá-lo em porções cada vez mais reduzidas (segmento 4) (BENVENISTE, 2005). Então, quando reduzimos o Segmento 1 para os Segmento 4 ou 5, as novas unidades têm sentido? As novas combinações não possuem o mesmo *status* linguístico que os dois primeiros segmentos.

Como vemos, a análise reconhece um segmento ou uma substituição no nível do fonema. Em nossa pesquisa, delimitamos os segmentos numa porção mais longa:

a da palavra *referência* e as unidades que podem substituí-la. Assim, operamos a relação de segmentação e substituição no nível da palavra, já que possui um *status* linguístico analisável.

3.4.1.2 A palavra

Segundo Benveniste (2005, p. 131), “a palavra tem uma função intermediária que se prende à sua dupla significância”. Inicialmente, decompõe-se em unidades fonemáticas (não interessa para a análise), que são de nível inferior. Por outro lado, constitui uma unidade significante.

Consideramos, num primeiro momento, a palavra enquanto unidade significante da língua. A palavra pode definir-se como: uma unidade autônoma, a menor unidade significante livre, um elemento sintagmático que constitui enunciados empíricos, uma forma (BENVENISTE, 2005). Está no nível semiótico da linguagem.

3.4.2 “A forma e o sentido na linguagem” (BENVENISTE, 2006)

Sobre a significação, corroboramos com o autor que a linguagem é atividade significante e isso é de sua própria natureza (BENVENISTE, 2006). A linguagem tem dois níveis de significação: aquela para significar (modo semiótico) e aquela para comunicar (modo semântico) (BENVENISTE, 2006).

3.4.2.1 O domínio semiótico

Benveniste (2006), aproxima-se de Saussure⁴⁵ ao definir que a língua é um sistema de signos. O domínio semiótico está ligado a este sistema cuja significação se estabelece pela relação destes signos uns com os outros, mediante distinção (BENVENISTE, 2006). Neste modo, o signo linguístico é uma unidade/palavra dotada de significação “na comunidade daqueles que fazem uso de uma língua, e a totalidade destes signos forma a totalidade da língua” (BENVENISTE, 2006, p. 227).

Conforme o autor, no semiótico há forma e sentido. A forma diz respeito ao significante, entendido como aspecto formal do signo. O sentido diz respeito às

⁴⁵Saussure (2003) definiu o signo linguístico como sendo a união arbitrária do significante (imagem acústica) ao significado (a ideia). Benveniste (2005) avança quando afirma que o laço é necessário e não arbitrário. Mais tarde, o autor (2006) considera o signo ligado ao modo semiótico de existência da língua, sendo constituído de forma e sentido.

relações de oposições com outros signos da língua (relações paradigmáticas) (BENVENISTE, 2006).

Nesse sentido, é no emprego das formas que um signo constitui sentido, isto é, ele tem existência, na medida que é reconhecido por uma comunidade falante (*Chapéu existe? Sim. Chaméu existe? Não.*). Evidenciamos esta constatação com os segmentos, 3, 4 e 5 (no tópico 3.4.1.1). Em tempo, destacamos que o nível semiótico está para o intralinguístico.

Compreendemos que Benveniste (2006) trata como sinônimos: signo, palavra, forma, unidade, elemento. A palavra, assim, é considerada a “unidade mínima da mensagem e como unidade necessária da codificação do pensamento” (BENVENISTE, 2006, p. 230).

Sob esta perspectiva, as unidades linguísticas admitem relação com elementos de mesmo nível, como sugerimos no segmento 1 e 2. Estas relações são designadas como distribucionais.

3.4.1.3 Relações distribucionais

Benveniste (2005) determina que as unidades discretas quando se relacionam com outras unidades de mesmo nível, das palavras, estão em relações distribucionais. As unidades, nesta relação, são reconhecidas como constituintes. São as formas que constituem o sistema da língua.

Através desse método, as formas distribuem-se no eixo paradigmático segundo o critério de significação. Quando é admissível a substituição de uma unidade por outra (da palavra *referência* por outra), torna-se instigante o nível semiótico, uma vez que a língua tem possibilidades de comunicar. Daí, adentramos em um outro nível da linguagem: o semântico, o nível do emprego da língua, cuja unidade é a frase/enunciado.

3.4.1.4 A frase⁴⁶

Benveniste (2005) sustenta que as palavras têm distribuição no seu nível respectivo e um emprego num nível superior. As frases não têm nem distribuição nem emprego. Um inventário

⁴⁶ “Cabe lembrar que, para Benveniste, a frase liga-se ao uso da língua, porque implica referência à situação de discurso e à atitude do locutor. Desse modo, sua definição de frase não se relaciona àquela

dos empregos de uma palavra poderia não acabar; um inventário dos empregos de uma frase não poderia nem mesmo começar. A frase, criação indefinida, variedade sem limite, é a própria vida da linguagem em ação. Concluímos que se deixa com a frase o domínio da língua como sistema de signos e se entra num outro universo, o da língua como instrumento de comunicação, cuja expressão é o discurso (BENVENISTE, 2005, p. 139).

Em relação a esta definição de frase, enquanto unidade do discurso, Benveniste (2005) abre duas possibilidades de analisar a linguagem: de um lado a língua, conjunto de signos formais (as palavras), combinados em estruturas e em sistemas, e de outro, a manifestação da língua na comunicação viva, ou seja no seu emprego, a frase.

Nesta ótica, a frase é uma unidade completa que traz ao mesmo tempo sentido, porque é enformada de significação (relação integrativa) e referência, porque se refere a uma determinada situação. “Às vezes, Benveniste utiliza o termo frase em um sentido equivalente ao do termo enunciado⁴⁷” (FLORES et al, 2009, p. 127). Usaremos a última designação nas análises.

3.4.1.5 Relação integrativa

Como evidenciamos, um signo é materialmente função dos seus elementos constitutivos, porém “o único meio de definir esses elementos constitutivos consiste em identificá-los no interior de uma unidade determinada onde preenchem uma função integrativa (BENVENISTE, 2005, p. 133).

Há um nível intermediário, o do signo, que pode conter constituintes e funciona como integrante de um nível mais alto. Essa distinção entre constituinte e integrante é fundamental porque, a partir dela, compreende-se a relação entre forma e sentido. A dissociação constitui a forma, a integração cria unidades significantes. Então, para Benveniste, a forma é a capacidade que tem o sistema de se dissociar em constituintes de nível inferior; o sentido é sua capacidade de integrar unidades de nível superior (BARBISAN, 2006).

conhecida tradicionalmente pela terminologia gramatical. Tal definição tradicional apoia-se na sintaxe, enquanto a noção de frase de Benveniste baseia-se na semântica” (SILVA, 2007, p. 133).

⁴⁷ O enunciado é a “manifestação da enunciação, produzida cada vez que se fala. [...] o enunciado tem existência em um determinado momento em que a língua é mobilizada por um locutor” (FLORES et al, 2009, p. 107).

A relação integrativa funciona a partir da Segmentação 1: Carro ([c] [a] [r] [r] [o]). O fonema [r] tem *status* de fonema por integrar um nível superior – o da palavra *carro*.

Barbisan (2006) afirma que a frase se define por seus constituintes e não pode integrar nenhuma unidade mais alta e o merisma (no caso acima o fonema) só se define como integrante, não podendo ser segmentado em constituintes.

Contudo, o sentido de uma unidade linguística se constitui pela sua capacidade de integrar o nível da frase. Ou seja, a palavra, só adquire sentido quando passa de unidade constituinte (língua) para unidade integrante (discurso).

Uma frase

não pode, pois, servir de integrante a outro tipo de unidade. Isso se prende antes de tudo ao caráter distintivo entre todos, inerente à frase, de ser um *predicado*. Todos os outros caracteres que se podem reconhecer-lhe são secundários com relação a este (BENVENISTE, 2005, p. 137).

Salientamos que há, a partir dessa definição de frase, outra maneira de se analisar a linguagem: o da linguagem em funcionamento, cuja unidade é a frase materializada em discurso. Daí se chega ao domínio semântico.

3.4.2.2 Domínio semântico

Benveniste (2006) aponta que a noção de semântica nos introduz no âmbito da língua em emprego e ação. O que se nota é que a língua passa a ser vista

como mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo, entre o espírito e as coisas, transmitindo a informação, comunicando a experiência, impondo a adesão, suscitando a resposta, implorando, constringendo; em resumo, organizando toda a vida dos homens (BENVENISTE, 2006, p. 229).

Desse modo, o modo semântico está ligado à atividade do locutor e implica a construção de **referência** (grifo nosso) no agenciamento sintagmático (BENVENISTE, 2006). Isto é, a expressão semântica por excelência é a frase.

É sabido que o signo linguístico é a realidade intrínseca da língua. Já a frase, liga-se às coisas fora da língua. O sentido se realiza na e por uma relação específica: a do sintagma (via conexão). Já no modo semiótico, vimos que era numa relação paradigmática (via substituição).

A palavra passa a ter outra característica, não mais sinônimo de signo linguístico. É a unidade mínima da mensagem e como unidade necessária da

codificação do pensamento (BENVENISTE, 2006). Parece-nos um outro efeito sinonímico. Desta vez no plano do emprego da língua. “As frases são signos, os textos são signos, qualquer produção humana dotada de sentido é um signo” (FIORIN, 2002, p. 60).

Com efeito, é possível entender que no semântico também há forma e sentido. “O ‘sentido’ da frase está na totalidade da ideia percebida por uma compreensão global; a ‘forma’ se obtém pela dissociação analítica do enunciado processada até as unidades semânticas, as palavras” (BENVENISTE, 2006, p. 232).

Em resumo, Benveniste (2005, p. 140) sustenta que é “no discurso atualizado em frases que a língua se forma e se configura. Aí começa a linguagem”. Para atualizar os signos em frases, ou enunciados, produto da enunciação, é preciso que sejam colocados no nível do discurso.

Síntese:

Quando se trata da dupla articulação da linguagem, adentra-se num terreno totalmente diferente de se descrever, analisar e interpretar a linguagem. Esse mecanismo total e constante que afeta a língua inteira, Benveniste (2006) designa de enunciação.

Nessa ótica, a dupla articulação constitui-se do modo semiótico operando a língua e do semântico operando o discurso. O semiótico constituindo sintagmas como articulação de signos. O semântico constituindo frases como articulação de palavras. O semiótico gerando significados e o semântico gerando sentidos. Os dois operando como modelos de significação na linguagem (RODRIGUES, 2016).

Em síntese, vislumbramos (no tópico 3.4), com as ideias linguísticas discutidas, o funcionamento do *aparelho formal da enunciação* (BENVENISTE, 2006). Como o nosso objetivo repousa na análise linguística da forma *referência*, tanto no seu emprego (nível semiótico), quanto no seu uso (domínio semântico), isto é, da passagem da língua para o discurso, achamos ser conveniente elencar algumas ideias acerca da forma estudada. Enfatizamos, que estas noções abrem caminho para compreender o emprego (veremos mais sobre nos próximos dois capítulos) que Benveniste faz do signo/palavra *referência*.

Nesse sentido, com o intuito de analisar o emprego das formas, criamos a noção de *Conjuntos de formas linguísticas* e, para analisar como elas integram um nível superior, elaboramos a noção de *Conjuntos de enunciados*.

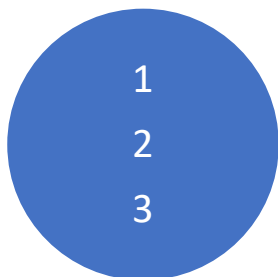
3.5 Conjunto de formas linguísticas

Se o objeto de estudo é o signo *referência* e os elementos que são possíveis de lhe substituir, estabelecemos a relação distributiva para evidenciar o inventário de empregos possíveis desse elemento. Consideramos que todas as palavras, nesta primeira mobilização, estão em relação no domínio semiótico.

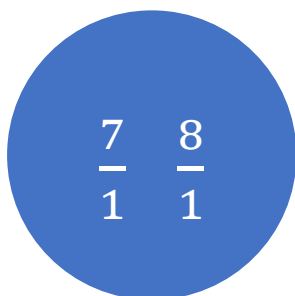
Adaptamos a ideia de conjuntos matemáticos para evidenciar tal distribuição. O conjunto matemático define-se por elementos que têm características em comum. Um outro elemento qualquer pode ou não pertencer ao conjunto. Se sim, ele é um sucessor, senão, é um elemento fora do conjunto (DUARTE, 2013).

Elaboramos um exemplo para demonstrar, de maneira simplificada, a noção: os números 1 e 2 pertencem ao conjunto dos números naturais. Pertencem a este conjunto numérico, já que possuem a característica de serem sucessores um do outro, permitindo o exercício da contagem.

Já, os números fracionários $\frac{7}{1}$ e $\frac{8}{1}$ não são sucessores de 2, uma vez que quem possui esta característica é o número 3. Ou seja, 3 pertence (\in) aos números naturais, mas os números fracionários não pertencem (\notin) a este conjunto.


 \in

Conjunto dos números naturais


 \notin

Conjunto dos números naturais

O conjunto das formas linguísticas (CFL) que nos propomos a elaborar estará constituído a partir de palavras que se relacionam com o localizador/elemento primitivo/elemento 0.

A noção de *conjuntos* é essencial, a nosso ver, para fundamentar a hipótese dessa tese. Pensamos que o desenvolvimento dos conjuntos das formas linguísticas deve ser arquitetado conforme todas as definições discutidas⁴⁸ nos tópicos anteriores.

Passo a passo para elaborar um conjunto de formas linguísticas:

- Problemática anterior à elaboração
- Localizador (definir qual o elemento primitivo)
- Sondagem (encontrar o objeto de estudo)
- Forma/palavra (nível semiótico)
- Relação distributiva
- Operação por substituição

Conjunto de formas linguísticas	
Localizador	L
Sondagem	S
Enunciado	E
Forma linguística	FL
Relação distributiva	RD
Operação por substituição	OS

Vejamos o enunciado (E) retirado do Diário de Paula (exemplo elaborado por nós):

Sondagem (S): O funcionamento da cor no enunciado de Paula ⁴⁹

Localizador (L): cor (parte de uma problemática anterior – sondagem);

Enunciado (E): Comprei muitas camisetas hoje. Tinham várias cores da tonalidade azul, mas peguei uma clara. Além desta, escolhi outras nas cores rosa, branca e cinza. Todas de algodão.

⁴⁸ Sobre a nossa metalinguagem: “O privilégio da língua é e comportar simultaneamente a significância dos signos e a significância da enunciação. Daí provém seu poder maior, o de criar um segundo nível de enunciação, em que se torna possível sustentar propósitos significantes sobre a significância. É nesta faculdade metalinguística que encontramos a origem de relação de interpretância pela qual a língua engloba os outros sistemas (BENVENISTE, 2006, p. 66).

⁴⁹ A cor em investigação precisa fazer parte de um questionamento anterior à sondagem. No meu caso, a problemática da *referência* surgiu na dissertação de mestrado.

Forma linguística (FL): azul claro (primeira cor encontrada no enunciado: objeto analisado);

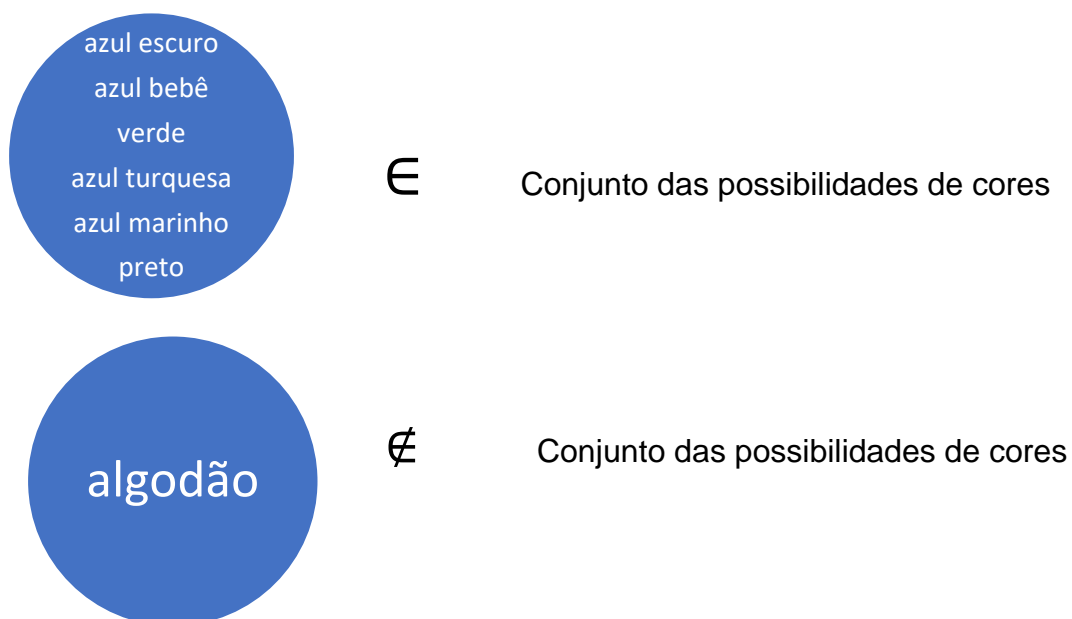
Relação distributiva (RD): azul; rosa; branca; cinza.

Operação por substituição: repertório de todas as substituições possíveis, no nível semiótico e no eixo paradigmático das cores, as quais poderiam ocupar o lugar de azul claro: azul escuro, azul bebe, verde, azul turquesa, azul marinho, preto, etc.

Quadro – Processo de substituição e distribuição no E

Operação por substituição do E	
	Cor
	azul escuro
	azul bebê
	verde
	azul turquesa
	azul marinho
	preto

A partir da distribuição e da substituição no paradigma das cores, elaboramos os seguintes conjuntos que evidenciam os elementos disponíveis no nível semiótico:



3.6 Conjunto de enunciados

Como já dito, a hipótese dessa tese é de que a palavra *referência*, ou os elementos que a podem substituir, forma-se progressivamente por três vieses: como referência objetiva, enquanto categoria de não-pessoa e como produto da enunciação.

O primeiro passo para começar as análises será dado a partir da noção de conjunto de formas linguísticas. Com a formação dos conjuntos, é possível vislumbrar como as unidades constituintes dos textos selecionados dão pistas para responder e/ou alterar as hipóteses. Quando os elementos forem distribuídos nos seus respectivos conjuntos de pertencimento (ver mais no capítulo 4), o caminho estará aberto para iniciar as interpretações em um nível superior: o do enunciado, tomado como produto da enunciação de Benveniste (2005-2006)

Dessa maneira, do mesmo modo que elaboramos um modelo de análise das formas linguísticas, arriscamos a desenvolver outro parâmetro para se consolidar uma noção acerca do objeto de estudo: a ideia de conjunto de enunciados (CE).

Vejamos novamente o enunciado:

Enunciado (E): Comprei muitas camisetas hoje. Tinham várias cores da tonalidade **azul**, mas peguei uma **clara**. Além desta, escolhi outras nas cores **rosa**, **branca** e **cinza**. Todas de **algodão**.

Palavras integrantes (PL): azul, clara, rosa, branca, cinza, algodão.

Frase (F) -> (E): Enunciado

Relação integrativa: como a palavra azul integra o nível superior – a frase, e se relaciona com as outras palavras, via operação sintagmática;

Análise de como as FLs integram o nível semântico (ANS): o enunciado acima é distinto de outros enunciados que constituem o diário de Paula, já que predica quem comprou as camisetas, de quais cores e tipo de malha. Azul, a cor sondada, caracteriza uma das cores de camisetas compradas por Paula. Azul só tem sentido, na medida em que se relaciona com os outros signos integrantes da frase. Azul é uma cor, e se diferencia das outras cores pelo sentido que somente ele produz: de ser uma cor de tonalidade clara escolhida, dentre tantas outras do sistema da língua, por Paula. De ser a primeira cor enunciada por ela. Isso possibilita compreender que a cor azul claro pode ser a sua preferida. Também, azul tem como propriedade semântica de fazer parte de uma noção acerca do tipo de malha escolhida por Paula: algodão. Logo,

azul é uma palavra que ao integrar um nível superior, constitui sentido na relação com outras palavras do sintagma. Fora desta relação semântica, *azul* constitui outros sentidos que não o mesmo do enunciado em análise.

Conjunto de enunciados: cor da camiseta comprada por Paula; Mantém relação semântica de ser azul e não ser rosa, branca ou cinza. Azul claro pode ser a sua cor preferida. Azul caracteriza uma camiseta de algodão.

∈

Noção da cor *azul*

Conjunto de enunciados: azul é a cor do céu; azul não é a cor preferida de Paula; azul é a cor dos olhos de Paula; azul é a cor da calça comprada por Paula.

∉

Noção da cor *azul*

Passo a passo para elaborar um conjunto de enunciados:

- Enunciado/Frase;
- Palavras integrantes;
- Análise de como as PIs integram o nível semântico.

Conjunto de enunciados	
Enunciado	E
Palavras integrantes	PI
Análise no nível semântico	ANS
Problematizações	

Como percebem, todo o movimento teórico-metodológico que estamos propondo é com o intuito de confirmar a hipótese e cumprir com o objetivo geral dessa tese, os quais nos referimos paulatinamente desde o início dessa pesquisa.

O item **Problematizações** corresponderá a uma maneira de questionar as nossas próprias interpretações acerca das análises. Temos o intuito de, através disso,

refletir mais sobre a noção que estamos construindo ao longo desta tese, contudo não nos deteremos em responder estes questionamentos.

O último passo metodológico diz respeito a elaboração de uma noção acerca da palavra *referência* na obra de Émile Benveniste (2005-2006). Com efeito, é conveniente refletir sobre o que entendemos por *noção*.

3.7 Noção

O dicionário⁵⁰ traz um leque de significados que a palavra *noção* contém: conhecimento; ideia imediata e intuitiva que se tem sobre alguma coisa; conhecimento não aprofundado sobre algo; ideia generalista e abstrata sobre certo assunto; opinião; ponto de vista ou resolução particular sobre algo ou sobre alguém.

Já Franckel e Paillard (2011, p. 92) consideram que a *noção*, sob a ótica culioliana⁵¹, “é um feixe de propriedades físico-culturais, sem lhe conferir um estatuto linguístico propriamente dito, apresentando-a como uma unidade híbrida, entre o mundo e as representações físico-culturais, por um lado, e a língua, por outro”.

A *noção*, então, implica relacionar uma ordem de existência (ideia imediata), que não é materializável, nem exibível, nem dizível em si. Isso quer dizer que a *noção* não é um conceito fechado sobre um objeto que se analisa. A *noção* tem a ver com um ponto de vista, um dizer particular.

Na perspectiva de Culioli (FRANCKEL e PAILLARD, 2011, p. 93), há dois polos organizadores de uma *noção*:

- O tipo: permite estabelecer a pertença de um exemplar de livro à classe dos livros, por exemplo.
- O atrator: permite determinar em que e em qual medida uma ocorrência tem a ver com a *noção*.

Notem, que a ideia que propomos de Conjunto de formas linguísticas está para o polo designado *tipo* e a de Conjunto de enunciados está para o polo *atrator*.

⁵⁰ <https://www.dicio.com.br/nocao/>

⁵¹ Antoine Culioli desenvolve uma teoria chamada Teoria das Operações Enunciativas, que é entendida como uma linguística que estuda a linguagem através da diversidade das línguas (FLORES et al, 2009).

Flores et al. (2009) destaca que o domínio nocional desenvolvido por Culioli tem duas propriedades: uma do ponto de vista quantitativo e outra do qualitativo (que resumem os polos organizadores da noção):

De um ponto de vista quantitativo, ser munido de uma classe de ocorrência;

- De um conjunto de formas linguísticas (CFL) das possíveis substituições do elemento *livro*.

De um ponto de vista qualitativo, em que todo o domínio se compõe de:

- um interior com um centro organizador. Destaco o ponto de partida - elemento localizador do CFL – livro – e a sua relação com os elementos que integram o enunciado o qual pertence o *livro* – Conjunto de enunciados (CE);
- um exterior: de uma fronteira (que delimito enquanto sentido – passagem do nível semiótico ao nível semântico) que determina o que pertence ao CFL ou ao CE, e o que não pertence.

Sendo assim, as análises, as quais integram os próximos dois capítulos, são divididas como: emprego da forma *referência* e os elementos que são possíveis de substituí-la, operando com a ideia de Conjuntos de formas linguísticas (Capítulo 4); e emprego da língua, considerando o sentido produzido pelos enunciados que contém as formas linguísticas primitivas, operando com a ideia de Conjuntos de enunciados (Capítulo 5).

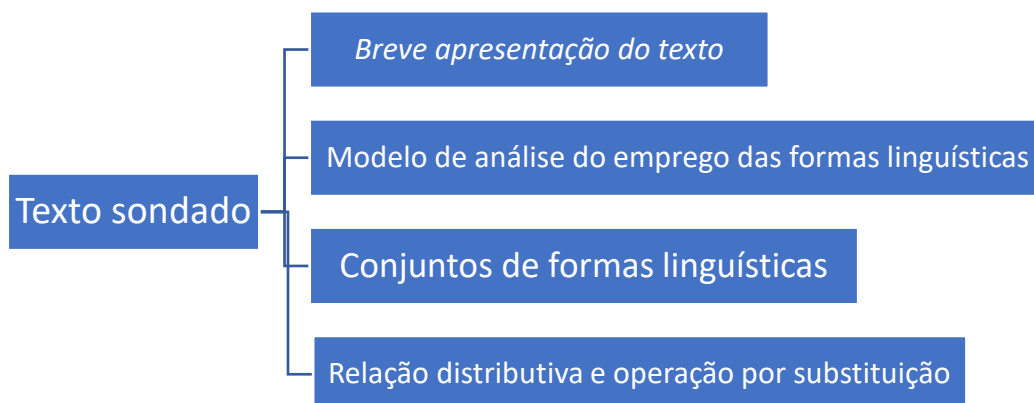
O último capítulo dessa tese, reflete sobre a possibilidade de construir noção acerca do objeto estudado nesta pesquisa.

4 CONJUNTOS DE FORMAS LINGUÍSTICAS

A noção de conjunto de formas linguísticas, elaborada no capítulo anterior, visa, através do elemento localizador, estabelecer as relações distributivas, no nível semiótico, da forma *referência* e/ou os elementos substituíveis.

Para evidenciar o inventário de signos disponíveis no nível semiótico da língua, sondamos, numa leitura transversal dos textos em PLG I (2005) e PLG II (2006), as palavras: referência objetiva, ele, não-pessoa, as quais poderiam responder a hipótese dessa tese. Essas palavras foram escolhidas devido a problemática⁵² dessa investigação.

Nessa perspectiva, esse capítulo divide-se nas seguintes subpartes que contemplam o procedimento metodológico adotado.



A apresentação dos textos será de forma breve, com intuito de evidenciar a sua temática. A partir da leitura transversal, via procedimento de sondagem, mostramos como se constitui o emprego das formas via modelo de análise.

⁵² Quando analisamos as cenas enunciativas, recortadas para compor o *corpus* da dissertação, havia uma aparente dicotomia, nos enunciados de Benveniste, entre as formas que indicavam a subjetividade na linguagem – categoria de pessoa - *eu/tu* (falantes de língua alemã e portuguesa), e a objetividade, marcada pela não-pessoa *ele* (falante de língua portuguesa).

Após isso, mostramos como se dá o processo de distribuição pela noção de conjuntos e, pelos quadros, a operação por substituição das formas. Consideramos que todo o procedimento leva em conta o nosso ponto de vista. Como sabem, não é possível uma análise enunciativa do nível semiótico, já que este está no âmbito intralinguístico. Faremos esta análise no próximo capítulo.

4.1 Textos sondados⁵³⁵⁴

A natureza do signo linguístico (BENVENISTE, 1939/2005)

Na ordem cronológica, este é o primeiro ensaio em linguística geral publicado por Benveniste (2005). Este texto discute a noção de signo linguístico, cuja relação entre significante e significado deve ser reconhecida como necessária. Como vimos, a crítica do autor se resume à noção de arbitrariedade do signo linguístico desenvolvida por Saussure (FLORES, 2013).

O signo é considerado o elemento primordial do sistema linguístico e seu caráter absoluto comanda a necessidade dialética dos valores em constante oposição e forma o princípio estrutural da língua (BENVENISTE, 2005).

Benveniste (2005) amplia a noção de signo com vistas a incorporar o uso da língua em suas reflexões, o que a teoria saussuriana não considerou.

Modelo de análise do emprego das formas linguísticas

Conjunto de formas linguísticas	
Localizador	L
Sondagem	S
Enunciado	E
Forma linguística	FL

L: *referência* e/ou elementos possíveis⁵⁵ de substituição.

⁵³ Todos os grifos são destacados por nós para evidenciar as ocorrências dos elementos-objetos desta síntese.

⁵⁴ Não iremos referenciar, nem colocar em formas de citações, uma vez que está claro que os textos são de Benveniste e seus enunciados estão localizados através das páginas.

⁵⁵ Entre eles podem estar os sintagmas linguísticos.

S1: A natureza do signo linguístico (1939) (2005)

E1: Esse terceiro termo é a própria **coisa**, a **realidade**. Saussure cansou-se de dizer que a ideia de “soeur” não está ligada ao significante s-ö-r, porém não pensa menos na **realidade** da noção. Quando fala da diferença entre b-ö-f e o-k-s, refere-se, contra vontade, ao fato de que esses dois termos se aplicam à mesma **realidade**. Eis aí, pois, a **coisa**, a princípio expressamente excluída da definição do signo, e que nela se introduz por um desvio e aí instala para sempre a contradição (p. 54).

FL: coisa; realidade.

E2: [...] somente se pensa no **animal “boi”** na sua particularidade concreta e substancial... (p. 54).

FL: animal; boi.

E3: a ligação estabelecida entre uma **realidade objetiva** e um comportamento humano e se condena, assim, a não ver aí senão contingência. É claro que, com relação a uma mesma **realidade** todas as denominações têm igual valor (p. 55).

FL: realidade objetiva; realidade.

E4: O que é arbitrário é que um signo, mas não outro, se aplica a determinado **elemento da realidade**, mas não a outro (p. 56).

FL: elemento da realidade.

E5: Para o falante há, entre a língua e a **realidade**, adequação completa: **o signo** encobre e comanda a realidade: ele é essa **realidade** (p. 57).

FL: realidade; signo.

RD: coisa, realidade, animal, boi, realidade objetiva, elemento da realidade, signo.

Conjunto de formas linguísticas S1



€ Conjunto dos elementos de uma mesma realidade

Estrutura das relações de pessoas no verbo (1946/2005)

Neste ensaio, Benveniste trata de questões próprias da enunciação, especificamente no que diz respeito às pessoas do discurso (RODRIGUES, 2016). “Benveniste - a partir da noção de *pessoa* ligada à teoria gramatical clássica - reflete sobre a categoria de pessoa no verbo” (FLORES, 2013, p. 88).

Benveniste afirma que todas as línguas que possuem um verbo, classificam-se segundo a sua referência à pessoa. Há sempre três pessoas (*eu/tu/ele*). Consideramos, nessa perspectiva, que é neste texto que o autor inicia sua reflexão acerca da distinção entre pessoa e não-pessoa.

Modelo de análise do emprego das formas linguísticas

Conjunto de formas linguísticas	
Localizador	L
Sondagem	S
Enunciado	E
Forma linguística	FL
Relação distributiva	RD

L: *referência* e/ou elementos possíveis de substituição.

S2: Estrutura das relações de pessoas no verbo (1946/2005)

E6: *Eu* designa aquele que fala e implica ao mesmo tempo um enunciado sobre o “eu”: dizendo *eu*, não posso deixar de falar de mim. Na segunda pessoa, “tu” é necessariamente designado por *eu* e não pode ser pensado fora de uma situação proposta a partir do “eu”; e, ao mesmo tempo, *eu* enuncia algo como predicado de “tu”. Da **terceira**, porém, um **predicado** é bem enunciado somente fora do “eu-tu” se especificam (p. 250).

FL: terceira, predicado.

E7: A forma dita de **terceira pessoa** comporta realmente uma indicação de enunciado **sobre alguém** ou **alguma coisa**, mas não referida a uma “pessoa” específica. O elemento variável e propriamente “pessoal” dessas denominações falta aqui. É bem o “ausente” dos gramáticos árabes. [...] a “**terceira pessoa**” não é uma “pessoa”; inclusive a forma verbal que tem por função exprimir a “**não-pessoa**” (p. 250).

FL: terceira pêssoa; sobre alguém; sobre alguma coisa; ausente; não-pessoa.

E8: Vemos agora em que consiste a oposição entre as duas primeiras pessoas do verbo e a **terceira**. Opõem-se como os membros de uma correlação, que é a correlação de personalidade: “eu-tu” possui marca de pessoa; “**ele**” é privado dela. A “**terceira pessoa**” tem por característica e por função constantes de representar, sob a relação da própria forma, uma **invariante não pessoal** e nada mais que isso (254).

FL: terceira; ele; terceira pessoa; uma invariante não pessoal.

E9: É a própria **não-pessoa** que, **estendida** e **ilimitada** pela sua **expressão**, exprime o **conjunto indefinido** dos **seres não pessoais** (p. 258).

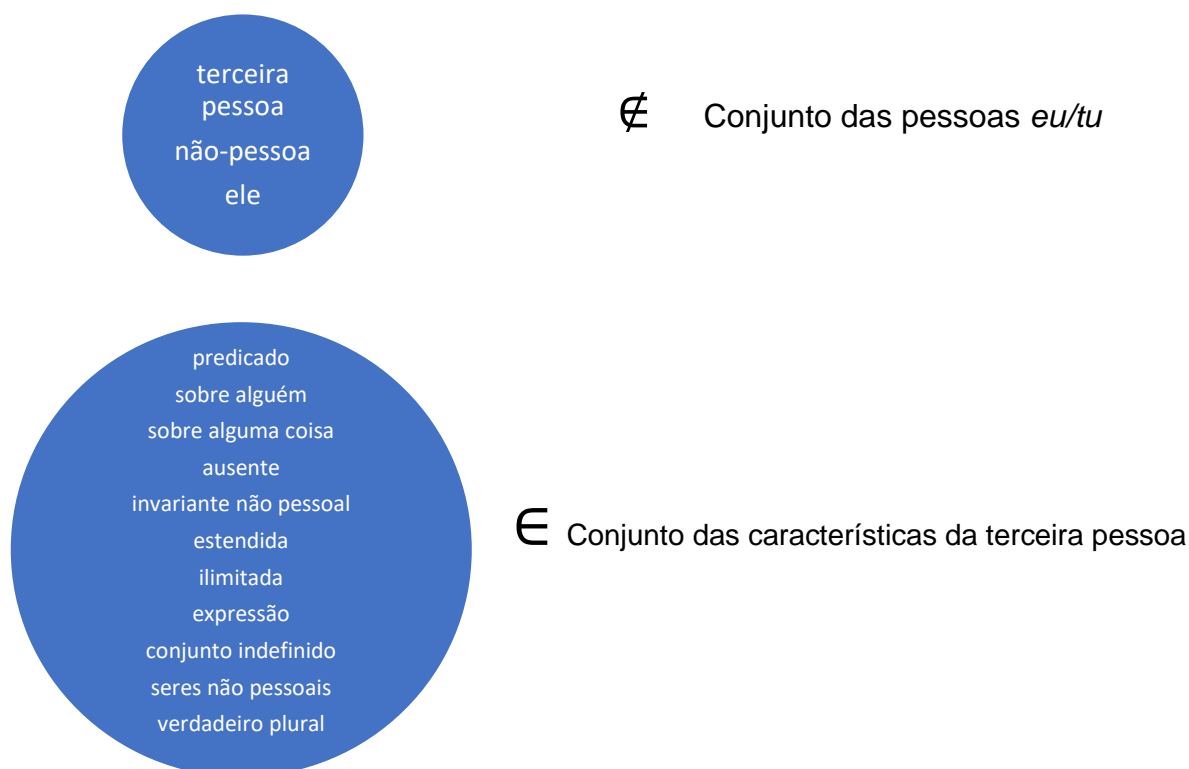
FL: não-pessoa; estendida; ilimitada; expressão; conjunto indefinido; seres não-pessoais.

E10: Correlação de personalidade que opõe as pessoas *eu/tu* à **não-pessoa *ele***; [...] Só a “**terceira pessoa**”, sendo **não-pessoa**, admite um **verdadeiro plural** (p. 259).

FL: não-pessoa; ele; terceira pessoa; verdadeiro plural.

RD: terceira, predicado, sobre alguém, sobre alguma coisa, ausente, não-pessoa, ele, invariante não pessoal, estendida, ilimitada, expressão, conjunto indefinido, seres não pessoais, verdadeiro plural.

Conjuntos de formas linguísticas S2



Comunicação animal e linguagem humana (1952/2005)

O texto em questão constitui-se de uma rigorosa discussão sobre a inexistência de uma linguagem entre os animais (RODRIGUES, 2016). Benveniste aponta que as abelhas são capazes de produzir e de compreender uma mensagem. Todavia, ela só contém três dados: a existência de uma fonte de alimento, a sua distância e a sua

direção. Estas mensagens não suscitam uma resposta, isso significa elas não conhecem o diálogo.

A mensagem das abelhas não se deixa analisar, já que elas não têm voz. Não se significam, uma vez que não há linguagem sem voz. A comunicação das abelhas é gestual e, necessariamente, precisam de condições que permitem a percepção visual, sob a luz do dia. A linguagem humana desconhece essa limitação (BENVENISTE, 2005).

Modelo de análise do emprego das formas linguísticas

Conjunto de formas linguísticas	
Localizador	L
Sondagem	S
Enunciado	E
Forma linguística	FL
Relação distributiva	RD

L: *referência* e/ou elementos possíveis de substituição.

S3: Comunicação animal e linguagem humana (1952/2005)

E11: Esses processos põem em ação um simbolismo verdadeiro embora rudimentar, pelo qual **dados objetivos** são transpostos em gestos formalizados que comportam **elementos variáveis** e de “**significação**” **constante** (64).

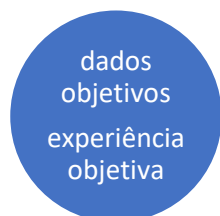
FL: dados objetivos; elementos variáveis; significação constante.

E12: Porque não há diálogo para as abelhas, a comunicação se refere apenas a **um** certo **dado objetivo**. [...] Vê-se a diferença da linguagem humana, em que, no diálogo, a referência à **experiência objetiva** e à reação a manifestação linguística se misturam livremente, ao infinito (p. 65).

FL: um dado objetivo; experiência objetiva.

RD: dados objetivos; elementos variáveis; significação constante; um dado objetivo; experiência objetiva.

Conjunto de formas linguísticas S3



€ Conjunto da linguagem humana

A natureza dos pronomes (1956/2005)

Este texto ultrapassa a problemática dos pronomes. Primeiro, eles são tratados como problemas de linguagem e não apenas de língua. É algo que transcende a diferença gramatical entre as línguas. Uns pertencem à sintaxe da língua e outras à instância de discurso (FLORES, 2013).

Analisando esse artigo, percebemos que Benveniste categorizou a presença da pessoa do discurso na linguagem, por seu reflexo na língua (RODRIGUES, 2016).

Benveniste reconhece duas classes diferentes sobre a natureza dos pronomes. De um lado, “a língua como repertório de signos e sistema de combinações e, de outro, a língua como atividade manifestada nas instâncias de discurso” (p. 283).

Modelo de análise do emprego das formas linguísticas

Conjunto de formas linguísticas	
Localizador	L
Sondagem	S
Enunciado	E
Forma linguística	FL
Relação distributiva	RD

L: *referência* e/ou elementos possíveis de substituição.

S4: A natureza dos pronomes (1956/2005)

E13: É preciso ver que a definição comum dos pronomes pessoais como contendo os três termos *eu, tu, ele*, abole justamente a noção de “pessoa”. Esta é própria somente de *eu/tu*, e falta em *ele* (277-278).

FL: *ele*.

E14: Há enunciados de discurso, que a despeito de sua natureza individual, escapam à condição de pessoa, isto é, remetem não a eles mesmos mas a uma **situação “objetiva”**. [...] A **terceira pessoa** representa de fato o **membro não marcado** da correlação de pessoa. É por isso que não há truísmo em afirmar que a **não-pessoa** é o único modo de enunciação possível para as instâncias de discurso que não devam remeter a elas mesmas, mas que **predicam o processo** de ***não importa quem*** ou ***não importa o que***, exceto a própria instância, podendo sempre esse *não importa quem* ou *não importa o que* ser munido de uma **referência objetiva** (p. 282).

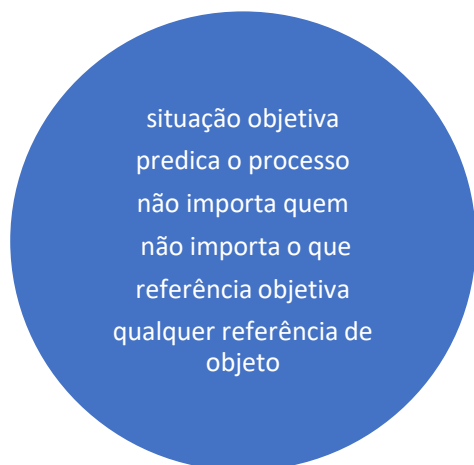
FL: situação objetiva; terceira pessoa; membro não marcado; não pessoa; predicam o processo; não importa quem; não importa o que; referência objetiva.

E15: O que é preciso considerar como distintiva da “**terceira pessoa**” é a propriedade de 1.º de se **combinar com qualquer referência de objeto**; 2.º de não ser jamais reflexiva da instância de discurso; 3.º de comportar um número às vezes bastante grande de variantes pronominais ou demonstrativas; 4.º de não ser compatível com o paradigma dos termos referenciais como *aqui, agora*, etc (p. 283).

FL: terceira pessoa; qualquer referência de objeto.

RD: *ele*; terceira pessoa; situação objetiva; não pessoa; predicam o processo; não importa quem; não importa o que; membro não marcado; referência objetiva; qualquer referência de objeto.

Conjunto de formas linguísticas S4



€ Conjunto das características da não-pessoa/eu

Da subjetividade na linguagem (1958/2005)

Flores (2013) considera este texto como um dos mais instigantes de Benveniste, e justifica seu ponto de vista elencando alguns motivos: foi publicado em um periódico de psicologia, atestando sua vocação interdisciplinar; associa o tema subjetividade à natureza dos pronomes e não da língua; propõe uma reflexão antropológica da qual o autor parte.

Além disso, Benveniste (2005) pensa a subjetividade fora das categorias filosóficas, tomando-a no domínio da linguagem e concebendo-a como a *capacidade do locutor de se propor como sujeito*. A subjetividade benvenistiana é um *universal linguístico*, no sentido que ela figura como uma capacidade geral da linguagem, independentemente das diferenças formais das línguas (DESSONS, 2006).

Modelo de análise do emprego das formas linguísticas

Conjunto de formas linguísticas	
Localizador	L
Sondagem	S
Enunciado	E
Forma linguística	FL
Relação distributiva	RD

L: *referência* e/ou elementos possíveis de substituição.

S5: Da subjetividade na linguagem (1959/2005)

E16: Seguramente, na prática cotidiana, o vaivém da palavra sugere uma troca, portanto uma “**coisa**” que trocaríamos, e parece, pois, assumir uma função instrumental ou veicular que estamos prontos a hipostasiar num “objeto”. Ainda uma vez, porém, esse papel volta à **palavra**. [...] Para que a palavra assegure a “comunicação”, é preciso que esteja habilitada a isso pela linguagem, da qual é apenas a **atualização**. De fato, é na linguagem que devemos procurar a condição desta aptidão (p. 285).

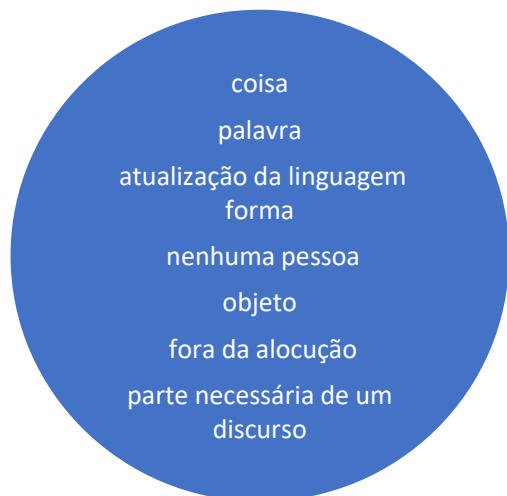
FL: coisa; palavra; atualização.

E17: É preciso ter no espírito que a “**terceira pessoa**” é a **forma do paradigma verbal** (ou pronominal) que *não* remete a **nenhuma pessoa**, porque se refere a um **objeto** colocado **fora da alocução**. Entretanto existe e só se caracteriza por oposição à pessoa *eu* do locutor que enunciando-a, a situa como “**não-pessoa**”. Esse é seu *status*. A forma **ele**... tira o seu valor do fato de que **faz necessariamente parte de um discurso enunciado por eu**.

FL: terceira pessoa; forma; nenhuma pessoa; objeto; fora da alocução; não-pessoa; ele; parte necessária de um discurso.

RD: coisa, palavra, atualização da linguagem, terceira pessoa, forma do paradigma verbal, nenhuma pessoa, objeto, fora da alocução, não-pessoa, ele, parte necessária de um discurso.

Conjunto de formas linguísticas S5



€ Conjunto das características da não-pessoa

Os níveis da análise linguística (1962-1964/2005)

Neste texto, a noção de discurso se apresenta como uma teoria geral da linguagem e, portanto, da língua, uma vez que ela passa a ser concebida a partir da atividade dos locutores e cuja apreensão requer um deslocamento da noção signo para a noção de frase (DESSONS, 2006).

Benveniste viabiliza, a nosso ver, uma metodologia que abarca duas formas de analisar a linguagem: uma pelo nível semiótico e outro pelo nível semântico. Isso permite ao linguista meios para se analisar a linguagem de maneira indissociável: é possível, por exemplo, analisar de que maneira a palavra, unidade do primeiro nível, integra a frase, unidade do segundo. Além disso, o autor define a frase como a unidade por excelência da comunicação. “É no discurso atualizado em frases que a língua se forma e se configura. Aí começa a linguagem” (BENVENISTE, 2005, p. 140).

Com efeito, este texto também pode ser lido como uma espécie de origem de uma perspectiva operatória da enunciação. “Ou seja, uma abordagem que privilegia as operações inter-relacionais das palavras do enunciado para expressar um sentido em uma dada situação enunciativa” (FLORES, 2013, p. 128-129).

Modelo de análise do emprego das formas linguísticas

Conjunto de formas linguísticas	
Localizador	L
Sondagem	S
Enunciado	E
Forma linguística	FL
Relação distributiva	RD

L: *referência* e/ou elementos possíveis de substituição.

S6: Os níveis da análise linguística (1962-1964/2005)

E18: A linguagem refere-se ao **mundo dos objetos**, ao mesmo tempo globalmente, nos seus enunciados, sob a forma de frases, que se relacionam com situações concretas e específicas, e sob forma de unidades inferiores que se relacionam com “**objetos**” **gerais** ou **particulares, tomados na experiência ou forjados pela convenção linguística**. Cada enunciado, e cada termo do enunciado, tem assim um *referendum*, cujo conhecimento está implicado pelo uso nativo da língua. Ora, dizer qual é o *referendum*, descrevê-lo, caracterizá-lo especificamente é uma tarefa distinta, que não tem nada de comum com o manejo correto da língua (p. 137).

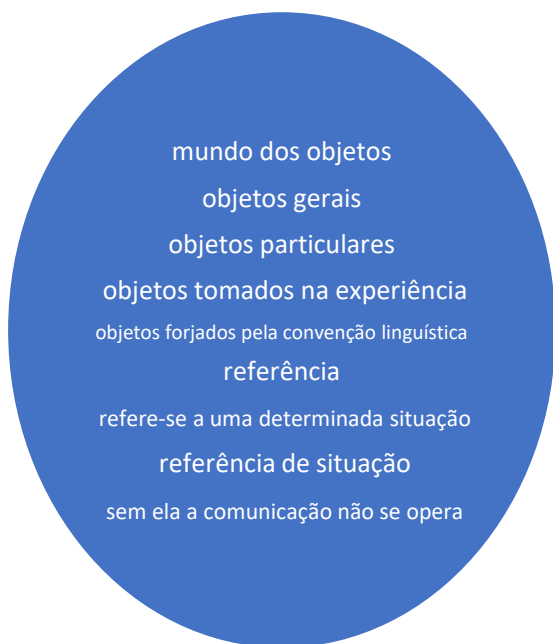
FL: mundo dos objetos; objetos gerais; objetos particulares; objetos tomados na experiência; objetos forjados pela convenção linguística; *referendum*.

E19: A frase é uma unidade [...] completa, que traz ao mesmo tempo sentido e **referência**: sentido porque é enformada de significação, e referência porque se refere a uma determinada situação. Os que se comunicam têm justamente isto em comum, uma certa **referência de situação**, sem a qual **a comunicação como tal não se opera**, sendo inteligível o “sentido” mas permanecendo desconhecida a referência (p. 140).

FL: referência; referência de situação; sem ela a comunicação não se opera.

RD: mundo dos objetos, objetos gerais, objetos particulares, objetos tomados na experiência, objetos forjados pela convenção linguística, *referendum*, referência; refere-se a uma determinada situação, referência de situação, sem ela a comunicação não se opera.

Conjunto de formas linguísticas S6



€ Conjunto das características da referência

Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística (1963/2005)

Esse é um trabalho sobre a epistemologia linguística. Nele, Benveniste discorre sobre as investigações que tem como objetos a língua e a linguagem. Dosse (2007) destaca que Benveniste é consciente sobre a potencialidade da linguística e de seu papel como “ciência piloto”. Nessa ótica, o autor (Benveniste) considera que a linguística tem um duplo objeto: é ciência da linguagem e ciência das línguas. Essa distinção, que nem sempre se faz, é necessária: a linguagem, faculdade humana, característica universal e imutável do homem, não é a mesma coisa que as línguas, sempre particulares e variáveis, nas quais se realiza (BENVENISTE, 2005).

Modelo de análise do emprego das formas linguísticas

Conjunto de formas linguísticas	
Localizador	L
Sondagem	S
Enunciado	E
Forma linguística	FL
Relação distributiva	RD

L: *referência* e/ou elementos possíveis de substituição.

S7: Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística (1963/2005)

E20: Empregar um símbolo é esta capacidade de reter de um **objeto** a sua estrutura característica e identificá-lo em conjuntos diferentes. Isso que é próprio do homem e que faz o homem um ser racional. A faculdade simbolizante permite de fato a formação do conceito como distinto do **objeto concreto**, que não é senão um exemplar dele (p. 27-28).

FL: objeto, objeto concreto.

E21: O pensamento não é senão esse poder de construir **representações das coisas** e de operar sobre essas representações. É por essência simbólica. A transformação simbólica dos **elementos da realidade** ou da experiência em *conceitos* é o processo pelo qual se cumpre o poder racionalizante do espírito (p. 29).

FL: representações das coisas; elementos da realidade.

E22: A linguagem oferece o modelo de uma estrutura relacional, no sentido mais literal e mais compreensivo ao mesmo tempo. Relaciona no discurso palavras e conceitos, e produz assim, como **representações de objetos** e de situações, signos que são distintos dos seus referentes materiais.

FL: representações de objetos.

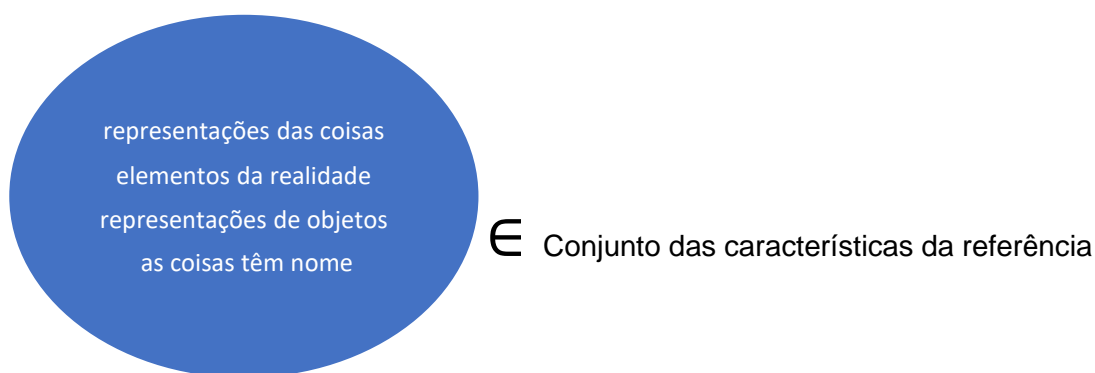
E23: A aquisição da língua é uma experiência que vai a par, na criança, com a formação do símbolo e a construção do **objeto**. Ela aprende **as coisas** pelo seu nome;

descobre que tudo tem um **nome** e que aprender os **nomes** lhe dá a disposição das **coisas**. Mas descobre também que ela mesma tem um nome e que por meio dele se comunica com os que a cercam.

FL: objeto; as coisas; nome; coisa;

RD: objeto, objeto concreto, representações das coisas, elementos da realidade, representações de objetos, coisas, nome.

Conjunto de formas linguísticas S7



A forma e o sentido na linguagem (1967/2006)

Neste texto, Benveniste trata sobre o funcionamento da linguagem dita ordinária, a linguagem comum, excluindo a linguagem poética. Expõe o grande esforço que é situar e organizar as noções gêmeas de forma e sentido e, partir disso, problematiza as relações de *forma* e *sentido* no nível semiótico e no nível semântico. O primeiro tem como unidade de análise o signo/palavra e suas relações se dão no nível intralinguístico. O segundo, a frase/enunciado, é a expressão semântica por excelência. Nessa ótica, Benveniste afirma que este duplo sistema está constantemente em ação na língua, justificando a definição de “a linguagem significa”.

Modelo de análise do emprego das formas linguísticas

Conjunto de formas linguísticas	
Localizador	L
Sondagem	S
Enunciado	E
Forma linguística	FL
Relação distributiva	RD

L: *referência* e/ou elementos possíveis de substituição.

S8: A forma e o sentido na linguagem (1967/2006)

E24: Efetivamente, desde que uma atividade é concebida como representação de alguma **coisa**, como "significando" **qualquer coisa**, é-se tentado a apelar para a linguagem (p. 223).

FL: coisa; qualquer coisa.

E25: A noção de semântica nos introduz no domínio da língua em emprego e em ação; vemos desta vez na língua sua função mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo, entre o espírito e **as coisas**, transmitindo a informação, comunicando a experiência, impondo a adesão, suscitando a resposta, implorando, constringendo; em resumo, organizando toda a vida dos homens (p. 229).

FL: as coisas

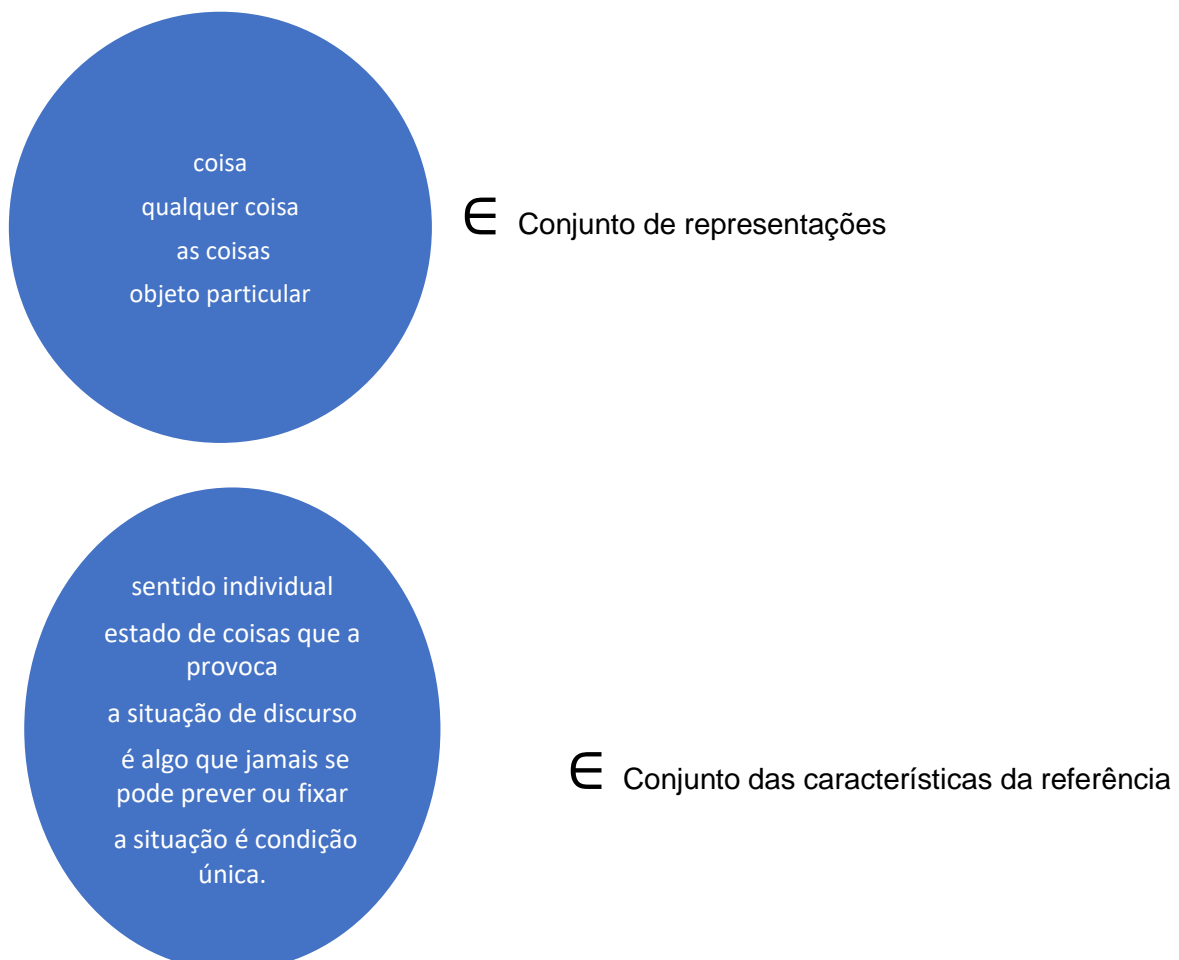
E26: Além disso, é necessário introduzir aqui um termo a que foi desnecessário apelar na análise semiótica: aquele do "**referente**", independente do sentido, e que é o **objeto particular** a que a palavra corresponde no caso concreto da circunstância ou do uso. Ainda que se compreenda o **sentido individual** das palavras, pode-se muito bem, fora da circunstância, não compreender o sentido que resulta da junção das palavras; esta é uma experiência corrente, que mostra ser a noção de **referência** essencial. É desta confusão extremamente frequente entre sentido e referência, ou entre referente e signo, que nascem tantas discussões vãs sobre o que se chama o princípio da arbitrariedade do signo. Esta distinção, que se verifica facilmente na

semântica lexical, deve ser introduzida também na semântica da frase? Pensamos que sim. Se o "sentido" da frase é a ideia que ela exprime, a "**referência**" da frase é o **estado de coisas que a provoca, a situação de discurso** ou de fato **a que ela se reporta** e que **nós não podemos jamais prever ou fixar**. Na maior parte dos casos, a situação é **condição única**, cujo conhecimento nada pode suprir. A frase é então cada vez um acontecimento que desaparece (p. 231).

FL: objeto particular; sentido individual; referência; estado de coisas que a provoca; a situação de discurso; ao que se reporta; é algo que jamais se pode prever ou fixar; a situação é condição única.

RD: coisa, qualquer coisa, objeto particular, sentido individual, referente, referência, estado de coisas que a provoca, a situação de discurso, a que ela se reporta, é algo que jamais se pode prever ou fixar, a situação é condição única.

Conjuntos de formas linguísticas S8



Estrutura da língua e estrutura da sociedade (1970/2006)

Dessons (2006) afirma que, em Benveniste, a linguagem não resulta na sociedade, contudo é seu princípio. Isso não deve levar a crer, porém, que há hegemonia da linguagem sobre a sociedade, já que uma supõe a outra, sendo ambas dadas e aprendidas pelo indivíduo.

Para Benveniste (2006), a língua contém a sociedade, configurando-a ao instaurar o que ele denomina de semantismo social. Com efeito, a língua não é um componente dentre outros do todo social, pois apenas ela permite a sociedade, sendo o fundamento de todas as relações que, por sua vez, a fundam.

Nessa ótica, a língua, composta de signos, de unidade de sentido, interpreta a sociedade. A sociedade, assim, torna-se significante na e pela língua.

Modelo de análise do emprego das formas linguísticas

Conjunto de formas linguísticas	
Localizador	L
Sondagem	S
Enunciado	E
Forma linguística	FL
Relação distributiva	RD

L: *referência* e/ou elementos possíveis de substituição.

S9: Estrutura da língua e estrutura da sociedade (1970/2006)

E27: É esta coincidência entre a língua como realidade objetivável, supra-individual, e a produção individual do falar que fundamenta a situação paradoxal da língua com respeito à sociedade. A segunda oposição, a do "eu-tu" / "ele" opondo a pessoa à **não-pessoa**, efetua a operação da **referência** e fundamenta a possibilidade do discurso **sobre alguma coisa, sobre o mundo, sobre o que não é a locução**. Temos aí o fundamento sobre o qual repousa duplo sistema relacional da língua (p. 101).

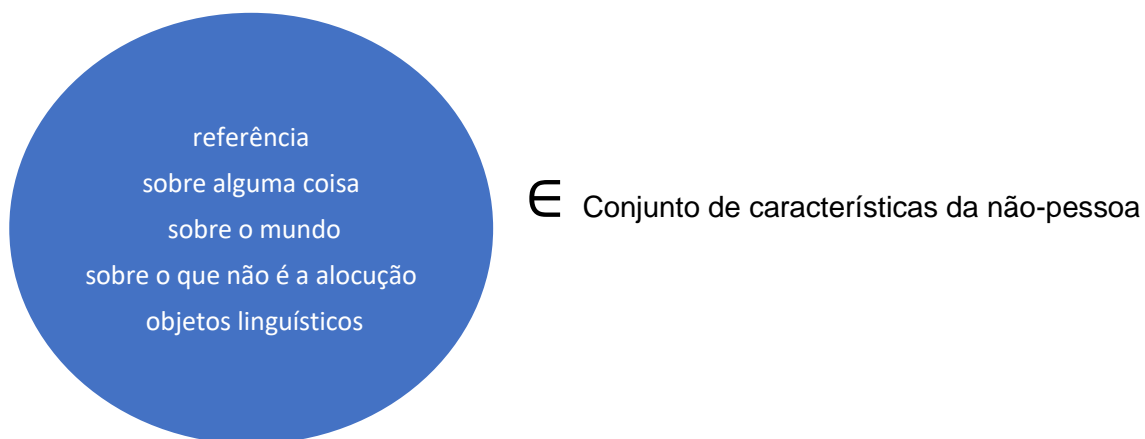
FL: ele; não-pessoa; referência; sobre alguma coisa; sobre o mundo; sobre o que não é a locução;

E28: A língua pode ser encarada no interior da sociedade como um sistema produtivo: ela produz sentido, graças à sua composição que é inteiramente uma composição de significação e graças ao código que condiciona este arranjo. Ela produz também indefinidamente enunciações graças a certas regras de transformação e de expansão formais; ela cria, portanto, formas, esquemas de formação; ela cria **objetos linguísticos** que são introduzidos no circuito da comunicação. A "comunicação" deveria ser entendida na expressão literal de colocação em comum e de trajeto circulatório.

FL: objetos linguísticos

RD: ele, não-pessoa, referência, sobre alguma coisa, sobre o mundo, sobre o que não é a locução, objetos linguísticos.

Conjunto de formas linguísticas S9



Semiologia da língua (1969/2006)

Rosário (2018) defende que com a *semiologia da língua*, Benveniste define a língua como o único sistema que pode interpretar a si mesmo e aos outros sistemas

semiológicos. Nesse sentido, a significância (efeito da dupla propriedade da linguagem) da língua funda a possibilidade de troca, de comunicação e também de toda a cultura.

Modelo de análise do emprego das formas linguísticas

Conjunto de formas linguísticas	
Localizador	L
Sondagem	S
Enunciado	E
Forma linguística	FL
Relação distributiva	RD

L: *referência* e/ou elementos possíveis de substituição.

S10: Semiologia da língua (1969/2006)

E29: A língua nos fornece o único modelo de um sistema que seja semiótico simultaneamente na sua estrutura formal e no seu funcionamento:

- 1.º ela se manifesta pela enunciação, que contém **referência** a uma situação dada; falar, é sempre **falar-de**;
- 2.º ela consiste formalmente de unidades distintas, sendo que cada uma é um signo;
- 3.º ela é produzida e recebida nos **mesmos valores** de **referência** por todos os membros de uma comunidade;
- 4.º ela é a única atualização da comunicação intersubjetiva.

Por estas razões, a língua é organização semiótica por excelência. Ela dá a ideia do que é uma função de signo, e ela é a única a oferecer desta função a fórmula exemplar (p. 63-64).

FL: referência; falar-de; mesmos valores.

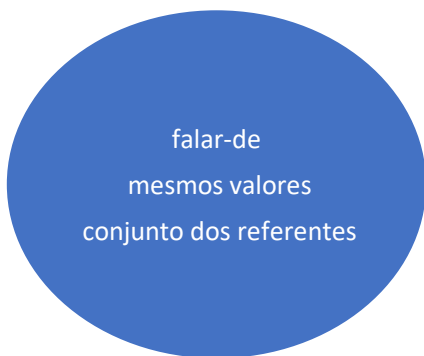
E30: Ora, a mensagem não se reduz a uma sucessão de unidades que devem ser identificadas separadamente; não é uma adição de signos que produz o sentido, é, ao contrário, o sentido (o "intencionado"), concebido globalmente, que se realiza e se divide em "signos" particulares, que são as PALAVRAS. Em segundo lugar, o semântico toma necessariamente a seu encargo **o conjunto dos referentes**,

enquanto que o semiótico é, por princípio, separado e independente de toda **referência**. A ordem da semântica se identifica ao mundo da enunciação e ao universo do discurso (p. 66-67).

FL: conjuntos dos referentes; referência.

RD: referência, falar-de, mesmos valores, conjunto dos referentes.

Conjunto de formas linguísticas S10



€ Conjunto de características da referência

O aparelho formal da enunciação (1970/2006)

Flores (2013) sugere que o *aparelho* condensa os mais de quarenta anos de reflexão linguística sobre a enunciação. Trata-se, portanto de um momento-síntese da obra enunciativa de Benveniste, uma vez que: ele é o único que carrega a palavra enunciação já em seu título; no artigo é possível encontrar as discussões feitas nos textos anteriores; é um texto escrito com vistas aos aspectos teóricos-metodológicos da enunciação.

Modelo de análise do emprego das formas linguísticas

Conjunto de formas linguísticas	
Localizador	L
Sondagem	S
Enunciado	E
Forma linguística	FL
Relação distributiva	RD

L: *referência* e/ou elementos possíveis de substituição.

S11⁵⁶: O aparelho formal da enunciação (1970/2006)

E30: Por fim, na enunciação, a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo. A condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de co-referir identicamente, no consenso pragmático que faz de cada locutor um co-locutor. A **referência** é parte integrante da enunciação. Estas condições iniciais vão reger todo o mecanismo da **referência** no processo de enunciação, criando uma situação muito singular e da qual ainda não se tomou a necessária consciência (p. 84).

FL: referência

4.2 Operação por substituição (OS)

A partir dos enunciados de Benveniste (2005-2006), criamos um repertório de palavras que foram distribuídas nos conjuntos de formas linguísticas. Pelo nosso ponto de vista, estas palavras foram dispostas pela proximidade de sentido.

O processo distribucional será a base para entender como os signos podem formar conjuntos coerentes.

Nessa ótica, levando em conta o caráter articulado da linguagem, iniciamos a análise no nível semiótico. Como vimos no capítulo anterior, um signo constitui sentido, no sistema intralinguístico, por se relacionar e se opor a outros signos.

⁵⁶ Sem possibilidade de elaborar o conjunto das formas, já que há só um elemento no enunciado de Benveniste.

Pela noção de conjuntos de formas, evidenciamos as possibilidades de um signo tomar o lugar de outro evocando a substituição. Recordamos que o método de distribuição consiste em definir cada elemento pelo conjunto do meio em que se apresenta, isto é, relaciona-se com outras formas linguísticas que são mutuamente substituíveis.

A seguir, elaboramos quadros para evidenciar o número de ocorrências de algumas palavras que podem substituir o elemento localizador *referência*. Também, evidenciamos os outros dois vieses que permitem construir a noção que nos propomos enquanto objetivo desta tese: categoria de não-pessoa; produto da enunciação.

Cada quadro representa um conjunto de formas do tópico anterior e que se ligam pela proximidade de sentido, podendo ser substituída por qualquer uma do eixo que se encontra. Salientamos que este processo de distribuição e as operações por substituição se dão conforme nossa interpretação e segundo definições do Quadro-exemplo 5.

Quadro 5 – Processo de substituição e distribuição de S0

Operação por substituição 0		
Referência	Categoria de não-pessoa	Produto da enunciação
Definimos o significado de referência, num primeiro momento, como sendo a ação de demonstrar, através de um signo linguístico, o que pertence ao âmbito extralinguístico, concreto ou imaginário ⁵⁷ .	Face objetiva da língua. Modo de enunciação possível para as instâncias não pessoais (FLORES et al, 2009).	A/O frase/enunciado é a “manifestação da enunciação produzida cada vez que se fala. Na medida que o enunciado é processo, o enunciado pode ser o produto da enunciação (FLORES et al 2009).

⁵⁷ Já que referência ainda é uma noção a ser elaborada, o que faremos no último capítulo, selecionamos, por hora, a definição do dicionário Aurélio. Fonte: <https://www.dicio.com.br/referencia/> (Acesso: 16/06/2019).

Quadro 6 - Processo de substituição e distribuição de E1

Operação por substituição S1		
Referência	Categoria de não-pessoa	Produto da enunciação
coisa realidade animal boi realidade objetiva elemento da realidade signo	-	-

Quadro 7 – Processo de substituição e distribuição de E2

Operação por substituição S2		
Referência	Categoria de não-pessoa	Produto da enunciação
estendida ilimitada	terceira predicado terceira pessoa ausente não-pessoa ele invariante não pessoal seres não pessoais	sobre alguém sobre alguma coisa expressão conjunto indefinido verdadeiro plural

Quadro 8 – Processo de substituição e distribuição de E3

Operação por substituição S3		
Referência	Categoria de não-pessoa	Produto da enunciação
Dados objetivos experiência objetiva	Experiência objetiva	elementos variáveis significação constante

Quadro 9 – Processo de substituição e distribuição de E4

Operação por substituição S4		
Referência	Categoria de não-pessoa	Produto da enunciação
situação objetiva qualquer referência de objeto não importa quem não importa o que referência objetiva	não-pessoa ele falta a noção de pessoa membro não marcado terceira pessoa	predicam um processo

Quadro 10 – Processo de substituição e distribuição de E5

Operação por substituição S5		
Referência	Categoria de não- pessoa	Produto da enunciação
Coisa Objeto	terceira pessoa forma do paradigma verbal nenhuma pessoa fora da alocução ele não-pessoa	palavra atualização faz parte do discurso

Quadro 11 – Processo de substituição e distribuição de E6

Operação por substituição S6		
Referência	Categoria de não-pessoa	Produto da enunciação
mundo dos objetos objetos gerais objetos particulares referência referência de situação na sua ausência a comunicação não se opera	-	<i>referendum</i>

Quadro 12 – Processo de substituição e distribuição de E7

Operação por substituição S7		
Referência	Categoria de não-pessoa	Produto da enunciação
objeto objeto concreto representação das coisas elementos da realidade representações de objetos coisas nome	-	-

Quadro 13 – Conjunto de formas linguísticas E8

Operação por substituição S8		
Referência	Categoria de não-pessoa	Produto da enunciação
coisas qualquer coisa referente objeto particular sentido individual estado das coisas referência algo que jamais se pode prever ou fixar	-	-

Quadro 14 – Conjunto de formas linguísticas E9

Operação por substituição S9		
Referência	Categoria de não-pessoa	Produto da enunciação
realidade objetável sobre alguma coisa sobre o mundo sobre o que não é alocução	não-pessoa ele referência	objetos linguísticos

Quadro 15 – Conjunto de formas linguísticas E10

Operação por substituição S10		
Referência	Categoria de não-pessoa	Produto da enunciação
referência falar-de mesmos valores conjunto dos referentes	-	

Quadro 16 – Conjunto de formas linguísticas E11

Operação por substituição S11		
Referência	Categoria de não-pessoa	Produto da enunciação
referência	referência	referência

Como viram, toda a análise do domínio semiótico abre caminho para analisar como as formas distribuídas, conforme relação de proximidade e possibilidades de substituição (referência, categoria de não-pessoa e produto da enunciação), integram um nível superior e constituem sentidos. No próximo capítulo, as formas escolhidas não têm mais sentido pelas suas relações no eixo paradigmático, mas sim, pela maneira como elas integram o nível superior, ou seja, o domínio semântico. Este permite compreender o sentido global do enunciado, porque é a língua em funcionamento que nos interessa partir de agora.

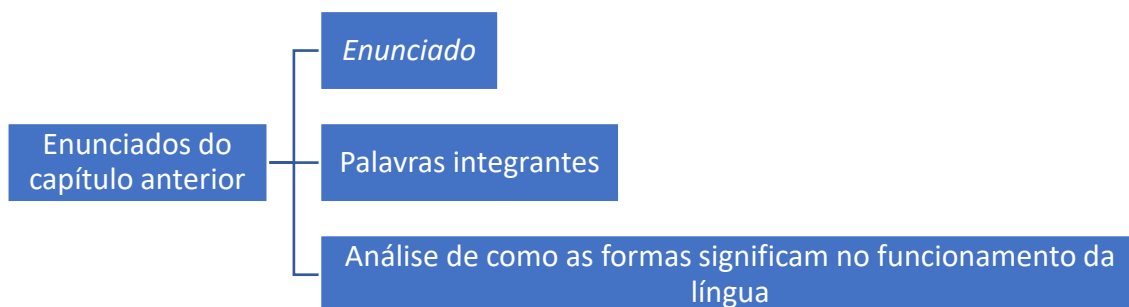
5 CONJUNTOS DE ENUNCIADOS

Analisar a linguagem humana requer um procedimento teórico-metodológico que leve em conta a particularidade de cada ato enunciativo. Dizemos isso, tomando a enunciação como algo sempre individual e novo. Ela, entendida como conversão da língua em discurso, cujo o produto é o enunciado, produz sentidos sempre atuais que são passíveis de interpretações.

Em vista disso, a noção de conjuntos de enunciados, elaborada no capítulo 3, permite interpretar de que maneira os signos linguísticos, constituintes do nível semiótico, recém evidenciados pela noção de conjunto de formas linguísticas, integram o nível semântico, se definem por uma relação sintagmática, e produzem um sentido global na enunciação de Benveniste.

Em tempo, para o procedimento analítico, selecionamos como *corpus* textual, os enunciados sondados no capítulo anterior. Também, traremos à baila a noção de conjuntos de enunciados de forma enunciativa e não na sua estrutura original, por ser mais simples de evidenciar os sentidos interpretados.

Seguimos a seguinte ordem para iniciar as análises:



5.1 Língua-discurso: uma análise via noção de conjunto de enunciados

Enunciados selecionados do texto: *A natureza do signo linguístico (BENVENISTE, 1939/2005)*

Conjunto de enunciados	
Enunciado	E
Palavras integrantes	PI
Análise no nível semântico	ANS
Problematizações	

E1: Esse terceiro termo é a própria **coisa**, a **realidade**. Saussure cansou-se de dizer que a ideia de “soeur” não está ligada ao significante s-ö-r, porém não pensa menos na **realidade** da noção. Quando fala da diferença entre b-ö-f (boi) e o-k-s (boi), refere-se, contra vontade, ao fato de que esses dois termos se aplicam à mesma **realidade**. Eis aí, pois, a **coisa**, a princípio expressamente excluída da definição do signo, e que nela se introduz por um desvio e aí instala para sempre a contradição (p. 54).

PI: coisa, realidade, boi, realidade objetiva, elemento da realidade, signo.

E2: [...] somente se pensa no **animal “boi”** na sua particularidade concreta e substancial... (p. 54).

PI: animal; boi.

E3: a ligação estabelecida entre uma **realidade objetiva** e um comportamento humano e se condena, assim, a não ver aí senão contingência. É claro que, com relação a uma mesma **realidade** todas as denominações têm igual valor (p. 55).

PI: realidade objetiva; realidade.

E4: O que é arbitrário é que um signo, mas não outro, se aplica a determinado **elemento da realidade**, mas não a outro (p. 56).

PI: elemento da realidade.

E5: Para o falante há, entre a língua e a **realidade**, adequação completa: **o signo** encobre e comanda a realidade: ele é essa **realidade** (p. 57).

PI: realidade; signo.

ANS: Estes enunciados, para nós, remetem a uma posição crítica de Benveniste em relação ao que Saussure (2003) teorizou sobre a constituição do signo linguístico. Saussure define o significado sendo o conceito, e o significante sendo a imagem acústica deste conceito. Garante que a natureza do signo linguístico é arbitrária, isto é, esta união entre significado e significante não tem relação com a realidade (extralinguístico). Benveniste (2005) não corrobora desta opinião, pois para ele, o significado de **boi** atrai forçosamente na sua consciência ao significante b-o-i (conjunto fônico). A palavra **boi** integra o sistema linguístico no/pelo qual Benveniste se significa. Tanto significado, quanto significante, foram impressos no seu espírito (cultura). Quando Benveniste escuta a imagem acústica **boi** evoca o **animal** que faz parte de sua realidade. Logo, o laço é necessário. Já está no seu mundo de significações este signo. Conseqüentemente, ele imprime na língua o sentido de animal. O que seria arbitrário diz respeito ao signo já consituído **boi**, sendo substituído por *jaqueta*, por exemplo. A oposição aqui é, sim, arbitrária. **boi** consitui seu valor por não ser *jaqueta*. Ambas as formas não estão vazias no sistema da língua. Elas são dadas pelo meio humano, a cultura. A linguagem, então, se realiza numa estrutura linguística e particular, inseparavelmente de uma sociedade definida e particular. O conceito de **boi** não muda somente atravessando uma fronteira. O que muda, o que sofre variações é como este signo no funcionamento da língua significa para o falante, num espaço e num tempo únicos e irrepetíveis.

Nesta ótica, a **realidade** da qual trata Benveniste é a cultura, a qual imprime os sentidos no homem que, pelo ato enunciativo, os semantiza. A criança, como vimos no tópico sobre cultura, aprende, através do *tu* o nome da **coisa**/signo (*boi*). Empregando a palavra *boi* ela age no mundo.

Problematizações:

1. Em se tratando de **realidade**, poderíamos substituí-la por cultura? Se sim, a coisa, o animal *boi*, o signo *boi* seriam os elementos (a língua?) da cultura que dependem do ato enunciativo para significarem.? A atualização de sentido dar-se-ia pelo *aqui* (na sociedade) – *agora* (no momento da enuciação) do sujeito?
2. A **referência** aqui pode ser designada como realidade? Ela pode ser usada como **cultura**?
3. Sob a perspectiva de que a criança quando emprega a língua, o signo *boi*, que tem uma **referência** na realidade a qual ela está, podemos inferir que referência

também seria sinônimo de **língua**, que para Benveniste é consituída por um laço necessário entre a imagem acústica e o conceito?

Enunciados selecionados do texto: ***Estrutura das relações de pessoas no verbo (1946/2005)***

Conjunto de enunciados	
Enunciado	E
Palavras integrantes	PI
Análise no nível semântico	ANS
Problematizações	

E6: *Eu* designa aquele que fala e implica ao mesmo tempo um enunciado sobre o “eu”: dizendo *eu*, não posso deixar de falar de mim. Na segunda pessoa, “tu” é necessariamente designado por *eu* e não pode ser pensado fora de uma situação proposta a partir do “eu”; e, ao mesmo tempo, *eu* enuncia algo como predicado de “tu”. Da **terceira**, porém, um **predicado** é bem enunciado somente fora do “eu-tu” se especificam (p. 250).

PI: terceira, predicado.

E7: A forma dita de **terceira pessoa** comporta realmente uma indicação de enunciado **sobre alguém** ou **alguma coisa**, mas não referida a uma “pessoa” específica. O elemento variável e propriamente “pessoal” dessas denominações falta aqui. É bem o “ausente” dos gramáticos árabes. [...] a “**terceira pessoa**” não é uma “pessoa”; inclusive a forma verbal que tem por função exprimir a “**não-pessoa**” (p. 250).

PI: terceira pessoa; sobre alguém; sobre alguma coisa; ausente; não-pessoa.

E8: Vemos agora em que consiste a oposição entre as duas primeiras pessoas do verbo e a **terceira**. Opõem-se como os membros de uma correlação, que é a correlação de personalidade: “eu-tu” possui marca de pessoa; “**ele**” é privado dela. A

“**terceira pessoa**” tem por característica e por função constantes de representar, sob a relação da própria forma, uma **invariante não pessoal** e nada mais que isso (254).

PI: terceira; ele; terceira pessoa; uma invariante não pessoal.

E9: É a própria **não-pessoa** que, **estendida e ilimitada** pela sua **expressão**, exprime o **conjunto indefinido** dos **seres não pessoais** (p. 258).

PI: não-pessoa; estendida; ilimitada; expressão; conjunto indefinido; seres não-pessoais.

E10: Correlação de personalidade que opõe as pessoas *eu/tu* à **não-pessoa *ele***; [...] Só a “**terceira pessoa**”, sendo **não-pessoa**, admite um **verdadeiro plural** (p. 259).

PI: não-pessoa; ele; terceira pessoa; verdadeiro plural.

ANS: Consideramos ser este o primeiro texto o qual Benveniste desenvolve um quadro que viabiliza o entendimento do que ele designa de *personalidade*. Determina *eu* e *tu* como sendo as pessoas que fazem parte da situação enunciativa. Dizendo *eu* designo o *tu*. Esta correlação de pessoalidade está implícita, isto é, *tu* somente existe quando *eu* se pronuncia. Isso significa que esta categoria linguística é indissociável na enunciação. Uma só existe em função da outra. Então, as pessoas *eu* e *tu* só existem na e pela enunciação. A dita terceira pessoa é definida como predicado, uma indicação de enunciado sobre alguém ou alguma coisa. Não se trata de uma pessoa específica, já que não é considerada por Benveniste uma pessoa (enquanto categoria linguística). Há uma ausência de pessoalidade na terceira pessoa *ele*. Esta última, designada como não-pessoa, na justa medida em que não participa da correlação supracitada tem por característica e por função representar. Isso quer dizer que quando *eu* fala expressa um conjunto estendido e ilimitado de “seres não pessoais”. A correlação de pessoalidade *eu/tu* instaura então a não-pessoa, a qual admite um verdadeiro plural de representações.

Problematizações:

1. Seria possível afirmar que a não-pessoa é a semantização da língua? Já que é sobre alguém ou alguma coisa (*boi*) que o *eu* fala, o enunciado, produto da enunciação seria o sentido que *boi* constitui no emprego da língua?
2. Se a não-pessoa não participa do par *eu/tu* e admite um verdadeiro plural, ela pode ser sinônimo de língua em funcionamento? Uma vez que quando o locutor se coloca como sujeito, sua enunciação é única, por isso a palavra *boi* teria distintos sentidos, devido a singularidade do ato enunciativo.
3. Se esta linha de pensamento se confirma, *eu/tu/ele* são indissociáveis. Não só *eu/tu*, como vimos. *eu* necessariamente necessita da língua para se significar, visto que o signo linguístico *eu* só existe e se torna pleno pois o indivíduo se apropria desta categoria linguística que está disponível no sistema da língua. Antes disso, a língua é só possibilidade de língua.

Enunciados selecionados do texto: **Comunicação animal e linguagem humana (1952/2005)**

Conjunto de enunciados	
Enunciado	E
Palavras integrantes	PI
Análise no nível semântico	ANS
Problematizações	

E11: Esses processos põem em ação um simbolismo verdadeiro embora rudimentar, pelo qual **dados objetivos** são transpostos em gestos formalizados que comportam **elementos variáveis** e de “**significação**” **constante** (64).

PI: dados objetivos; elementos variáveis; significação constante.

E12: Porque não há diálogo para as abelhas, a comunicação se refere apenas a **um certo dado objetivo**. [...] Vê-se a diferença da linguagem humana, em que, no diálogo, a referência à **experiência objetiva** e à reação a manifestação linguística se misturam livremente, ao infinito (p. 65).

PI: um dado objetivo; experiência objetiva.

ANS: Benveniste defende que a linguagem é distinta da comunicação das abelhas, tendo em vista a sua capacidade de permitir a formulação e interpretação de um signo que remete a uma certa realidade, a memória da experiência e a aptidão para decompô-la. O que as diferencia também é o fato da mecanização da mensagem das abelhas: é um código de sinais, o qual há uma fixidez de conteúdo e a transmissão unilateral. O linguista discute que a linguagem humana não conhece tal funcionamento. Apesar da comunicação das abelhas ter um dado objetivo (existência de alimento), isso não pode ser vocalizado e muito menos semantizado, na justa medida que não há o par *eu/tu* e, conseqüentemente, não há uma resposta. Considera o que seria o simbólico rudimentar na linguagem: “o sistema é válido no interior de uma comunidade determinada e de que cada membro dessa comunidade tem aptidões para empregá-lo ou compreendê-lo nos mesmos termos” (p. 64). Nessa ótica, por haver a troca de mensagens entre *eu/tu* e pela linguagem suscitar uma resposta, a linguagem humana tem o caráter de propiciar um substituto da experiência que seja adequado para ser transmitido, infinitamente.

Problematizações:

1. Os dados objetivos/signos seriam os integrantes da frase, já que em sua manifestação linguística (enunciação) são de sentido infinito?
2. Se o sistema da língua é válido no interior de uma comunidade, numa cultura determinada, não há limite dos conteúdos da linguagem humana?
3. Sobre os elementos variáveis e sua significação constante, é correto sugerir que isso é uma das características da língua do sujeito? Visando que *boi* possui uma significação que não muda numa cultura (convencionado), o que muda é o emprego, na língua materna, particular e único (enunciação), que alguém faz deste signo?

Enunciados selecionados do texto: ***A natureza dos pronomes (1956/2005)***

Conjunto de enunciados	
Enunciado	E
Palavras integrantes	PI
Análise no nível semântico	ANS
Problematizações	

E13: É preciso ver que a definição comum dos pronomes pessoais como contendo os três termos *eu*, *tu*, ***ele***, abole justamente a noção de “pessoa”. Esta é própria somente de *eu/tu*, e falta em *ele* (277-278).

PI: ele.

E14: Há enunciados de discurso, que a despeito de sua natureza individual, escapam à condição de pessoa, isto é, remetem não a eles mesmos mas a uma **situação “objetiva”**. [...] A **terceira pessoa** representa de fato o **membro não marcado** da correlação de pessoa. É por isso que não há truísmo em afirmar que a **não-pessoa** é o único modo de enunciação possível para as instâncias de discurso que não devam remeter a elas mesmas, mas que **predicam o processo de não importa quem** ou **não importa o que**, exceto a própria instância, podendo sempre esse *não importa quem* ou *não importa o que* ser munido de uma **referência objetiva** (p. 282).

PI: situação objetiva; terceira pessoa; membro não marcado; não pessoa; predicam o processo; não importa quem; não importa o que; referência objetiva.

E15: O que é preciso considerar como distintiva da “**terceira pessoa**” é a propriedade de 1.º de se **combinar com qualquer referência de objeto**; 2.º de não ser jamais reflexiva da instância de discurso; 3.º de comportar um número às vezes bastante grande de variantes pronominais ou demonstrativas; 4.º de não ser compatível com o paradigma dos termos referenciais como *aqui*, *agora*, etc (p. 283).

PI: terceira pessoa; qualquer referência de objeto.

ANS: Benveniste inicia sua reflexão considerando novamente o *e/le* como não-pessoa. Refere-se que, por sua natureza individual, o enunciado remete à uma situação objetiva. A não-pessoa é o único modo de enunciação para as instâncias de discurso. Isto quer dizer que a instância de discurso predica um processo (a enunciação) de não importa o que, ou não importa quem ser munido de referência objetiva. Destaca que a não-pessoa tem a propriedade de se combinar com qualquer referência de objeto.

Problematizações:

1. Se o enunciado remete a uma situação objetiva, ela seria a realidade e, conseqüentemente, a cultura do sujeito que o enuncia?
2. A língua seria o único modo de enunciação para as instâncias de discurso que contém *eu*?
3. A não-pessoa combina com qualquer referência de objeto, é o mesmo que dizer que o signo linguístico combina com qualquer referência de objeto e que seu emprego combina com o lugar no qual o enuncia?

Enunciados selecionados do texto: ***Da subjetividade na linguagem (1958/2005)***

Conjunto de enunciados	
Enunciado	E
Palavras integrantes	PI
Análise no nível semântico	ANS
Problematizações	

E16: Seguramente, na prática cotidiana, o vaivém da palavra sugere uma troca, portanto uma “**coisa**” que trocaríamos, e parece, pois, assumir uma função instrumental ou veicular que estamos prontos a hipostasiar num “objeto”. Ainda uma vez, porém, esse papel volta à **palavra**. [...] Para que a palavra assegure a “comunicação”, é preciso que esteja habilitada a isso pela linguagem, da qual é apenas a **atualização**. De fato, é na linguagem que devemos procurar a condição desta aptidão (p. 285).

PI: coisa; palavra; atualização.

E17: É preciso ter no espírito que a “**terceira pessoa**” é a **forma do paradigma verbal** (ou pronominal) que *não* remete a **nenhuma pessoa**, porque se refere a um **objeto** colocado **fora da alocação**. Entretanto existe e só se caracteriza por oposição à pessoa *eu* do locutor que enunciando-a, a situa como “**não-pessoa**”. Esse é seu *status*. A forma **ele**... tira o seu valor do fato de que **faz necessariamente parte de um discurso enunciado** por *eu*.

PI: terceira pessoa; forma; nenhuma pessoa; objeto; fora da alocação; não-pessoa; ele; parte necessária de um discurso.

ANS: O diálogo, o “vaivém” da palavra sugere uma troca. Da palavra à coisa e vice-versa. Todavia, o objeto o qual a palavra designa, a nosso ver, não é algo estritamente ligado à realidade. O sentido da palavra depende da atualização da língua feita por um falante. A referência, digamos assim, não é estável. Ela se altera, assim como o ato enunciativo. A coisa, a qual Benveniste se refere, é a terceira pessoa, a forma que não remete a nenhuma pessoa, pois se refere a um objeto que é posto fora da alocação, isto é, da correlação de pessoalidade *eu/tu*, o objeto constitui o discurso enunciado por *eu*.

Problematizações:

1. Se a palavra muda de sentido segundo o ato enunciativo, que é único e irrepetível, inferimos que a não-pessoa, a língua, quando atualizada em discurso constitui-se por ser sempre algo novo e efêmero. A mesma palavra pode sofrer variações de sentidos, isso dependeria de quem a emprega?

Enunciados selecionados do texto: ***Os níveis da análise linguística (1962-1964/2005)***

Conjunto de enunciados	
Enunciado	E
Palavras integrantes	PI
Análise no nível semântico	ANS
Problematizações	

E18: A linguagem refere-se ao **mundo dos objetos**, ao mesmo tempo globalmente, nos seus enunciados, sob a forma de frases, que se relacionam com situações concretas e específicas, e sob forma de unidades inferiores que se relacionam com “**objetos**” **gerais** ou **particulares, tomados na experiência ou forjados pela convenção linguística**. Cada enunciado, e cada termo do enunciado, tem assim um **referendum**, cujo conhecimento está implicado pelo uso nativo da língua. Ora, dizer qual é o *referendum*, descrevê-lo, caracterizá-lo especificamente é uma tarefa distinta, que não tem nada de comum com o manejo correto da língua (p. 137).

PI: mundo dos objetos; objetos gerais; objetos particulares; objetos tomados na experiência; objetos forjados pela convenção linguística; *referendum*.

E19: A frase é uma unidade [...] completa, que traz ao mesmo tempo sentido e **referência**: sentido porque é enformada de significação, e referência porque se refere a uma determinada situação. Os que se comunicam têm justamente isto em comum, uma certa **referência de situação**, sem a qual **a comunicação como tal não se opera**, sendo inteligível o “sentido” mas permanecendo desconhecida a referência (p. 140).

PI: referência; referência de situação; sem ela a comunicação não se opera.

ANS: A linguagem refere-se ao mundo dos objetos, das coisas, dos signos, que quando enunciados adquirem sentidos variáveis. Estes sentidos dependem da experiência humana ou do que uma comunidade linguística convencionou. Cada enunciado, ou cada termo tem um *referendum*, uma referência na realidade, no aqui

e agora, cujo conhecimento está implicado no uso nativo da língua. Isso quer dizer, sob nossa análise, que *boi*, na língua portuguesa, tem uma referência convencionalizada e que seu emprego, sua significância, depende da experiência do locutor. A frase, para Benveniste, é uma unidade completa, tem sentido e tem referência. Todavia, acreditamos que a referência a uma determinada situação é o que condiciona o sentido da frase. Nessa ótica, a semantização da língua depende do *eu*, do *tu* e do *ele*. Este último, para nós, o mais importante, já que sem a referência não há comunicação.

Problematizações:

1. A referência de situação, do que o *eu* fala ou se refere, são os signos convencionados por uma determinada cultura?
2. Se é pela língua que o homem assimila a cultura, a perpetua ou a transforma, o *ele* seria o impulsionador de tal processo?
3. Somente a não-pessoa pode fornecer a categoria linguística *eu* para a revelação da subjetividade? Isto é, a língua, o *ele* ou a referência é o que permite a enunciação?

Enunciados selecionados do texto: ***Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística (1963/2005)***

Conjunto de enunciados	
Enunciado	E
Palavras integrantes	PI
Análise no nível semântico	ANS
Problematizações	

E20: Empregar um símbolo é esta capacidade de reter de um **objeto** a sua estrutura característica e identificá-lo em conjuntos diferentes. Isso que é próprio do homem e que faz o homem um ser racional. A faculdade simbolizante permite de fato a formação

do conceito como distinto do **objeto concreto**, que não é senão um exemplar dele (p. 27-28).

PI: objeto, objeto concreto.

E21: O pensamento não é senão esse poder de construir **representações das coisas** e de operar sobre essas representações. É por essência simbólica. A transformação simbólica dos **elementos da realidade** ou da experiência em *conceitos* é o processo pelo qual se cumpre o poder racionalizante do espírito (p. 29).

PI: representações das coisas; elementos da realidade.

E22: A linguagem oferece o modelo de uma estrutura relacional, no sentido mais literal e mais compreensivo ao mesmo tempo. Relaciona no discurso palavras e conceitos, e produz assim, como **representações de objetos** e de situações, signos que são distintos dos seus referentes materiais.

PI: representações de objetos.

E23: A aquisição da língua é uma experiência que vai a par, na criança, com a formação do símbolo e a construção do **objeto**. Ela aprende **as coisas** pelo seu nome; descobre que tudo tem um **nome** e que aprender os **nomes** lhe dá a disposição das **coisas**. Mas descobre também que ela mesma tem um nome e que por meio dele se comunica com os que a cercam.

PI: objeto; as coisas; nome; coisa;

ANS: Parece-nos que símbolo e signo, conforme definição benvenistiana, constituem-se da mesma maneira. Quando um homem retém de um objeto sua estrutura característica e a identifica em conjuntos diferentes torna-se um ser racional. Esta faculdade simbolizante alude a ideia de que o homem ao se apropriar da língua semantiza um signo já convencionalizado. *boi*, por exemplo, tem a mesma referência enquanto objeto concreto para uma comunidade, todavia, o locutor, em sua experiência individual e única, produz sentidos distintos do convencionalizado. Para nós,

a representação é um signo “primário”, convencionado e que integra o sistema da língua, o nível semiótico. Este nível precisa dos elementos da realidade para constituir significações intralinguísticas. No entanto, a realidade da experiência imediata, ou seja, o ato enunciativo, o intentado que contém o vivido, engendra as relações de sentidos, as quais são infinitas e que não são dadas. O enunciado então carrega um sentido extremamente particular, pois quando o locutor enuncia *boi*, propõe uma realidade, um sentido, uma semantização da língua, que como viemos destacando, é irrepetível e singular. Este nome *boi* é aprendido pela criança pela díade objeto e construção do símbolo. Lembramos que ela aprende o nome da coisa pelo outro, ou por ela mesma. A língua como tal está presente em todos os lugares, como uma evidência (signos convencionados) ou uma necessidade (que surge da sua própria existência) (COQUET; FENOGLIO, 2014)

Problematizações:

1. Podemos considerar a língua como atividade semântica? Em nossa perspectiva, no domínio semiótico, há um jogo de relações entre signos e, conseqüentemente, de significações; no semântico, o emprego da língua produz sentidos únicos e isso caracteriza-se por uma significância, que é infinita.
2. O objeto convencionado, o *ele*, a *referência*, seria o que “impulsiona” a enunciação? Já que a língua dispõe de signos vazios (como o *eu*) que permitem o locutor se propor como sujeito? Sem esta referência já dada/convencionada não haveria comunicação? Sem a língua não é possível a sociedade e nem a assimilação da cultura?

Enunciados selecionados do texto: ***A forma e o sentido na linguagem (1967/2006)***

Conjunto de enunciados	
Enunciado	E
Palavras integrantes	PI
Análise no nível semântico	ANS
Problematizações	

E24: Efetivamente, desde que uma atividade é concebida como representação de alguma **coisa**, como "significando" **qualquer coisa**, é-se tentado a apelar para a linguagem (p. 223).

PI: coisa; qualquer coisa.

E25: A noção de semântica nos introduz no domínio da língua em emprego e em ação; vemos desta vez na língua sua função mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo, entre o espírito e **as coisas**, transmitindo a informação, comunicando a experiência, impondo a adesão, suscitando a resposta, implorando, constringendo; em resumo, organizando toda a vida dos homens (p. 229).

PI: as coisas

E26: Além disso, é necessário introduzir aqui um termo a que foi desnecessário apelar na análise semiótica: aquele do "**referente**", independente do sentido, e que é o **objeto particular** a que a palavra corresponde no caso concreto da circunstância ou do uso. Ainda que se compreenda o **sentido individual** das palavras, pode-se muito bem, fora da circunstância, não compreender o sentido que resulta da junção das palavras; esta é uma experiência corrente, que mostra ser a noção de **referência** essencial. É desta confusão extremamente frequente entre sentido e referência, ou entre referente e signo, que nascem tantas discussões vãs sobre o que se chama o princípio da arbitrariedade do signo. Esta distinção, que se verifica facilmente na semântica lexical, deve ser introduzida também na semântica da frase? Pensamos que sim. Se o "sentido" da frase é a ideia que ela exprime, a "**referência**" da frase é o **estado de coisas que a provoca, a situação de discurso** ou de fato **a que ela se reporta** e que **nós não podemos jamais prever ou fixar**. Na maior parte dos casos, a situação é **condição única**, cujo conhecimento nada pode suprir. A frase é então cada vez um acontecimento que desaparece (p. 231).

PI: objeto particular; sentido individual; referência; estado de coisas que a provoca; a situação de discurso; ao que se reporta; é algo que jamais se pode prever ou fixar; a situação é condição única.

ANS: A noção de semântica está vinculada sempre ao emprego da língua. A língua funciona como mediadora entre o homem e todas as experiências que ele pode viver. Benveniste define o referente enquanto independente do sentido, isto é, não estaria ligado ao nível semântico. O objeto concreto, a referência no mundo é essencial para a constituição do sistema linguístico, já que ele é convencionado por uma determinada sociedade. Somente a cultura permite que o sujeito elabore frases que jamais se preveja ou se fixe um sentido, uma vez que a enunciação, parte das formas linguísticas, do objeto dado, para se chegar ao nível do enunciado, do que se quer dizer e se diz. Esta condição, em grande parte, é única, e desaparece. Entendemos que o sentido de *boi*, apesar da referência ser a mesma, é sempre plural e inconstante. Esta variação depende do sujeito e do seu “aqui” e “agora”.

Problematizações:

1. Podemos considerar a referência como língua? Já que o objeto particular, *ele*, a língua, depende do locutor para constituir sentido e o *sujeito*, por sua vez, está constituído pela língua que lhe é dada pela cultura?
2. A língua materna, que contém elementos específicos, seria a estrutura apresentada à criança pelo corpo social? A partir deste processo ela passaria a semantizar a língua de maneira única?
3. Se o modo semântico prevê uma infinidade de empregos particulares, justificados pela enunciação, como seria possível uma metodologia que analisasse o sentido global?

Enunciados selecionados do texto: ***Estrutura da língua e estrutura da sociedade (1970/2006)***

Conjunto de enunciados	
Enunciado	E
Palavras integrantes	PI
Análise no nível semântico	ANS
Problematizações	

E27: É esta coincidência entre a língua como realidade objetivável, supra-individual, e a produção individual do falar que fundamenta a situação paradoxal da língua com respeito à sociedade. A segunda oposição, a do "eu-tu" / "ele" opondo a pessoa à **não-pessoa**, efetua a operação da **referência** e fundamenta a possibilidade do discurso **sobre alguma coisa, sobre o mundo, sobre o que não é a alocação**. Temos aí o fundamento sobre o qual repousa duplo sistema relacional da língua (p. 101).

PI: ele; não-pessoa; referência; sobre alguma coisa; sobre o mundo; sobre o que não é a alocação;

E28: A língua pode ser encarada no interior da sociedade como um sistema produtivo: ela produz sentido, graças à sua composição que é inteiramente uma composição de significação e graças ao código que condiciona este arranjo. Ela produz também indefinidamente enunciações graças a certas regras de transformação e de expansão formais; ela cria, portanto, formas, esquemas de formação; ela cria **objetos linguísticos** que são introduzidos no circuito da comunicação. A "comunicação" deveria ser entendida na expressão literal de colocação em comum e de trajeto circulatório.

PI: objetos linguísticos

ANS: A coincidência entre língua e realidade objetável, alude o fato de que os objetos concretos, a referência, a não-pessoa, a categoria linguística *ele*, o *sobre alguma coisa, sobre o mundo* são todos substitutos de língua. Mas pensamos ser mais do que isso, definimos como *língua* aquela que permite a sociedade e a interpreta. É dentro da, e pela, língua que o indivíduo e sociedade se determinam mutuamente. "O despertar da consciência na criança coincide sempre com a aprendizagem da linguagem, que a introduz pouco a pouco como indivíduo na sociedade" (BENVENISTE, 2005, p. 27). Acrescentemos: na sua cultura.

Problematizações:

1. Benveniste mais uma vez define o *e/e* como operador da referência e que fundamenta a possibilidade do discurso. Isso quer dizer que a referência é a língua?
2. Se o *e/e* fundamenta a possibilidade do discurso, estamos falando da língua, enquanto sistema linguístico?
3. A língua cria objetos linguísticos que são introduzidos no circuito da comunicação. Esta afirmação nos leva a crer que os objetos são os signos linguísticos convencionados e, a partir da enunciação, significam, já que a língua é o domínio do sentido.

Enunciados selecionados do texto: ***Semiologia da língua (1969/2006)***

Conjunto de enunciados	
Enunciado	E
Palavras integrantes	PI
Análise no nível semântico	ANS
Problematizações	

E29: A língua nos fornece o único modelo de um sistema que seja semiótico simultaneamente na sua estrutura formal e no seu funcionamento:

- 1.º ela se manifesta pela enunciação, que contém **referência** a uma situação dada; falar, é sempre **falar-de**;
- 2.º ela consiste formalmente de unidades distintas, sendo que cada uma é um signo;
- 3.º ela é produzida e recebida nos **mesmos valores** de **referência** por todos os membros de uma comunidade;
- 4.º ela é a única atualização da comunicação intersubjetiva.

Por estas razões, a língua é organização semiótica por excelência. Ela dá a ideia do que é uma função de signo, e ela é a única a oferecer desta função a fórmula exemplar (p. 63-64).

PI: referência; falar-de; mesmos valores.

E30: Ora, a mensagem não se reduz a uma sucessão de unidades que devem ser identificadas separadamente; não é uma adição de signos que produz o sentido, é, ao contrário, o sentido (o "intencionado"), concebido globalmente, que se realiza e se divide em "signos" particulares, que são as PALAVRAS. Em segundo lugar, o semântico toma necessariamente a seu encargo **o conjunto dos referentes**, enquanto que o semiótico é, por princípio, separado e independente de toda **referência**. A ordem da semântica se identifica ao mundo da enunciação e ao universo do discurso (p. 66-67).

PI: conjuntos dos referentes; referência.

ANS: Benveniste é categórico ao afirmar que a língua é o único modelo de um sistema que seja semiótico simultaneamente na sua estrutura formal: nível semiótico; e no seu funcionamento: nível semântico. Trata a língua como um sistema constituído pelos dois modos de significação. Parece-nos que é a definição mais esclarecedora de língua que encontramos em Benveniste. Nesta direção, a língua se manifesta pela enunciação e a referência está definida como sendo "falar-de". Sobre a forma **de** pensamos ser substituível por **sobre algo ou alguém**. A língua é também produzida e recebida nos mesmos valores. Estes valores se justificam, pois, "a linguagem representa a mais alta forma de uma faculdade que é inerente à condição humana, a faculdade de simbolizar" (BENVENISTE, 2005, p. 27). É por meio da faculdade de representar o real por um referente/objeto e de compreendê-lo como representante do real, que o homem o significa na sua enunciação e, conseqüentemente, no seu discurso.

Problematizações:

1. Os mesmos valores, o conjunto dos referentes pode ser substituído por língua? Logo, a referência, o falar-de está estritamente ligado ao modelo de língua que previu Benveniste: parte do semiótico, do que foi convencionado pela sociedade, da referência, para o semântico, da enunciação, do sentido irrepetível e efêmero. A problemática de Benveniste seria esta? De como ir da língua, sistema de signos, para a língua sistema significante?
2. Sua preocupação foi a de mostrar que da língua para o discurso, a enunciação, há um homem constituído pelo outro e pela sua cultura?

Enunciados selecionados do texto: **O aparelho formal da enunciação (1970/2006)**

Conjunto de enunciados	
Enunciado	E
Palavras integrantes	PI
Análise no nível semântico	ANS
Problematizações	

E30: Por fim, na enunciação, a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo. A condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de co-referir identicamente, no consenso pragmático que faz de cada locutor um co-locutor. A **referência** é parte integrante da enunciação. Estas condições iniciais vão reger todo o mecanismo da **referência** no processo de enunciação, criando uma situação muito singular e da qual ainda não se tomou a necessária consciência (p. 84).

PI: referência

ANS: Benveniste afirma que a referência é parte integrante da enunciação. Entendemos que, aqui, o autor trata do *eu* se colocando como sujeito. O ato de se apropriar da língua instaura a referência ao *eu*. Esta condição é reversível ao par *tu*. Há, nesta ótica, um jogo de referências *eu/tu*. Estes signos vazios se tornam plenos no momento que *eu* se referencia como sendo o locutor. Este proceso de referir pelo discurso, de apropriação da língua, é singular.

Problematização:

1. Se a referência, a língua, é o primeiro ponto de apoio para a revelação da subjetividade na linguagem, ela se caracterizaria por ser quem engendra toda a enunciação?

6 EM BUSCA DA NOÇÃO DE REFERÊNCIA NA OBRA DE BENVENISTE

Tínhamos como objetivo principal de tese, compreender, analisar e interpretar como Émile Benveniste, nos textos que constituem os PLG I e II, emprega a palavra *referência* e a signfica em sua enunciação. Para cumpri-lo, percorremos um caminho que evidenciou o lugar do autor nos estudos sobre a linguagem e, conseqüentemente, os efeitos de suas ideias linguísticas para a nossa investigação.

Selecionamos um *corpus* textual que se constituiu de alguns enunciados que compareciam nos livros Problemas de Linguística Geral I e II (BENVENISTE, 2005-2006), na intenção de responder a nossa hipótese de que a noção *referência*, na enunciação de Émile Benveniste (PLG I e PLG II), formava-se progressivamente, de maneira não metódica, como referência objetiva, enquanto categoria de não-pessoa e como produto da enunciação.

Ao longo da tese, buscamos dialogar com as próprias ideias de Benveniste sobre a linguagem, o que permitiu uma zona de conforto para analisar o emprego das formas e o emprego da língua.

Pela metodologia disposta em *Os níveis da análise linguística* (BENVENISTE, 2005), compreendemos que Benveniste sugere analisar a linguagem por dois vieses: o do semiótico e do semântico. Entendemos e mostramos isso ao longo dos capítulos 4 e 5.

Para responder nosso questionamento entorno do objeto recortado, a *referência*, sondamos os textos da obra de Benveniste (PLG I e PLG II), conforme elemento localizador, e evidenciamos, pela noção de *conjuntos de formas*, a distribuição de alguns signos linguísticos que poderiam ser substituíveis da forma *referência*.

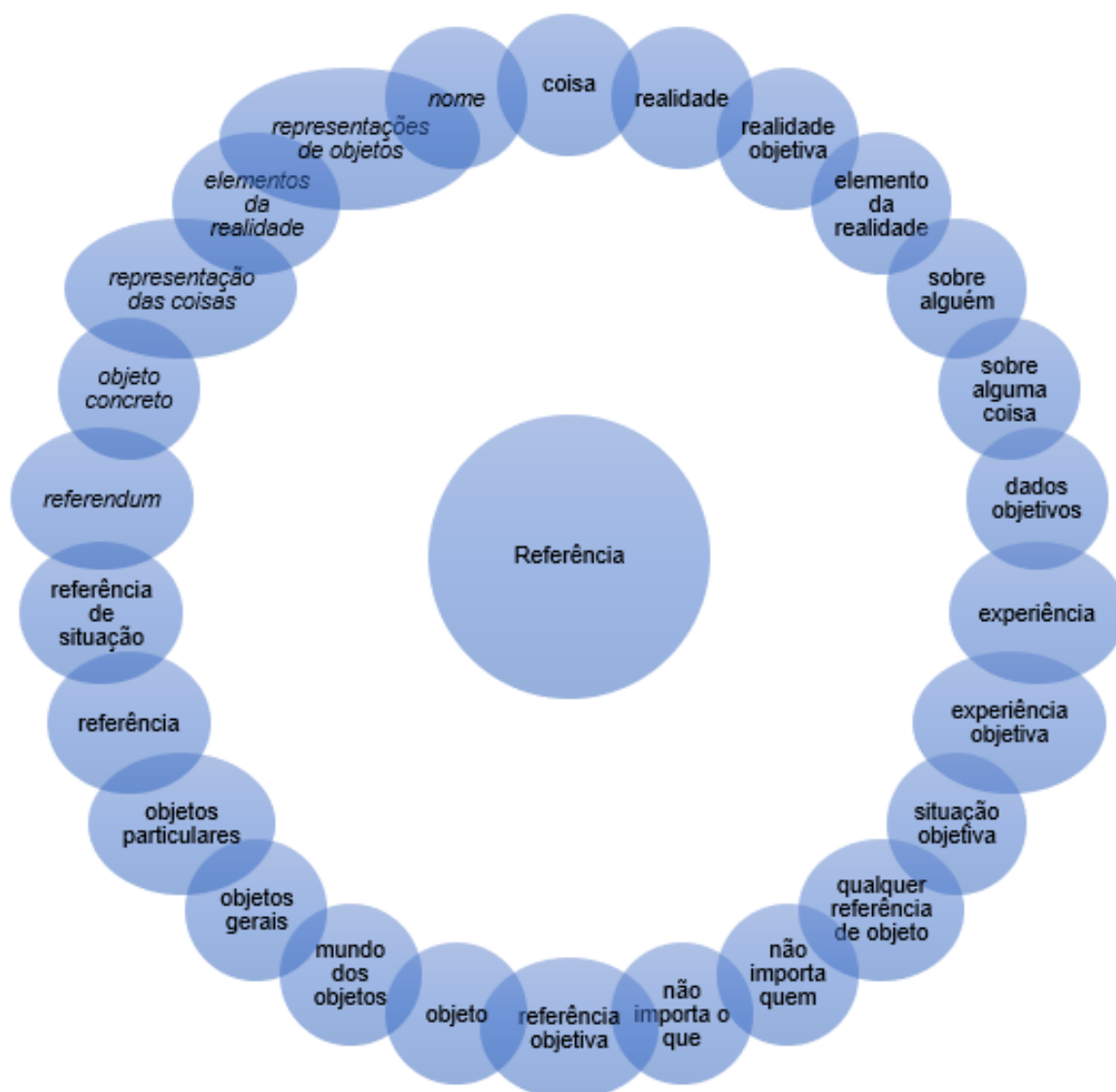
Adentramos no domínio semiótico da língua para compreender as relações de proximidades desses elementos que se significam por suas relações de proximidades e/ou oposição a outros elementos do sistema da língua.

Após este procedimento, baseamo-nos na definição de *conjuntos de enunciados* para analisar os elementos selecionados empregados em um nível superior, o do enunciado. Esta análise, no domínio semântico, permitiu interpretar como estes signos linguísticos integram a frase e produzem sentidos únicos e irrepetíveis na enunciação de Benveniste.

Com nossas análises, sugerimos para o campo do conhecimento sobre a linguagem, algumas ideias linguísticas que permitem um ponto de vista acerca do que Benveniste considera por *referência*.

6.1 A noção de *referência* em Benveniste

Em Benveniste (2005-2006) encontramos as seguintes regularidades de empregos da forma *referência* ou suas possíveis substituições:



Pela sondagem e análise via noção de conjuntos, percebemos que há 26 formas que se relacionam, pela sua proximidade de sentido, no eixo paradigmático da língua. Desde o texto *A natureza do signo linguístico* até *O aparelho formal da enunciação*, as palavras destacadas no organograma acima evidenciam que a forma *referência* ou os elementos possíveis de substituí-la comparecem nos enunciados de Benveniste.

Vemos que há uma certa regularidade de empregos, já que, em sua maioria, significam a realidade objetiva do mundo o qual o falante faz parte. Sobre o que ele fala, ou se refere.

Em relação a esta primeira constatação, compreendemos que a palavra *referência* significa, nos enunciados que constituem o *corpus* textual desta pesquisa, o **sistema da língua** do falante. Definimos isso, uma vez que estes *objetos concretos, sobre alguma coisa, sobre alguém, elementos da realidade, etc.*, são na verdade os signos convencionados pelo corpo social. Já estão na cultura na qual nasce o falante. É no emprego da língua materna que as *referências* significam de maneira única e irrepetível, assim como a respiração. Um processo singular e fundante.

Além disso, nos textos de Benveniste (2005-2006) que tem como tema a subjetividade na linguagem, os pronomes, estrutura verbal, percebemos outra forma de empregar a palavra *referência*: enquanto não-pessoa.

Contamos 12 elementos que poderiam substituir a forma linguística não-pessoa nos enunciados de Benveniste.

Vejamos:



Consideramos que estas palavras foram empregadas pelo autor quando discorria sobre a noção de pessoa, uma categoria linguística. As únicas pessoas da enunciação, como já evidenciamos nos capítulos anteriores, são *eu/tu*. Esta díade é necessária para que a língua funcione. *tu* é quem faz parte da enunciação. É para esta pessoa que *eu* enuncia. Esta correlação de personalidade é essencial para que haja a comunicação.

Contudo, Benveniste (2005-2006) afirma que a não-pessoa é de quem *eu* fala ou se refere: a *referência*. Se isso estiver correto, a não-pessoa, a *referência*, faz parte deste processo enunciativo, já que é a língua que dispõe das formas linguísticas *eu/tu*. Este seria o primeiro passo para a revelação da subjetividade na linguagem que se dá graças ao sistema linguístico que contém signos vazios que se tornam plenos no ato enunciativo.

Em síntese, nesta parte, a não-pessoa pertence a uma realidade subjetiva e que pode ser definida também como a **língua** do falante.

6.2 O que não faz parte da noção de *referência*: produto da enunciação

Se é do que o sujeito fala ou se refere, poderíamos afirmar que é na instância de discurso que isso tem sentido. O enunciado, produto da enunciação, é a língua em funcionamento. A *referência*, o sistema da língua, somente adquire sentido na enunciação.

O que percebemos é que essa forma linguística é muitas vezes substituída pelos seguintes elementos:



Como consideramos o enunciado como resultado da língua em ação, podemos dizer que ele é constituído de *elementos variáveis*, de *um verdadeiro plural de sentidos*, etc. Nessa ótica, entendemos que a *referência* no seu sentido global, não poderia substituir o enunciado, já que, para nós, ela é a língua, enquanto sistema de signos.

Ao finalizar nossas reflexões, destacamos que a noção de *referência* aqui elaborada, não tem por compromisso fechar as suas possibilidades de sentido na obra de Benveniste, já que cada sujeito tem um modo de analisar e compreender o objeto.

Por fim, a noção de *referência* na obra de Émile Benveniste (PLG I e PLG II) constitui-se, de maneira não metódica, somente por dois vieses: enquanto referência e não-pessoa, já que sob a nossa perspectiva, ambas as formas podem significar **língua**. E, como a respiração, o ato de apropriar-se da língua produz um verdadeiro plural de referências, de signos, de sentidos...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUROUX, S. **A questão da origem das línguas, seguido de A historicidade das ciências**. Campinas/SP: RG, 2008.

_____. **A revolução tecnológica da gramatização**. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1992.

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V. N.). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 14. ed. Tradução de M. Lahud e Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2014.

BALDINI, L. **Um linguista na terra da gramática**. Tese (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, 2005.

BARBISAN, L. B. **O conceito de enunciação em Benveniste e em Ducrot**. In: Revista Letras - nº. 33 – Émile Benveniste: Interfaces, Enunciação e Discursos. Santa Maria: PPGL-Editores/UFSM, 2006.

BARTHES, R. **O rumor da língua**. Lisboa: Edições 70, 1984.

BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral I**. 5ª. ed. Campinas: Pontes, 2005.

_____. **Problemas de linguística geral II**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006.

BERTUCCI, R. A. **O positivismo na teoria descritiva de Bloomfield**. Revista UEPG. Ponta Grossa, 16 (1), 67-82, jun, 2008.

BOUQUET, S. **Introdução à leitura de Saussure**. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2002.

BOUQUET, S.; ENGLER, R. **Escritos de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2004.

BRASIL. **Decreto-Lei n. 406, de 04.05.1938**. In Lex- Coletânea de Legislação. São Paulo: Lex Ed. Ltda, 1938.

BRAIT B. **Enunciação e intersubjetividade**. Revista Letras, Santa Maria, n. 33, p. 37-50, jul./dez. 2006.

CALVET, L.- J. **As Políticas Linguísticas**. SP: Parábola, 2007.

COLOMBAT, B; FOURNIER, J-M; PUECH, C. **Uma História das Ideias Linguísticas**. Editora: Contexto; Edição: 1ª., 2017.

COQUET, J-C; FENOGLIO, I. Introdução. In: Últimas aulas no Collège de France 1968 e 1969. Tradução de Daniel Costa da Silva [et al]. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

DOSSE, F. **História do Estruturalismo**. V.1: O campo do signo. Bauru: EDUSC, 2007.

DESSONS, Gérard. **Émile Benveniste, l'invention du discours**. Paris: Éditions In Press, 2006.

DUARTE, C. E. **Conjuntos numéricos**. Dissertação (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2013.

DUCROT, O. e TODOROV, T. Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem. 3ª ed., São Paulo, Perspectiva, 2001.

DUFOUR, D. R. **Os mistérios da trindade**. Rio de Janeiro: Campanha de Freud, 2000.

ELIZAINCÍN, A.; L. et al. **Nos falemo brasileiro**. Dialectos portugueses del Uruguay. Montevideo: Amesur, 1987.

FALCON, F. **História das ideias**. In: CARDOSO, C. F; VAINFAS, R. (orgs.). Domínios da história. Rio de Janeiro, Campus, 1997, p. 91-125.

FENOGLIO, I. **Manuscritos de linguistas e genética textual: quais os desafios para as ciências da linguagem?: exemplo através dos “papiers” de Benveniste**. Santa Maria, PPGL-Editores, 2013.

FILINICH, M. I. **Enunciación**. Editorial Universitaria de Buenos Aires. 1ª edição: agosto, 1998)

FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à Linguística: I. objetos teóricos**. São Paulo: Contexto, 2002. 226 p.

FLORES, V.; TEIXEIRA, M. **Introdução à Linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2005.

FLORES, V. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013.

FLORES V. N. et al. (Orgs). **Dicionário de linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

FLORES, V.; ENDRUWEIT, M. **A noção de discurso na teoria enunciativa de Émile Benveniste**. In: Revista Moara - n.38, jul./dez., Estudos Linguísticos, 2012.

FOUREZ, G. **A construção das ciências: introdução à filosofia e à ética das ciências**. São Paulo: UNESP/FUNDUNESP, 1995.

FRANCKEL, J-J. Referência, referenciação e valores referenciais. In: **Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação**. São Paulo: Contexto, 2011.

FRANCKEL, J-J; PAILLARD, D. Aspectos da teoria de Antonie Culioli. In: **Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação**. São Paulo: Contexto, 2011.

GIACOMELLI, K. **Ciência, Disciplina e Manual: É. Benveniste e a Linguística da enunciação**. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal de Santa Maria, RS, 2007.n

GIACOMELLI, K.; PIRES, V. Apresentação. In: **Émile Benveniste: interfaces, enunciação e discursos**. Santa Maria: n. 33 UFSM, 2006.

GOMES, N. M. T. **Perspectiva benvenistiana de língua: considerações iniciais para pensar uma interface com a linguística aplicada ao ensino**. In: Revista Letras

- nº. 33 – Émile Benveniste: Interfaces, Enunciação e Discursos. Santa Maria: PPGL-Editores/UFSM, 2006.

GRACINDO, R. V.; KENSKI, V. M. **Gestão de Sistemas Educacionais: a produção de pesquisas no Brasil**. WITTMANN, L. C.; GRACINDO, R. V. (Orgs.). **O Estado da Arte em Política e Gestão da Educação no Brasil – 1991 a 1997**. Brasília: ANPAE, Campinas: Autores Associados, 2001.

GREGOLIN, M. R. **Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso: diálogos e duelos**. São Carlos: Claraluz, 2004.

GUIMARÃES, E. **Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem**. Campinas, SP: Pontes, 3ª ed. 2005.

_____. **Semântica do Acontecimento**. São Paulo: Pontes, 2003.

HEGEL, Georg W. F. - **Fenomenologia do Espírito**, 5ªed., Petrópolis: Vozes, 2008.

KNACK, C. **Émile Benveniste e a linguística do discurso: repercussões no campo dos estudos textuais no Brasil**. Entretextos, Londrina, v. 13, n. 1, p. 308-333, jan./jun. 2013.

LAHUD, M. **A propósito da noção da dêixis**. São Paulo. Ática: 1979.

NORMAND, C. **Saussure - Benveniste**. In: Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. Santa Maria, nº 33, mar., 2006.

_____. **Convite à Linguística**. Valdir Flores do Nascimento e Leci Borges Barbisan (Orgs.). Trad.: Cristina de Campos Velho Birck et al. São Paulo: Contexto, 2009.

NÖTH, W. **A semiótica no século XX**. São Paulo, Annablume, 1996.

NUNES, José Horta. **Uma articulação da análise de discurso com a história das ideias linguísticas**. Letras, Santa Maria, v. 18, n. 2, p. 107–124, jul./dez. 2008.

ONO, A. **La notion d'enonciation chez Émile Benveniste**. Limoges: Lambert-Lucas, 2007.

ORLANDI, E. (Org.). **História das ideias linguísticas: construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional**. Campinas: Pontes; Cáceres: Unemat, 2001.

ORLANDI, E. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 4.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

MICHON, P. La historicidad en el prisma de la teoría de lenguaje de Benveniste. In: **DELACROIX, C.; GARCIA, P.; OFFENSTADT, N. (Dir.). Historicidades**. Waldhuter Edito: 2010.

PIRES, V; WERNER, K. C. G. **A dêixis na teoria da enunciação de Benveniste**. In: Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. Santa Maria, nº 33, mar., 2006.

RODRIGUES, R. S. V. **Historiografia-lingüística de Émile Benveniste**. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, 2016.

RONSANI, L. **Os efeitos de sentido da política linguística da era Vargas: os sujeitos e as línguas**. 111 p. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Santa Maria, RS, 2015.

ROSÁRIO, H. **Um périplo Benvenistiano: o semiólogo e a semiologia da língua**. Tese (Doutorado em estudos da linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, 2018.

SANGENIS, L. F. C. **Franciscanos na Educação Brasileira**. In: STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. Histórias e Memórias da Educação no Brasil – Vol. I – Séculos XVI-XVIII. Petrópolis: Editora Vozes, 2004. p.93-107.

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2003.

SAVIANI, D. **O Legado Educacional do Século XX no Brasil**. São Paulo: Autores Associados Ltda., 2004.

SILVA, C. **A criança na linguagem: enunciação e aquisição**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008a.

SILVA, K. A. **Saussure e a questão da referência na linguagem**. Campinas, SP: [s.n.], 2008b.

STURZA, E. R. **Línguas de Fronteira e Política de Línguas. Uma História das Ideias Linguísticas**. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

TEIXEIRA, M. **O estudo dos pronomes em Benveniste e o projeto de uma ciência geral do homem**. In: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de passo Fundo. V. 8. 2012.

ZANDWAIS, A. **Demarcando relações entre enunciado e enunciação a partir de diferentes leituras**. Guarapuava, v. 2, n. 1, p. 14-22, jul. 2011.